GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

CIRCUITO DO OURO
CAMPOS DAS VERTENTES

Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos de Minas Gerais

Volume 2

MT
719(815.1-0 Circuito do Ouro)
C578
v.2

Governador do Estado de Minas Gerais
Francelino Pereira dos Santos

Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral
Paulo Roberto Haddad

Presidente da Fundação João Pinheiro
Carlos Maurício de Carvalho Ferreira

Diretores da Fundação João Pinheiro
Fernando Oliveira de Sá Andrade
Delso Morais da Silva
José Ernesto Ballstaedt
Luiz Cláudio Junqueira Henrique
Geraldo Majella Moreira Duarte

GOVERNO FRANCELINO PEREIRA
Uma vida melhor. Com a sua participação.
MINAS

CIRCUITO DO OURO
CAMPOS DAS VERTENTES

Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos
de Minas Gerais

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral

CIRCUITO DO OURO - CAMPOS DAS VERTENTES

ATLAS DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS DE MINAS GERAIS

Convênio celebrado em 9 de março de 1979 entre a Secretaria de Planejamento da Presidência da República, a Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral através da Fundação João Pinheiro, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e as Prefeituras Municipais de Tiradentes, São João del-Rei e Prados, para elaborar os Planos de Desenvolvimento Urbano para estas cidades históricas, em Minas Gerais.

Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte. Assessoria Técnica da Presidência.
Circuito do Ouro-Campos das Vertentes : atlas dos monumentos históricos e Artísticos de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1981.
2v.

CDU: 725.94 (815.1-0 Campo das Vertentes)

Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Assessoria Técnica da Presidência

NT
719(815.1 Circuito do Ouro)
C598
v.2

CIRCUITO DO OURO - CAMPOS DAS VERTENTES

ATLAS DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS DE MINAS GERAIS

v.2

Belo Horizonte
1981

CR
Nº 666 - v.2
04/12/81

F.J.P. - BIBLIOTECA
60000666
NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Av. João Pinheiro, 146
Caixa Postal, 2210 - Telex: (031)1302
30.000 Belo Horizonte - MG

EQUIPE TÉCNICA

SUPERVISÃO E COORDENAÇÃO
José Ernesto Ballstaedt

ELABORAÇÃO
Herber Xavier
Jussara Maria Frizzera da Cunha
Marina Ewelina Wasner Machado
Susy Pimenta de Mello

COLABORAÇÃO
Maria Juscelina de Faria

ESTAGIÁRIA
Adalgisa Arantes Campos

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO
Paulo França Haddad Pereira dos Santos

DESENHO TÉCNICO
Francisco Batista Teixeira
Maria Ruth Siffert Pereira Diniz

MOD. FJP - 19/SG

SUMÁRIO

EQUIPE TÉCNICA iii

16 SÃO JOÃO DEL-REI 163

16.1 Síntese histórica 163
16.2 Acervo histórico-arquitetônico 166
16.2.1 Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar 168
16.2.2 Igreja de Nossa Senhora do Carmo 182
16.2.3 Igreja de São Francisco de Assis 193
16.2.4 Igreja de Nossa Senhora do Rosário 205
16.2.5 Igreja de Nossa Senhora das Mercês 211
16.2.6 Capela de Santo Antônio 217
16.2.7 Capela do Bom Jesus do Monte 221
16.2.8 Capela do Senhor do Bonfim 224
16.2.9 Capela de São Gonçalo Garcia 226
16.2.10 Capela de Nossa Senhora da Piedade 231
16.2.11 Capelas de Passos da Paixão 232
16.2.12 Antigo Passo Municipal e Cadeia, atual Prefeitura Municipal - Av. Hermílio Alves com Rua Gabriel Passos 234
16.2.13 Teatro Municipal - Av. Hermílio Alves 237
16.2.14 Casa mais antiga da cidade - Rua Santa Tereza nº 127/129 239
16.2.15 Casa de Bárbara Heliodora - Praça Frei Orlando, antigo Largo de São Francisco 240
16.2.16 Casa da Família Lustosa - Praça Embaixador Gastão da Cunha 242
16.2.17 Casa do Barão de São João del-Rei -Rua Padre José Maria Xavier, antiga Rua da Prata 243
16.2.18 Solar da Baronesa de Itaverava ou Casa da Família Vieira Castro - Rua Resende Costa, nº 5/17/21 244
16.2.19 Solar Tancredo Neves - Praça Embaixador Gastão da Cunha 246

16.2.20 Solar João Moura, atual Museu Regional do IPHAN - Rua Marechal Deodoro, nº 12, esquina com Praça Severino de Resende..... 248
16.2.21 Solar Guadalupe, atual mosteiro São José - Rua Padre José Maria, nº 16..... 251
16.2.22 Casa do Barão de Itambé, antiga Casa de Intendência - Praça Barão de Itambé..... 252
16.2.23 Casa do Padre José Maria Xavier..... 254
16.2.24 Ponte da Cadeia..... 254
16.2.25 Ponte do Rosário..... 256
16.2.26 Chafariz da Praça Carlos Gomes, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Carmo..... 257
16.2.27 Chafariz da Legalidade..... 258
16.2.28 Chafariz da Deusa Ceres - Praça Chagas Dória... 259
16.2.29 Pelourinho..... 260
16.3 Distrito de Arcângelo..... 260
16.3.1 Síntese histórica..... 260
16.3.2 Acervo histórico - arquitetônica..... 261
16.3.2.1 Igreja Matriz de São Miguel do Cajuru..... 261

17 TIRADENTES..... 265

17.1 Síntese histórica..... 265
17.2 Acervo histórico- arquitetônico..... 269
17.2.1 Igreja Matriz de Santo Antônio..... 271
17.2.2 Igreja de Nossa Senhora das Mercês..... 292
17.2.3 Igreja de Nossa Senhora do Rosário..... 301
17.2.4 Capela da Santíssima Trindade..... 313
17.2.5 Igreja de São João Evangelista..... 318
17.2.6 Igreja de São Francisco de Paula..... 326
17.2.7 Capela do Bom Jesus da Pobreza..... 329
17.2.8 Capela de Santo Antônio da Canjica..... 332
17.2.9 Conjunto de Capelas de Passos da Paixão..... 334
17.2.10 Chafariz de São José..... 335
17.2.11 Casa do Inconfidente Padre Toledo, atual sede da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade - Rua Padre Toledo..... 336

17.2.12 Casa com forro pintado na Rua Padre Toledo nº 114..... 341
17.2.13 Prédio da Prefeitura Municipal - Praça Berço da Liberdade..... 342
17.2.14 Prédio da Cadeia Pública - Delegacia de Polícia - Rua Getúlio Vargas..... 343
17.2.15 Prédio do Forum - Rua Herculano Veloso, nº 53.. 344
17.2.16 Casa da Cultura - Rua Padre Toledo nº 158..... 345
17.2.17 Prédio onde funciona o Mercado..... 346

18 BIBLIOGRAFIA..... 349

MOD. FJP-19/SQ

16 SÃO JOÃO DEL-REI

16.1 Síntese histórica

O Arraial Novo do Rio das Mortes, antiga denominação de São João del-Rei, foi um dos primeiros núcleos de povoamento da região do rio das Mortes, surgido por volta de 1703, em razão das pesquisas auríferas no vale do Córrego do Lenheiro. Os primeiros pontos de ocupação onde se localizam atualmente as igrejas do Senhor dos Montes, de Nossa Senhora das Mercês (na margem esquerda do Córrego do Lenheiro) e a Capela do Senhor do Bonfim, em local denominado Morro da Forca (na margem direita), constituíam a primeira faixa urbana de São João, bastante dispersa e rarefeita, limitando-se a espaçados agrupamentos de casas baixas e de uma capela dedicada a Nossa Senhora do Pilar.

A partir da criação da vila, em 1713, São João del-Rei cresceu, tanto em importância dentro da região das Minas quanto em espaço urbano. Até o final do século XVIII foram construídas várias edificações civis e, religiosas, como a Igreja do Rosário (1719), a nova Matriz do Pilar (1721), a Igreja do Carmo (1733), a Igreja das Mercês (1751), a Igreja de São Francisco de Assis (1749), a Casa de Fundição, a Casa do Ouvidor e da Intendência e as duas pontes de pedra - da Cadeia (1797) e do Rosário (1800), que deram à vila um caráter de centro urbano de relevo no contexto da Colônia. Em 1714, São João del-Rei foi escolhida para sede da nova Comarca do Rio das Mortes, passando a centralizar os principais atos e decisões políticas, administrativas e fiscais de grande parte do território mineiro. Além disso, a vila não foi atingida pela estagnação econômica decorrente da crise da mineração, pois, apesar do esgotamento precoce de suas jazidas, ela já vinha desenvolvendo, há algum tempo, paralelamente à atividade extrativa, uma produção mercantil de gêneros de subsistência, com significativa produção agrícola e pecuária.

A Vila de São João del-Rei acumulava, assim, as

MOD. FJP - 19/SG

funções de centro político e de pôlo do comércio atacadista regional, favorecida por uma situação geográfica privilegiada, no entroncamento das principais vias de escoamento das Minas Gerais. Saint-Hilaire, em viagem à região em 1817-18, destacou o seu alto grau de dinamismo comercial:

"Vê-se em São João, principalmente na Rua Direita, um grande número de lojas, geralmente muito bem sortidas. Não somente esta vila não tem esse ar de tristeza e abandono, peculiar a quase todas as desta província; não somente não se vêem, a cada passo, casas abandonadas caindo em ruínas, mas ainda tudo aí parece vivo e animado... As mercadorias que a vila de S. João em particular envia à capital em troca das da Europa, são o ouro, couros, toucinho, algodão em rama, queijos, açúcar, tecidos grosseiros de algodão e alguns outros artigos".[95]

São João del-Rei tornou-se cidade em 6 de março de 1838, através da Lei Provincial nº 93, quando tinha uma população urbana de 8.500 habitantes, cerca de 1.600 casas, distribuídas por 24 ruas e 10 praças, cemitério público fora do centro urbano, hospital da Santa Casa de Misericórdia, hospício dos Irmãos da Terra Santa, "Casa de guardar dinheiro" (mais tarde Banco Almeida Magalhães S.A., fundada em 1860 e um dos primeiros estabelecimentos de crédito de Minas),biblioteca pública (fundada em 1824), teatro, escolas públicas, jornais - (o primeiro "Astro de Minas" - data de 1827), Comando Superior da Guarda Nacional (desde 1853), serviços de correios (desde 1789), iluminação a querosene (desde 1866), três chafarizes públicos. Nesse momento, apesar de já não conservar

---

[95] SAINT HILAIRE, A. de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte, 1974. 233p. Citação: p. 111.

sua extensa liderança regional como centro de decisões institucionais, com a crescente redução da Comarca do Rio das Mortes, ainda se afirmava pelo seu amplo desempenho comercial.

Em 1881 inicia uma nova fase para São João del-Rei com a inauguração da primeira seção da Estrada de Ferro Oeste de Minas - São João/ Sítio (hoje, Antônio Carlos), estabelecendo a ligação com a estrada de Ferro Central do Brasil. Isso facilitava a comunicação de todo o Vale do Rio das Mortes com as zonas cafeeiras e com o Rio de Janeiro,centros consumidores importantes da produção agropecuária regional. Entretanto, nessa transição do século XIX para o século XX, percebe-se algum declínio da importância econômica do município no contexto mineiro, causado pela diversificação das fontes de ofertas dos produtos de abastecimento e pelo desenvolvimento do café na Zona da Mata e Sul de Minas, que alteraram o sentido do fluxo populacional e comercial do Estado, criando novos centros urbanos a oeste e ao sul.

Mesmo assim, São João conservou, por algum tempo, sua posição de relevo na hierarquia urbana de Minas Gerais. Sua base econômica diversificada permitiu a continuidade da expansão urbana e a introdução no município de um esboço de industrialização, como a criação da Cia. Industrial São-Joanense, de fiação e tecelagem, fundada em 1893 e ainda existente. Tanto é assim que a cidade foi objeto de estudo em 1893 para provável localização da nova Capital do Estado e só não o foi por razões que ultrapassaram suas potencialidades.

Após os anos 30, à medida que se alterava a realidade econômica do Estado, restringiu-se ainda mais a importância do papel polarizador de São João del-Rei. A crescente redução de sua área de influência, a perda da posição privilegiada frente aos principais fluxos comerciais, os problemas

com a sua estrutura agrária e as restrições ao desenvolvimento industrial limitaram a atuação econômica do município ao nível microrregional. São João conserva, ainda, algumas funções institucionais e de prestação de serviços aos municípios circunvizinhos, representados por diversos órgãos e entidades de utilidade pública que mantêm, atualmente, escritórios ou instalações de âmbito regional na cidade. Ressalta-se também o seu desempenho na área cultural, caracterizado pela existência, desde o século passado, de imprensa própria, de teatro e de diferentes associações musicais e literárias.

A herança histórico-artística da época do ouro é a grande riqueza atual de São João del-Rei. Seu acervo arquitetônico e paisagístico, composto por diversas unidades civis e religiosas, foi tombado no ano de 1943 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e é, hoje, um dos principais centros culturais do País e um dos grandes redutos da memória nacional.

16.2 Acervo histórico-arquitetônico

Considerando as edificações civis, podem ser notadas na cidade inúmeras casas térreas com cobertura em duas águas, beiral em beira-seveira e fachada resolvida com três vãos, bastante semelhantes ao casario de Tiradentes. Também podem ser notados inúmeros sobrados com linhas extremamente agradáveis, belas proporções e equilibrado jogo de vãos, destacando-se, entre estes, os solares Tancredo Neves, João Moura, Guadalupe e da Baronesa de Itaverava, bem como as casas da Família Lustosa e do Barão de Itambé. Destacam-se, ainda, a casa mais antiga da cidade, à Rua Santa Tereza, assim como a de Bárbara Heliodora.

Monumentos oficiais, como o Antigo Paço Munici-

pal e Cadeia, atual Prefeitura Municipal, por sua composição extremamente cuidada, com elegante decoração, e o Teatro Municipal, que apresenta fachada de inspiração neoclássica, porém com cuidadas proporções, são obras notáveis.

As pontes da Cadeia e a do Rosário, além da grande solidez, também se apresentam como belas soluções. O Chafariz da Legalidade, assim como os Chafarizes de ferro importados da Europa no século XIX, e que se situam nas Praças Carlos Gomes e Chagas Dória, constituem interessantes peças de época, sóbrios e bonitos.

Quanto à arquitetura religiosa, algumas construções se destacam, como a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, de requintada talha, bem como a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, com sua belíssima portada, e a Igreja de São Francisco de Assis, cujo frontispício e planta em curva são dos mais belos exemplos de arquitetura religiosa colonial mineira. Nestas duas últimas é importante destacar a participação de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, documentada ou atribuída, que lhes confere excepcionais características.

Também devem ser notadas as igrejas de Nossa Senhora do Rosário e das Mercês, não se podendo esquecer as capelas de fachadas e interiores mais simples, exemplos de arquitetura religiosa de pequeno porte, sobressaindo, entre elas, as capelas de Santo Antônio, do Bonfim e do Bom Jesus do Monte.

As capelas dos Passos da Paixão, espalhadas pela cidade, apesar de singelas, também são interessantes exemplos, como as da Piedade e do Bom Despacho, que apresentam surpreendente riqueza de talha.

A área que compreende o acervo arquitetônico e paisagístico da cidade foi tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN - conforme Inscrição nº 1 - Livro de Belas Artes, fl. 2, em data de 04 de março de 1938.

16.2.1 Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar

a) História

A iniciativa de construção da atual Igreja Matriz foi tomada por provisão de 12 de setembro de 1721, pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, a fim de substituir a primitiva Capela do Pilar, incendiada alguns anos antes, durante a Guerra dos Emboabas, e situada um pouco afastada do centro da vila, no local denominado Morro da Forca.

Em 1750, a Igreja já se encontrava praticamente concluída e ornada, conforme longa descrição contida em documento dessa época: "... a Matriz de N. Senhora do Pilar... , com frontispício para a principal rua que chamam Rua Direita, templo formoso com sete capelas cobertas de primorosa talha , quatro delas bem douradas... O seu pavimento é guarnecido de perfeitas grades bem torneadas, que formam o cruzeiro e duas coxias dentro das quais ficam os altares todos... Tem dois bem proporcionados púlpitos... E um grande coro apanelado e com sua talha assentada sobre três arcos abatidos que sustentam duas colunas e duas meias de ordem jônica; cinge a Igreja uma cimalha real da ordem compósita e as suas paredes abraçam

duas linhas de ferro bem pintados com pendurados de florões dourados...".[96]

Em princípios do século XIX, a Irmandade decidiu ampliar o corpo da Matriz, tendo em vista o atendimento a uma população mais numerosa. O risco do novo frontispício a ser construído foi idealizado pelo mestre Manoel Victor de Jesus, no ano de 1817, em substituição à fachada projetada por Francisco de Lima Cerqueira. As obras tiveram início no ano de 1816, sob a responsabilidade do mestre Cândido José da Silva.

Em 1824, por ocasião da chegada do novo Vigário da Paróquia de São João del-Rei, José Dias Custódio, os trabalhos se encontravam interrompidos, tendo sido novamente dinamizados por sua iniciativa e orientação. É o que consta em seu relatório ao Presidente da Província, do ano de 1849:"Chegando eu aqui em 1824, e havendo fallecido os q̃ mais se interessavão na referida obra, achei-a paralysada, tendo o alicerce do acrescimo projectado poucos palmos acima da superfície da terra. Fiz então ver... a outros devotos a necessidade absoluta de continuar-se com ella".

"E com effeito tal foi o seu fervor, zelo,e efficacia, q̃ apezar de não haver em caixa nem hum só real destinado para hum tão importante objeto, metterão mãos a obra, e não só a acabarão completam.e Como por milagre, mas a aformosearão com hum bello Adro cercado com grades de ferro, q̃ ennobrece a Igreja,...".[97]

---

[96] *OLIVEIRA, J. A. de. História do distrito do Rio das Mortes, sua descrição, descobrimento de suas minas, casos acontecidos entre paulistas e emboabas e criação de suas vilas. apud. ALVARENGA, L. de M. Catedral de Nossa Senhora do Pilar. In:-. As igrejas de São João del-Rei. Petrópolis,Vozes, 1963. p.9-20. Citação: p. 26-7.*

[97] *Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte (APM). Relatório do vigário José Dias Custódio, em resposta à circular do presidente da província José Ildefonso de Souza Ramos. 25 maio 1839.*

Entre os anos de 1850 e 1863, foram concluídos diversos trabalhos, como forro, soalho, arco das cimalhas e pintura do coro (1850-53), paredes da sacristia (1859) e um novo cemitério (1859-63). Entre 1874 e 1881, de acordo com Luis de Melo Alvarenga, deve ter sido acrescida à matriz o Consistório da Sala dos Irmãos, assim como aumentada a Capela do Santíssimo Sacramento.

Não há referência documental sobre época e autoria das obras de pintura. O forro da nave data provavelmente de princípios do século XIX, pois o viajante europeu John Luccock, quando esteve em São João del-Rei em 1817, descreveu-o com minúcia, dizendo ter sido recentemente pintado, à custa única de um negociante da vila, e por um artista local, fazendo referência, também, a outras pinturas já existentes na Igreja: "O moço, que assim demonstrou sua habilidade, é natural do país e nunca viu uma pintura a óleo, com exceção apenas das que a própria igreja de São João contém".[98] Luis de Melo Alvarenga acredita que o artista referido por Luccock seja o pintor são-joanense, Venâncio José do Espírito Santo.

A pintura do forro da capela-mor foi restaurada em 1957-58, por iniciativa do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, quando foi retirada a pintura sobreposta imitando madeira. Poucos anos antes, o mesmo SPHAN promoveu conserto no telhado da igreja e limpeza da tinta a óleo dos corredores laterais (1954-56).

A Matriz de Nossa Senhora do Pilar foi tombada individualmente pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), conforme Inscrição nº 328 - Livro Belas Artes - fls. 69, em data de 20 de novembro de 1949.

[98] LUCCOCK, J. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975. Citação. p. 302-3.

b) Arquitetura

Apresentando composição extremamente sóbria, a fachada da Matriz de Nossa Senhora do Pilar tem o corpo central definido por pilastras duplas de pedra e composta por três portas de verga abatida, com enquadramento em pedra formando friso e fechamento em almofadas, sendo que a porta central é mais alta e mais larga que as laterais.

Acima das portas há três janelas rasgadas por inteiro, com verga abatida e molduras em pedra, tendo elementos decorativos na parte inferior da soleira. Há guarda-corpo de ferro e o fechamento tem a parte inferior de madeira, a superior em vidro e a bandeira com caixilhos em diagonal.

As torres são quadrangulares e limitadas por cunhais de pedra, tendo na parte inferior uma porta de verga abatida com enquadramento em pedra e fechamento almofadado com bandeira em ferro e vidro. Acima fica uma janela rasgada por inteiro igual às do corpo central, sendo que, na torre do lado direito, o fechamento é em madeira. Também nesta torre há um relógio fingido e, na torre do lado esquerdo, um relógio verdadeiro. As torres têm cunhais de pedra que terminam em pináculos com janelas de arco pleno nos seus lados e com cobertura em forma de pináculo escalonado.

Todo o frontispício é limitado por uma robusta cimalha de pedra, acima da qual erguem-se as torres e em cujo centro há um frontão triangular terminado por cimalha de pedra e arrematado por uma cruz. No centro do frontão há um Agnus Dei policromado e nas suas partes inclinadas há pináculos de pedra. A fachada apresenta, ainda, quatro lampiões de ferro com mão francesa trabalhada. A cobertura do corpo da Igreja é em duas águas e em três planos.

O adro é protegido por uma grade de ferro com portão e a entrada é feita por ampla escadaria em pedra com curvas nos ângulos, havendo ainda pilares encimados por pináculos curvos.

A fachada lateral direita, na Rua Monsenhor Gustavo, apresenta um puxado assobradado correspondente à sacristia, tendo na parte térrea, cinco janelas com fechamento triplo: barras, guilhotinas e almofadas. As janelas têm verga abatida e peitorial em pedra. Há três portas, também de verga abatida e fechamento almofadado, havendo dois lampiões com mão francesa de ferro. No pavimento superior abrem-se oito janelas rasgadas por inteiro de verga abatida e guarda-corpo de ferro com pinhas de estanho.

O fechamento tem madeira na parte inferior e vidro na superior, bem como bandeiras com caixilho em diagonal. Na parte posterior do puxado da sacristia que corresponde à capela-mor há quatro janelas iguais às demais.

O telhado é de meia água com beira-seveira, em telhas coloniais e com galbo e, na fachada correspondente à capela-mor, há um óculo de forma elítica e o beiral é com cachorros.

A fachada lateral esquerda, à Rua Padre Lourival de Salvo Rios, também apresenta um puxado assobradado, tendo no térreo cinco janelas de verga abatida e fechamento triplo, iguais às da fachada oposta e no pavimento superior oito janelas rasgadas por inteiro, do mesmo tipo das da fachada lateral direita.

Também nesta fachada aparecem dois lampiões com mão francesa, de ferro, e, na parte da sacristia correspondente à capela-mor, a solução é térrea, com quatro janelas, iguais às do lado oposto. O beiral é em cimalha e na capela-mor há um óculo elítico, sendo o beiral com cachorros, e a cobertura em duas águas.

A fachada posterior, para o Largo das Mercês, atual Praça Francisco Neves, tem na parte central, correspondente à capela-mor, duas janelas de verga reta, enquadramento em madeira e fechamento com barras de ferro. Há dois lampiões

com mão francesa de ferro e duas janelas menores com fechamento em ferro. Os puxados são cegos e apresentam cunhais de massa, com socos de pedra e, no lado esquerdo, um capitel dórico, tendo beiral de cimalha. Do outro lado, o beiral é em beira-seveira e a empena tem um pequeno óculo no centro, apresentando beiral em cimalha simples.

O sistema construtivo da Matriz é em pedra e adobe.

c) Ornamentação

Com interior extremamente elaborado, a Matriz de Nossa Senhora do Pilar dispõe de amplo nártex no qual se situam duas pias de água benta em pedra. A divisão com a nave é feita por um tapavento em madeira entalhada e vidro que se inclui entre dois dos pilares de sustentação do coro.

O forro é dividido em três painéis de tábuas largas, estando o piso atualmente revestido por ladrilhos hidráulicos. Há uma porta de madeira formando grade de desenho curvilíneo, cujo enquadramento é resolvido em verga abatida e com as ombreiras em pedra. Esta porta abre-se para o batistério, no qual há um nicho com a imagem de São João Batista e também duas bacias de pedra, sendo a maior mais antiga e a menor, mais nova.

No forro do batistério há pinturas que representam o Espírito Santo, as quais, tendo cores muito vivas, parecem de feitura mais recente. O piso é em pedra.

No lado oposto, onde seria a escada para o coro, há outra parte igual à anterior que se abre para uma capela onde há uma imagem do Senhor Morto.

O coro é sustentado por quatro colunas de madeira, cujos socos são retangulares com almofadas, havendo representação de ânforas com motivos florais estilizados.

O fuste é estriado e há capitéis jônicos simples, com ábaco e entablamento formando três arcos abatidos. A balaustrada do coro é de ferro e sobre este, sustentando o forro, há duas pilastras e dois pilares de madeira com capitéis muito robustos, que formam uma cimalha sobre a qual repousam três arcos. Correspondendo aos dois pilares centrais há duas pinturas que apresentam vasos com flores. O forro do coro é em abóbada de berço.

A nave tem paredes pintadas de branco, e de cada lado, duas portas almofadadas com verga reta, enquadramento em madeira pintada de azul e sobreverga reta pintada de branco que forma uma cimalha. Logo acima abrem-se duas janelas rasgadas por inteiro com guarda-corpo de ferro, verga abatida, enquadramento em madeira pintado de azul e fechamento em madeira na parte inferior e vidro na superior, dispondo ainda de bandeira com vidros formando círculos concêntricos. Arrematando a porta há uma cimalha triangular em madeira dourada, com sanefa e talha na parte superior à feição de frontão, sendo que cada ombreira tem dois lampiões suspensos por correntes. Nas portas do primeiro pavimento, mais à frente, as almofadas superiores são em ponta de diamante. Em toda a volta da nave há um degrau de forma curva e sobre o qual fica uma balaustrada de madeira ricamente torneada.

Os altares laterais são quatro, havendo ainda mais dois nos lados do arco-cruzeiro. Do lado do Evangelho (à esquerda de quem entra), o primeiro altar lateral tem as imagens de São Francisco de Paula, Santa Bárbara e, no centro, Nossa Senhora da Conceição. Seu retábulo tem talha extremamente requintada, apresentando nas laterais duas peanhas com dossel, envolvidas por decoração com elementos florais e que terminam com cimalha ornamentada com cabeças de anjos, sobre as quais se assenta uma cornija. Na parte central, a talha apresenta-se à feição de cortina com borlas e panejamentos formando um dossel acima do qual há um arco com elementos florais e anjos terminado no centro por um escudo, acima do qual se ergue cimalha curva arrematada por grupos de anjos policromados e dourados.

Acima há uma águia em talha dourada, da qual pende um lampadário de prata do tipo Sabará.

O altar seguinte, do mesmo lado, tem sua talha formando elementos vegetais e volutas nas laterais que envolvem duas peanhas com dossel.

No retábulo há também uma cimalha com cabeças de anjos acima da qual se eleva um frontão em talha com elementos florais e um escudo na parte central. O acabamento é feito por outra cimalha à maneira de sanefa; encimada por uma composição com várias cabeças de anjos e inclusive, dois anjos de corpo inteiro nas laterais. A mesa do altar tem cartelas e nele estão as imagens de São João Nepomuceno, Sant'Ana, Nosso Senhor, São Joaquim e Santa Cecília, havendo também um lampadário do tipo Sabará pendente de uma águia em talha dourada.

Entre este altar e o do lado do arco-cruzeiro, assim como na parede oposta há portas para as sacristias que são resolvidas em verga reta e com enquadramento em madeira pintada de azul e fechamento em almofadas. A sobreverga apresenta cimalha branca e dourada com decoração superior em curvas e contracurvas e um escudo na parte central, encimado por rocailles.

No lado da Epístola (à direita de quem entra), o primeiro altar é formado por colunas salomônicas, envolvidas por folhas de parreiras e anjinhos em posições que acompanham as formas das colunas. Junto à parede, formando o arremate, há duas volutas. As colunas terminam em uma robusta cimalha sobre a qual se eleva o frontão, em talha ricamente trabalhada com elementos florais e tendo no centro um escudo encimado por rocailles.

Acima desta composição há outra cimalha que termina à feição de sanefa, também com elementos florais, e completando o conjunto, há diversos anjos dourados e policromados.

O camarim se resolve à feição de capela, com um tronco escalonado e forro ricamente trabalhado em abóbada de aresta, sendo que, nas laterais, também dispõe de bela talha, havendo, sob as colunas torsas, mísulas com anjos dourados e policromados. Neste altar devem ser observadas as imagens de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos, bem como o lampadário do tipo Sabará preso a uma águia em talha dourada.

No altar seguinte, a talha se desenvolve irregularmente na parede, formando curvas concêntricas no sentido do interior e tendo nas suas partes intermediárias peanhas com dosséis. O camarim apresenta trono escalonado com um resplendor entalhado em madeira na parte do fundo. Acima da cimalha continuam os círculos em profusa talha que é arrematada por um amplo escudo. Encimando o conjunto há outra cimalha, à feição de sanefa, com flores terminadas por uma composição com anjos policromados e dourados, sendo dois de corpo inteiro nas laterais. Devem ser notadas, neste altar, as imagens de São Sebastião, Santo Antônio de Pádua, São Geraldo e Nossa Senhora do Rosário.

Junto ao arco-cruzeiro, do lado da Epístola, há um altar cujo retábulo é definido por colunas torsas envolvidas por talha com flores e frutos.

No camarim há um pequeno trono escalonado com talha dourada formando um resplendor e tendo acima da cimalha uma composição com elementos vegetais em cujo centro há um escudo com cabeças de anjos. Arrematando o conjunto, há outra cimalha, à feição de sanefa, terminada por dois anjos que, lateralmente, sustentam o coroamento da talha que é terminada por rocailles. Neste altar deve ser observado o volume da talha bem como a imagem de Nossa Senhora dos Anjos ou da Glória e um crucifixo.

Do lado oposto, também junto do arco-cruzeiro há outro altar que se resolve com uma composição de colunas torsas, nas quais há também elementos florais. As colunas são en

cimadas por uma cimalha sobre a qual se lançam duas curvas nas quais há anjos semelhantes a quartelões. Na parte superior, há um escudo terminado por uma cimalha, também à feição de sanefa, com rica talha, arrematado por uma composição igual à do altar que lhe fica em frente. Devem ser notados, neste altar, a imagem de São Miguel Arcanjo, bem como um Crucifixo. As mesas desses altares apresentam nas suas partes frontais, do lado da Epístola, uma representação das almas, ladeada por rocailles e, do lado do Evangelho, um resplendor com monograma da Ave Maria.

Entre os altares laterais há dois púlpitos cujo tambor tem forma retangular e os ângulos chanfrados, abrindo-se em curva na base que também é retangular. Nos tambores há cartelas com motivos florais e anjos. As bacias têm forma côncova e nos ângulos há tarjas com decoração floral em relevo, terminando em volutas. Na parte inferior, o acabamento se faz com pinhas e na frente há um anjo como atlante. A porta tem verga abatida, enquadramento em madeira azul e fechamento almofadado pintado de amarelo. A sobreverga apresenta talha dourada formando o acabamento, e o abaixa-voz tem forma retangular com os ângulos quebrados, à feição de cimalha, com terminação em sanefa. A parte superior apresenta composição complexa, com vários anjinhos abaixo de uma base onde aparece uma figura que, no lado da Epístola, carrega uma cruz e, no lado do Evangelho tem um cálice na mão.

O forro da nave apresenta-se em tábuas largas com fundo branco, sobre o qual há uma pintura decorativa cuja composição central tem predominância de vermelhos e azuis dentro de um medalhão com curvas e contracurvas, guirlandas e vasos de flores e com a representação de Nossa Senhora da Conceição envolvidas por nuvens e cabeças de anjos, havendo, ainda, duas cartelas com inscrições em latim, respectivamente, do lado da Epístola: "TOTA PULCHRA ES MARIA ET" e, do lado do Evangelho: "MACULA ORIGINALIS NON EST IN TE". O medalhão central amarra-se às pinturas laterais por meio de guirlandas onde, sobre a cimalha, formam balcões nos quais aparecem diversas figuras de

santos, evangelistas e doutores da Igreja, sendo que, no arco-cruzeiro, há uma representação da cruz de Cristo, sustentada por anjos entre nuvens. Na parte correspondente ao coro, a pintura mostra colunas e elementos em rocailles terminadas por flores, havendo ainda um busto conduzido por um anjo e devendo ser observado que os balcões são resolvidos em "trompe-l'oeil".

O travejamento da nave tem também acabamento requintado, apresentando, junto à parede, uma peça recortada em madeira e pintada de dourado e verde, representando um dragão de cuja boca sai o travejamento. No centro das peças há pinhas com folhas, sendo que os travejamentos são três.

O arco-cruzeiro apresenta na base um soco arredondado com elementos decorativos inseridos em pequenos painéis encimados por uma cimalha acima da qual há uma parte estriada. Entre esta parte e outra cimalha mais elevada há farta decoração em talha dourada, incluindo elementos florais, anjos e cabeças de anjos, que é terminada com capitéis coríntios de grande riqueza. Lateralmente há chambrainles em arrecadas e o conjunto é arrematado por uma robusta cornija em branco e dourado.

A parte em arco é revestida internamente com a repetição dos mesmos elementos, tendo à frente cabeças de anjos policromados e guirlandas em talha dourada, com consolos também dourados.

Todo o conjunto é arrematado por um escudo de desenho caprichoso, que inclui uma rocaille na base e cabeças de anjos e um cálice com a Eucaristia no seu interior. Este escudo é sustentado por dois anjos de corpo inteiro em magnífica talha barroca em madeira policromada e que se assenta sobre a cornija que faz o acabamento final da composição. Há, ainda, um belo cancelo com balaústres ricamente torneados na base, formando ânforas e decorados com folhas de acanto.

A capela-mor tem forro em abóbada de aresta com marcação das nervuras em talha dourada com elementos vegetais, bem como nos painéis que apresentam rica talha dourada com composição em volutas e rocailles. No centro, formando o fecho, há um medalhão com uma pinha, sendo o fundo pintado de branco.

O piso é em tabuado estreito colocado em diagonal.

O retábulo se compõe de colunas torsas com elementos florais na parte superior e estrias na inferior. Entre cada conjunto de colunas há peanhas de talha extremamente requintada, com cabeças de anjos na base e dossel na parte superior, terminando em um feixe de plumas, havendo imagens de São João Batista menino e de São José de Botas. No tabernáculo, onde aparece o Agnus Dei, há uma riquíssima talha dourada onde aparecem cabeças de anjos policromadas. Delimitando o camarim há uma talha de delicada execução com curvas e contracurvas, volutas e anjos policromados com cornucópias assentados sobre volutas e grades com flores. O tabernáculo é esférico, tendo pintura dourada com desenhos de estrelas e, lateralmente, os símbolos dos Evangelistas. O conjunto repousa sobre cabeças de anjos policromados entre nuvens. Sobre o tabernáculo há ainda uma cimalha curva com cabeças de anjos e, coroando a composição, um pelicano sendo que há também, lateralmente, dois anjos ajoelhados, policromados.

O interior do camarim apresenta forro semelhante ao da capela-mor, no qual há lateralmente painéis com elementos de talha formando treliças com flores e com capitel coríntio formando uma espécie de pilastra onde há cabeças de anjos e outros elementos em talha dourada. O fecho do retábulo é composto por uma representação do Espírito Santo, com resplendor, e do Padre Eterno, cercado por anjos. Entre o retábulo e as paredes laterais há, de cada lado, dois anjos policromados que formam o arremate.

Na parede lateral, do lado do Evangelho, há na parte superior um óculo elítico com moldura em talha dourada formando volutas e rocailles, sendo o tímpano fechado por painéis em talha dourada com molduras curvas e que ladeiam o óculo.

Nesses painéis, a talha forma uma cartela envolvida por volutas e, entre as talhas e o óculo, formando o fundo, há volutas em sépia. A parte inferior é dividida em três painéis, por quatro pilastras que se abrem a partir da base, formando uma cariátide em dourado, na parte superior, que sustenta o capitel coríntio. Os dois painéis laterais apresentam uma composição de elementos curvos, guirlandas e vasos de flores, estando emoldurados em faiscado verde e dourado. A pintura é do tipo "trompe-l'oeil" e, no centro, há uma talha representando a Santa Ceia com moldura em dourado, arrematada por um medalhão também em talha dourada, e no qual há um escudo com cabeças de anjos, tendo, lateralmente, dois anjos de corpo inteiro sustentando guirlandas de flores. Na parte inferior, os painéis se repetem, sendo a ornamentação feita por rica talha com anjos, flores e escudos em dourado e a pintura de fundo com elementos conchóides em sépia. Abaixo, há cenas do Antigo Testamento mostrando, entre outros motivos, o Sacrifício de Isaac e pintados em tons de sépia, azul e branco.

No lado da Epístola repete-se a mesma organização decorativa, sendo que a tela representa uma Ceia com Madalena lavando os pés de Cristo, e, nas ilhargas, há também pinturas de paisagens.

No lado do Evangelho, a sacristia apresenta vários cômodos, sendo o primeiro um depósito e o segundo uma capela do Santíssimo Sacramento que tem forro em gamela com apainelados formando friso e pinturas representando cenas bíblicas, bem como dois medalhões com as inscrições: "MANETE IN DE LECTIONE MEA" e "DORMID COR MEU VIGILAT" e arrematado por uma cimalha junto à parede.

O piso é em tabuado e o retábulo tem talha de época com borlas vazadas à feição de sanefa, bem como cimalha curva com elementos em curvas e contracurvas formando o arremate superior.

O fundo do nicho é pintado com flores e nele se encontra uma imagem moderna do Sagrado Coração de Jesus. Lateralmente há duas portas almofadadas, de verga abatida, enquadramento em madeira e sobreverga, formando uma sanefa igual à do retábulo, coroada por talha em cartelas e rocailles.

Atrás do altar há um cômodo com escadas que se ligam ao trono.

O terceiro cômodo corresponde a um vestíbulo de entrada, tendo o forro plano com pintura decorativa formando um medalhão central, com uma árvore e elementos decorativos em rocaille nas cores vermelho, sépia, verde e azul. Formando a moldura do painel, nota-se uma saia e camisa bem marcada. O piso é em tábuas largas, havendo três bancos com saias e encostos recortados, bem como uma pia de água benta em pedra lisa e, na parede, uma cruz de mármore com a data "ANNO 1900 - 1901" e a inscrição "JESUS CHRISTUS/DEUS HOMO/VIVIT IMPERAT-REGNAT".

Este cômodo dá a impressão de ter sido ampliado, pois o forro apresenta uma parte com pintura branca sobre tábuas largas bem diferente do restante.

Os demais cômodos não apresentam decorações especiais, estando vazios.

No lado da Epístola, o primeiro cômodo tem forro de gamela em tábuas com pinturas representando a Fé, Esperança e a Caridade, bem como outros símbolos, como os da Paixão e de Nossa Senhora.

Nessa peça há duas janelas e bancos entalhados.

O segundo cômodo é uma sala de paramentos cujo forro se apresenta em barrete com representação dos quatro Evangelistas, tendo nas nervuras talha pintada de branco e, junto à parede, cartelas com os nomes dos Evangelistas bem como uma cimalha. Os armários contêm paramentos bordados ricamente em dourado, havendo ainda um arcaz curvo com gavetas e um lavabo em pedra-sabão com dois golfinhos formando torneira, tendo ao fundo conchóide. A bacia prolonga-se até o chão em composição de volutas e cartelas. Há duas janelas conversadeiras e o piso é em tabuado de duas cores, em diagonal.

O terceiro cômodo corresponde a um vestíbulo de entrada, tendo o forro reto com pintura decorativa sobre fundo branco com a representação das Almas do Purgatório nas cores azul, vermelho e verde. Há duas portas que dão acesso a um outro cômodo, que é usado como vestiário. As portas são almofadadas, pintadas de branco e com sanefas. Há uma pia de água benta em pedra, lisa, e uma cruz de mármore na parede com a data do Ano Santo de 1950.

16.2.2 Igreja de Nossa Senhora do Carmo

a) História

A iniciativa de construção da Igreja coube à Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, conforme autorização concedida pelo bispo do Rio de Janeiro, Dom Antônio de Guadalupe, a 10 de dezembro de 1732. Dois anos mais tarde, em dezembro de 1734, a capela-mor recebeu a bênção inaugural, pelo Pe. Antônio Pereira Corrêa.

As obras de construção do restante da igreja - nave, sacristia, tribunas, etc. - foram concluídas aproximadamente no ano de 1759, se estendendo os trabalhos de acabamentos e ornamentação até princípios do século XIX.

Em documentos contidos nos Livros de Termos da Irmandade, no ano de 1759 foram ajustadas as obras de pintura do forro da capela-mor com o mestre Estêvão de Andrade Silva, e as obras de pintura do forro do corpo com o mestre Bráz da Costa. O entalhador Manuel Roiz Coelho, em 1768, arrematou as obras do "Retábulo, Ilhargas, Camarins, Trono, Púlpitos tudo de escultura com a melhor perfeição"[99], tendo a Irmandade dado os trabalhos por concluídos em 1773. Algumas alterações foram efetuadas no risco original durante o decorrer das obras e mesmo após sua conclusão, em 1775, quando o mestre Manuel Coelho decidiu modificar o retábulo em alguns detalhes.

A execução do frontispício foi acertada no ano de 1787, com o mestre Francisco de Lima Cerqueira, "conforme a planta e risco que melhor for, e parecer mais acertado para formosura do Frontispício Torres e o mais...".[100] As obras se estenderam até aproximadamente 1816, tendo ocorrido durante esse período várias discussões a respeito da forma a ser dada à torres, que, no projeto original, deveriam ser arredondadas. A responsabilidade final da "absurda forma octogonal", de acordo com Germain Bazin, coube a Francisco Cerqueira que, em 1790, recebeu total autonomia da Irmandade para alterar o risco e "fazer as torres oitavadas porque assim ficarão mais vistosas e engraçadas".[101]

Mais algumas obras foram executadas até o ano de 1824, quando a igreja foi dada por concluída, levando assim cerca de um século para ser totalmente edificadas.

Alguns trabalhos de reforma e restauração foram executados no decorrer do século XIX - nova cobertura da igreja em 1824/26, reformas nos soalhos e forros em 1855, conser-

---

[99] *Livro de Termos da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo fl. 38 citado em:*
BAZIN, G. L'architecture religieuse baroque au Brésil. Paris, Librairie Plon, 1958. t.2. p. 103.

[100] *BAZIN, G., op. cit. nota 99, p. 109*

[101] *ibid*

tos e alterações nas talhas, dentre outros.

Pelo menos dois altares laterais da nave foram realizados entre 1884 e 1885, pelo entalhador Joaquim Francisco d'Assis Pereira, e o retábulo que compõe a Capela do Santíssimo Sacramento, inaugurada em 1940, teria pertencido à antiga matriz de Resende Costa.

O cemitério da Ordem do Carmo data provavelmente de princípios do século XIX, pois o portão que o guarnece foi executado no ano de 1836 pelo mestre ferreiro Justino José Ferreira.

Nesse século, pinturas e algumas pequenas reformas foram efetuadas na igreja em 1920 e, no período de 1954 a 1956, o SPHAN promoveu novos trabalhos de restauração.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo foi tombada individualmente, com o cemitério fronteiro, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), conforme Inscrição nº 90 - Livro Histórico - fl. 16 e Inscrição nº 193 - Livro Belas Artes - fl. 34, em data de 06 de julho de 1938.

b) Arquitetura

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo, cujo frontispício é atribuído a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, apresenta a fachada com torres curvas em solução pouco comum às construções religiosas mineiras.

Pintada de branco, seu corpo central é definido por duas pilastras com capitéis coríntios e socos marcados, em pedra-sabão. O embasamento também é em pedra e a portada apresenta extremo requinte, tendo nas ombreiras relevos e elementos decorativos que incluem cabeças de anjos. A verga tem recorte caprichoso e há uma cimalha bastante volumosa que é resolvida em composição que inclui uma cabeça de anjo na parte central, acima da qual há uma fita falante com a inscrição

"DOMINUS IN SION MAGNUS MARIA MATER DEUS IN LIBANO". Na parte superior há um escudo com dois anjos lateralmente e uma pinha no interior, que é coroado por um medalhão com a imagem de Nossa Senhora do Carmo tendo anjos aos pés. Acima do medalhão desenvolve-se complexa composição de anjos com os símbolos da Santíssima Trindade arrematado por uma coroa com uma cruz, sendo todo o conjunto em forte relevo e executado em pedra-sabão. As ombreiras da porta têm prolongamento à feição de capitéis arrematados por anjos com símbolos da Ordem do Carmo e com cartelas com as inscrições: "GLORIA LIBANI DATA EST" e "DE COR CARMELI & SARON".

Acima da portada abrem-se duas janelas de verga abatida, sobreverga com ornamentação com elementos vegetais e cimalha recortada e também decorada.

O fechamento das janelas é em guilhotina com caixilhos brancos, sendo que na parte inferior do peitoril há uma rica talha em pedra que confere ao perfil da janela linhas caprichosas.

O corpo central é encimado por uma robusta cimalha que inclui um óculo circular envidraçado. Nesta cimalha, que alcança também as torres, aparecem chanfros e gárgulas com carrancas na terminação. Acima da cimalha um frontão de recorte muito caprichoso com pináculos, volutas e meias volutas que é terminado por uma outra cimalha que tem uma parte mais elevada sobre a qual fica uma cruz de pedra trabalhada.

No centro da parte superior do frontão há um resplendor com as iniciais de Nossa Senhora e, ao lado da porta, instalam-se dois lampiões de ferro com mãos francesas.

As torres são chanfradas, com cunhais de pedra-sabão, tendo os socos bastante marcados e capitéis coríntios no arremate. Na parte inferior, o embasamento é em pedra, havendo um óculo no chanfro com grade de ferro e vidro. Logo

abaixo do óculo, em cada torre, há um lampião com mão francesa em ferro. Na torre do lado direito há uma placa alusiva a uma faísca elétrica que alcançou a Igreja.

A cimalha que define o corpo central se prolonga nas torres, tendo em cada um falso relógio de pedra. Acima da cimalha, as torres se elevam com os mesmos cunhais de pedra nas arestas dos chanfros, nos quais se abrem quatro janelas e sendo que na torre da direita há sinos.

As janelas das torres são também de pedra-sabão com verga em arco pleno, com aduela e acabamento à feição de moldura na terminação das ombreiras. Como arremate há uma cimalha com pináculos sendo a cúpula bulbosa e terminada por duas esferas armilares em ferro.

A fachada para a Praça Carlos Gomes, correspondendo ao lado direito, apresenta dois óculos na torre, e na parte relativa ao puxado da sacristia tem dois pavimentos, sendo que no primeiro abrem-se duas portas e quatro janelas com verga abatida e enquadramento em pedra. As portas têm fechamento almofadado pintado em sangue de boi e as janelas são de guilhotina. No segundo pavimento há seis janelas rasgadas por inteiro com verga abatida, enquadramento em pedra e guarda-corpo de ferro, tendo fechamento almofadado e a parte central envidraçada.

Os cunhais são em pedra amarela, exceto o da torre, que é em pedra cinza e tem capitel coríntio.

A cobertura é em meia-água com beiral de pedra e, na parte correspondente à nave, há dois óculos elíticos com enquadramento em pedra. A cimalha também é em pedra e os cunhais em massa com capitel dórico e pináculos.

Na parte relativa à capela-mor abrem-se cinco janelas de verga abatida e enquadramento em pedra, tendo fechamento em guilhotina com caixilhos brancos, bem como porta tam

bém de verga abatida e almofadada.

O beiral é em cimalha pintada de branco e a cobertura em meia-água com telhas coloniais.

Na parte de cima, correspondente à capela-mor, há duas janelas com verga em arco pleno, enquadramento em pedra e chanfradas. O beiral é em cimalha com aba bastante larga e outra cimalha mais estreita. A cobertura é em duas águas com telhas coloniais. As empenas, tanto da nave quanto da capela-mor, são terminadas por um perfil curvilínio simples, arrematado por uma cimalha que é terminada por uma cruz central e por pináculos laterais.

A fachada posterior também apresenta sacristia térrea, com quatro janelas com verga abatida, enquadramento em pedra e fechamento em guilhotina com caixilhos brancos. No beiral há uma cimalha de massa e a cobertura é em meia água com telhas coloniais havendo, ainda, cunhais e embasamento de pedra.

A fachada lateral esquerda, para a Rua do Carmo, tem sacristia assobradada na qual se abrem, no primeiro pavimento, quatro janelas de verga abatida, enquadramento em pedra e fechamento em guilhotina com caixilhos brancos, bem como duas portas, também de verga abatida e enquadramento em pedra e fechamento almofadado pintado em sangue de boi. No segundo pavimento há seis janelas rasgadas por inteiro com verga abatida, enquadramento em pedra e guarda-corpo de ferro com fechamento almofadado pintado de sangue de boi. Os cunhais e o embasamento são em pedra e a cobertura em meia-água, com telhas coloniais tendo o beiral também em pedra e as terminações em peito de pomba. Na parte correspondente à nave, há uma cimalha em pedra e na parte relativa à capela-mor, que é térrea, abrem-se cinco janelas de verga abatida, enquadramento em pedra e fechamento em guilhotina com caixilhos brancos, bem como uma porta com o mesmo acabamento e fechamento almofadado pintado em sangue de boi. O embasamento e os cunhais são de

pedra e, na parte superior da capela-mor, abrem-se duas janelas iguais às da fachada oposta.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo situa-se em uma praça formada pelas esquinas das ruas Getúlio Vargas e Resende Costa, em localização que acentua sua imponente volumetria, tendo ao lado a Praça Carlos Gomes com agradável jardim.

Próximo a esta praça, entre as ruas Santo Elias e Santa Tereza, situa-se o cemitério da Igreja, que é fechado por muros e cuja fachada principal tem um portão de ferro em cuja parte superior há as iniciais IIFR e a data 1836. Acima das portas há um pequeno frontão curvo, onde há símbolos funerários e, como coroamento, uma cruz bem como vasos de flores em relevo. O portão é entalado entre duas pilastras de pedra com capitéis dóricos que apresentam marcas de ter havido outra porta. Nesta fachada, que tem ainda duas pilastras e cunhais de massa, há dois lampiões com mão francesa de ferro.

Na entrada há dois degraus com curvas de três centros e, na fachada da Rua Santa Tereza, há vestígios de duas janelas e uma porta de verga alteada.

O embasamento é em pedra e as paredes em adobe, sendo o beiral, com cimalha, coroado por seis pináculos e com telhas coloniais aparentes e arremate em peito de pomba.

O interior é resolvido como um claustro aberto em arcadas, onde aparecem os gavetões nos corredores laterais.Os corredores têm cobertura de duas águas, em telhas coloniais com beiral em cimalha branca, e as paredes pintadas de ocre. O piso é de pedra e o forro de madeira em saia-e-camisa, havendo nas paredes alguns relevos com decorações representando flores estilizadas e símbolos do martírio de Cristo.

No corredor em frente ao portão há uma pequena capela e, no centro, na parte correspondente ao jardim, existem campas.

c) Ornamentação

Com rica ornamentação, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo tem um nártex muito alto com forro dividido em três painéis com pintura formando moldura e pequenos motivos florais nos ângulos com predominância da cor azul. O piso é em ladrilho hidráulico e há duas portas de entrada para o batistério e o coro, com verga em arco abatido, enquadramento e soleira em pedra e fechamento almofadado pintado de sangue-de-boi. As paredes são brancas e há um tapavento com entalhes em madeira e vidro.

Há, ainda, duas grandes pias de água benta com bacia em concha.

O coro tem perfil curvilínio muito acentuado e balaustrada de madeira torneada.

A nave tem quatro altares laterais e dois de chanfro que são iguais, dois a dois, paralelamente.

Os dois primeiros altares, tanto do lado da Epístola quanto do Evangelho, apresentam colunas salomônicas com motivos florais e peanhas com dosséis. A parte central do camarim é envolvida por uma rica composição, também com elementos florais, tendo uma pequena cimalha na parte superior, com um escudo envolvido por curvas e contracurvas. Do lado do Evangelho o escudo tem no centro uma cruz e uma cana e, no lado da Epístola, mostra açoites e a coluna onde Cristo foi flagelado. Na parte superior da cimalha, correspondente às colunas salomônicas, há anjos policromados nas laterais e, acima do escudo, sanefa com borlas encimadas por uma espécie de frontão em curva, que é arrematada por um florão.

Os altares laterais seguintes são resolvidos por colunas salomônicas que têm na base cabeças de anjos policromados, bem como peanhas com dosséis e, na definição do camarim, uma barra com elementos florais e guirlandas. Na parte

superior há um escudo que, no lado do Evangelho,apresenta uma esponja no seu interior e, no lado da Epístola, tem cordas e cravos. O arremate é feito com uma sanefa com borlas, terminada por um frontão com volutas formando um triângulo vazado no centro e encimado por um frontão.

Devem ser observadas as imagens de São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Dores, São Judas Tadeu, São Sebastião, Santo Antônio e Sant'Ana, estas últimas, com resplendores de prata.

Os altares de chanfro também apresentam a mesma solução com colunas salomônicas em branco e dourado, decoradas com flores, e tendo ainda peanha com dossel e um pequeno quartelão com curvas e contra-curvas arrematando o camarim.Na parte superior há uma cimalha com anjos policromados, de corpo inteiro, sendo que, na parte inferior das colunas salomônicas, há também cabeças de anjos policromados.

Arrematando o frontão há um escudo que, no lado do Evangelho, apresenta no interior um manto com um alicate e um martelo e, no lado da Epístola, um cálice com uma hóstia. Acima, existe uma cimalha mais simples com talha singela formando um frontão triangular, sobre a qual há um arremate maior também em talha e com elementos decorativos laterais.

Os púlpitos são dois, apresentando tambor abaulado com talha exuberante formando cartelas. A bacia é extremamente rica, com cabeças de anjos, e seu embasamento se forma em tronco de pirâmides também ricamente ornamentado. As portas são de madeira almofadada pintada de ocre, com enquadramento em pedra-sabão e sobreverga de caprichoso desenho com volutas e florões. O abaixa-voz tem sanefa e borlas bem como talha à feição de cortinas laterais. Sua parte superior tem uma talha escalonada que é arrematada por um anjo com trombeta.

Nas laterais da nave há um degrau com um balaústre torneado, bem como quatro pilares chanfrados revestidos

de madeira com pintura faiscada e arrematados por capitéis coríntios.

Entre o nártex e a nave há um grande arco, também em madeira faiscada, e, entre o arco do coro e os primeiros altares laterais, há portas muito altas com verga alteada, enquadramento em pedra e sobreverga com cartela e rocailles.

O forro da nave é em gamela, com tábuas largas pintadas de branco, tendo no centro um medalhão em relevo representando Nossa Senhora do Carmo com um Doutor da Igreja e um Papa com a inscrição João XXII.

O arco-cruzeiro tem base em pedra-sabão com talha em rocailles, sendo a parte intermediária estriada e o arremate em guirlandas. Há uma cimalha discreta com curvas e de corações que, no lado interno, se completam com um florão no coroamento central. O fecho é feito por um escudo sustentado por dois anjos policromados com a representação de Nossa Senhora e do Monte Carmelo.

O forro da capela-mor é resolvido por abóbada de de arco-abatido com nervuras paralelas, onde há talhas e alguns elementos policromados, bem como um florão central do qual pende um lustre de cristal em gotas.

O cancelo é curvo e tem balaustrada torneada.

O retábulo é marcado por quartelões laterais com rica talha, e acima dele ergue-se uma cimalha terminada por dois anjos policromados, havendo peanhas com dosséis trabalhados. As colunas têm capitéis coríntios com fustes estriados e bases envolvidas por elmentos vegetais. Formando o camarim há uma talha com curvas, contracurvas e cabeças de anjos, seguida por uma cimalha que é arrematada por volutas à feição de capitéis, sobre os quais situam-se anjos sustentando uma espécie de cortina que deixa ver os Sagrados Corações de Jesus, Maria e José.

Arrematando o conjunto há um escudo com o Monte Carmelo e a Santíssima Trindade tendo dois anjos nas laterais. O camarim se resolve por um trono escalonado com talha no interior e forro em barrete de clérigo. Na parte inferior do retábulo há duas portas com sobrevergas trabalhadas e sanefas e, arrematando o tabernáculo, há um pelicano com dois anjos tocheiros nas laterais. O frontal do altar-mor tem fundo branco com talha dourada, sendo que a capela-mor é toda pintada de branco.

As paredes laterais apresentam duas janelas de cada lado com vergas abatidas e que são definidas por conjuntos de quartelões, com cabeças de anjos e rica talha, tanto na sobreverga quanto na parte inferior. Mais abaixo, painéis formam cartelas com cabeças de anjos, e na parte central, há um medalhão à feição do óculo emoldurado por anjos e tendo inferiormente decorações mostrando no lado da Epístola, o profeta Elias tendo uma visão e, no lado do Evangelho, a Ascensão do Senhor. Abaixo do medalhão abrem-se portas para as sacristias, com verga abatida, sanefa com borlas e fechamento almofadado pintado de marrom claro.

Entre os altares de chanfro e os laterais há também portas de acesso às sacristias com verga em arco-abatido, enquadramento em pedra-sabão e sobreverga marcada por ampla cimalha, encimadas por janelas rasgadas por inteiro com enquadramento em pedra-sabão, guarda-corpo em madeira torneada e, tendo no fechamento madeira na parte inferior, caixilhos de vidro na superior e bandeira com envidraçamento em desenho irregular. Acima destas janelas há sanefas de madeira pintadas de branco e tendo o arremate em talha.

A sacristia do lado da Epístola apresenta forro em saia-e-camisa e dispõe de uma capela onde há uma imagem de Nossa Senhora do Carmo. O nicho do retábulo apresenta quartelões bem como peanhas e dosséis. No lado do Evangelho, a sacristia se subdivide em diversos cômodos, todos com forro de saia-e-camisa.

O primeiro corresponde ao fundo da Igreja e tem uma imagem de Cristo Morto, bem como uma mesa de reuniões com cadeiras. O segundo cômodo tem um armário sobre o qual uma imagem de Cristo Crucificado, com um dossel de talha branca e dourada, dispondo ainda de um lavabo de mármore de feitura nova. O terceiro cômodo corresponde a um vestíbulo de entrada a um corredor lateral onde há ex-votos antigos.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo tem estrutura em pedra e paredes de adobe, sendo que sua torre direita foi destruída por um raio em 06 de abril de 1894, sendo reconstruída em 15 de outubro de 1894.

16.2.3 Igreja de São Francisco de Assis

a) História

Coube à Ordem Terceira de São Francisco de Assis, no ano de 1772, a iniciativa de construção de uma nova igreja-sede, em substituição à primitiva capela existente desde 1749, e então em ruínas. Os primeiros preparativos para a construção tiveram início imediatamente após a decisão da Ordem e, em agosto de 1774, foram contratados os serviços do Mestre Francisco de Lima Cerqueira para "governar a dita obra e executar na forma de hum risco que se lhe apresentou" e "que se tinha mandado fazer a Villa Rica... pello qual risco se tinha dado de premio a quem o fez a quantia de secenta mil rêis".[102]

O documento não menciona o nome do autor do projeto, da mesma forma que nos dois desenhos do risco original do frontispício e da fachada lateral, atualmente pertencente ao Museu da Inconfidência (Ouro Preto), não consta qualquer assinatura. Baseando-se em análises estilísticas e comparativas,

---

[102] *Livro 2º de Termos da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, de São João del Rei documento citado em:*
BAZIN, G., op. cit. nota 99, p.111.

Lúcio Costa, em seu estudo sobre "A arquitetura de Antônio Francisco Lisboa, revelada no risco original da Capela Franciscana de São João del Rei"[103], diz que o projeto é seguramente de autoria do Aleijadinho, apresentando grande semelhança com o restante de sua obra.

Outros indícios através de documentos podem comprovar a presença do trabalho de Aleijadinho na Igreja de São Francisco, de São João del-Rei: no Livro 2º de Termos da Ordem, fl. 133v. e 134, em data de 11 de setembro de 1785, consta o nome de Antônio Francisco Lisboa, escrito na margem, substituindo o nome de Antônio Martins, riscado no texto, a quem se atribuía a autoria do projeto[104]; e ainda no "Livro de Registro de Fatos Notáveis", elaborado no ano de 1790 pelo vereador do Senado na Câmara de Mariana, Joaquim José da Silva, registrou-se ser o Aleijadinho o autor "do desenho da indicada igreja do Rio das Mortes (São Francisco de Assis de São João del Rei)".[105]

Entretanto, a polêmica a respeito da autoria do risco da igreja ainda permanece. Em trabalho de Alfredo Pereira de Carvalho, do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, é questionada a participação de Aleijadinho no projeto arquitetônico, reafirmando-se que Antônio Martins te-

---

[103] COSTA, Lúcio. *Arquitetura de Antônio Francisco Lisboa revelada no risco original da capela Franciscana de São João del-Rei.* Revista do PHAN-MES, Rio de Janeiro, (15):11-21, 1951.

[104] "1785-setembro 11. Termos em "que foi geralmente aprovado o sobrº risco que serve de supplmentº ao de Antº Mr'z" ... No texto está riscado o nome de Mr'z e a margem está escrito Francº Lxª"
1º 2º de "Termos" da Ordem 3a. fls. 133v documento citado em:
MARTINS, J. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais.* Rio de Janeiro, IPHAN, 1974. v.I, p.373

[105] MARTINS, J., op. cit. nota 104, p.373.

ria sido o verdadeiro autor do risco original e que a rasura existente na documentação seria uma falsificação. De qualquer forma, o mestre entalhador Antônio Martins trabalhou na igreja de São Francisco, provavelmente em obras de talha e imaginária.

Durante o decorrer das obras, o mestre responsável, Francisco de Lima Cerqueira, fez uma série de alterações no projeto original, seguindo suas próprias determinações, dando nova característica artística-arquitetônica à igreja: "Foi assim que alterou os capitéis das pilastras do arco-cruzeiro, modificou o desenho dos óculos da nave, cujas paredes 'ondulou' à feição do frontispício, e substituiu no telhado as tacaniças correspondentes às paredes do arco e da capela-mor por empenas à moda tradicional e de risco a um tempo banal e pretencioso", e "as torres, que no risco se mostravam redondas, foram feitas oitavadas, porque assim ficariam mais vistosas e engraçadas e na bela escultura do frontispício, a tarja com as armas da ordem, originariamente prevista, talvez, entre o medalhão e a coroa, foi transferida para a peanha, sobre a vêrga do portal".[106] Além disso, a sacristia foi construída em posição diferente da prevista no risco.

Francisco de Lima Cerqueira concluiu seus trabalhos na igreja em 1804, tendo sido executadas até então as obras da capela-mor, com o respectivo retábulo, da nave, da sacristia e demais obras menores. Em 1809, o acabamento da torre (empena) e do coro (arco) ficou sob responsabilidade do mestre Aniceto de Souza Lopes, a quem se atribui também a execução dos baixos relevos do frontão e do medalhão da portada.

O conjunto de talha, compreendendo a capela-mor, dois altares do arco-cruzeiro, quatro altares da nave e dois púlpitos, constituem obras com nítida influência da escola de Aleijadinho. A capela-mor, datada de 1781, foi executada pelos mestres Francisco de Lima Cerqueira e Luis Pinheiro de Sou

---

[106] *COSTA, Lúcio, op. cit. nota 103, p.20.*

za. Os altares do arco-cruzeiro e da nave são do princípio do século XIX, apresentando estilo mais evoluído, sendo os dedicados a São Pedro de Alcântara, Santa Lúcia e Santa Bona executados pelo entalhador João Alves dos Santos, seu filho Carlos José e Jerônimo de Assunção, no ano de 1827.

O adro foi iniciado em 1871, pelo mestre Gabriel Pereira de Amorim, tendo as obras se prolongado até 1874, aproximadamente.

Por ocasião da visita pastoral de Dom Frei José da S.S. Trindade a São João del-Rei, entre 1821 e 1826, a igreja de São Francisco se encontrava "toda coberta mas sem forro e as paredes por rebocar, com cinco altares de boa talha por pintar, tendo só o altar-mor pintado de branco com seu forro, e o campamento não está acabado".[107]

Em época recente, a igreja passou por uma série de consertos e reformas, promovidas pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: em 1954, foi feita a restauração do soalho do coro e do trono de altar-mor, e a instalação elétrica na igreja; em 1956, promoveu-se a junção com cimento da escadaria do adro; e em 1959, realizou-se a revisão e reconstrução da cobertura e a reforma dos degraus do altar, entre outros serviços. Posteriormente, o SPHAN retirou a tinta branca dos altares colaterais, ficando na cor natural da madeira.

A Igreja de São Francisco de Assis foi tombada individualmente pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), conforme Inscrição nº 78 - Livro História - fl. 14, e Inscrição nº 164 - Livro Belas Artes - fl. 29, em data de 15 de julho de 1938.

---

[107] *Arquivo Eclesiático da Arquidiocese de Mariana, Mariana, Livro de visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade. 1821/1826. Citação: p.408.*

b) Arquitetura

Com excepcional solução volumétrica, a Igreja de São Francisco de Assis tem seu corpo central definido por dois cunhais de pedra-sabão com capitéis coríntios e socos marcados. A belíssima portada central, toda resolvida em pedra-sabão, tem verga e ombreiras de linhas caprichosas com magnífica talha que acompanha todo o seu perfil e termina em socos. Acima desta talha há dois medalhões com a data de 1774 e as iniciais JVS entrelaçadas, que são arrematadas por cabeças de anjos e guirlandas de flores. Acima há ainda um capitel coríntio com exuberante talha arrematada por uma cimalha.

A porta é almofadada e pintada de marrom, tendo na parte superior uma cimalha com guirlandas de flores e cabeças de anjos e que é coroada por duas volutas sobre as quais assentam-se anjos. Na parte superior aparece uma rica composição com um medalhão que inclui o escudo de Portgual de um lado, tendo do outro uma composição com a cruz de São Francisco e chamas. Este conjunto é encimado por cabeças de anjos e outro medalhão com a representação de Nossa Senhora da Conceição em meio a guirlandas de flores e fitas falantes. Como arremate há ainda cabeças de anjos e uma coroa com forte relevo.

Acima desta belíssima portada abrem-se duas janelas rasgadas por inteiro com enquadramento em pedra-sabão, verga caprichosa e sobreverga com cimalha arrematada por volutas e talha exuberante que desce pelas ombreiras havendo, na parte inferior, decorações em talha. O fechamento é em caixilhos de vidro, pintados de branco.

Acima destas janelas, rasga-se um óculo circular envidraçado, sobre o qual há uma robusta cimalha em pedra-sabão e que apresenta volutas nas extremidades.

O frontão caprichoso é arrematado por pináculos e apresenta rica talha tendo no centro, em complexo composição de curvas e contracurvas, a figura de São Francisco rece-

bendo os estigmas no Monte Alverne.

Terminando o conjunto há uma pequena cimalha de linhas irregulares, tendo no topo uma cruz de pedra.

As torres são circulares, com cunhais de chanfro encimalhados por capitéis coríntios e com socos marcados. Na parte da frente das torres há dois óculos com lampiões com mão francesa de ferro e, superiormente; há cimalhas com dois relógios fingidos em cada torre bem como quatro janelas de verga de arco pleno com sobreverga e peitoris curvos, tendo enquadramento em pedra. Abaixo das janelas com os sinos há elementos circulares em pedra.

Os cunhais são arrematados por capitéis coríntios, acima dos quais há uma cimalha em pedra formando uma balaustrada com elementos vasados e pináculos. As torres têm cúpulas circulares arrematadas por pináculos e, na sua parte posterior, há óculos irregulares.

Na fachada lateral, do lado da Epístola (direito), na parte correspondente à capela-mor, abrem-se dois óculos e uma janela com enquadramento de pedra e sobreverga com pequena cimalha. A capela-mor tem cobertura de duas águas e seu beiral é resolvido com cimalha real, aba e cimalha, havendo cunhais com capitéis coríntios. A sacristia apresenta-se térrea com cobertura de quatro águas, telhas coloniais e arremate em peito de pomba, tendo quatro janelas e duas portas de verga abatida e enquadramento em madeira. As janelas têm fechamento em guilhotina e grades de ferro e a porta é almofadada. O beiral é em cimalha de pedra havendo cunhais e embasamento também em pedra. Na parte correspondente à nave, a cobertura é também em duas águas, do tipo dorso de camelo, com cimalha real e apresentando duas janelas rasgadas por inteiro, um óculo e duas portas, com molduras em pedra e sobreverga em cimalha.

A fachada lateral do lado do Evangelho tem na parte referente à capela-mor, dois óculos e duas janelas rasgadas por inteiro com enquadramento em pedra e fechamento em ferro no exterior e vidro no interior. O beiral é em cimalha real, também em pedra e os cunhais tem capitéis coríntios. Na parte correspondente à nave, repete-se a cimalha real e os cunhais em pedra com capitéis coríntios abrindo-se na parede um óculo e duas janelas rasgadas por inteiro superiormente, bem como duas portas no pavimento térreo. Todos os vãos apresentam enquadramento em pedra, sendo os superiores com sobrecarga também em pedra e fechamento igual aos da capela-mor. As portas são almofadadas, sendo que uma delas tem sobrecarga trabalhada com elementos decorativos.

A fachada posterior tem sua parte central definida por dois cunhais de pedra com capitéis coríntios e socos marcados, nela se abrindo dois óculos irregulares e um elítico, todos com enquadramento de pedra. Na parte da sacristia há uma janela com enquadramento de pedra, fechamento em guilhotina e grade de ferro, havendo cunhais também em pedra. Acima da cimalha real que coroa a parte posterior da capela-mor, ergue-se uma empena curva com um óculo circular, dispondo de pináculos laterais, e arrematada por uma cruz em pedra sobre base curva. O corpo da nave também é arrematado por uma empena curva, igual à da capela-mor.

Na parte posterior da Igreja há um cemitério e, em toda a sua volta, existe um pequeno jardim.

O adro é resolvido com linhas elegantes, dispondo de uma balaustrada com elementos vasados, portões de ferro e escadaria em três lances, também com balaustrada e pináculos, apresentando os degraus com três curvas e com uma grade de ferro protegendo a entrada, na qual há ainda dois conjuntos de lampiões. Em frente à Igreja situa-se o Largo de São Francisco, atual Praça Frei Orlando, com pequeno jardim onde se implantam belas palmeiras imperiais.

c) Ornamentação

Apresentando um interior magnífico, a Igreja de São Francisco de Assis tem nártex muito alto com forro de tábuas largas cimalha e aba, demarcado por um tapavento de madeira entalhada e vidro. O piso é em ladrilho hidráulico e as portas para o batistério e o coro têm enquadramento em pedra, verga abatida, sobreverga com cimalha formando ressalto nas ombreiras. O fechamento é em madeira almofadada e as paredes são pintadas de branco.

O coro é sustentado por duas pilastras das quais nasce um arco abatido, cujo vão ocupa toda a largura da capela. As pilastras são de pedra com um embasamento avantajado, fuste chanfrado com moldura formando friso, e arrematadas por capitel dórico e cujo volume acompanha o do embasamento. O arco é também formado em pedra e chanfrado, tendo no fecho um elemento formando volutas e, na parte central, um florão do qual pende um lustre. O coro tem perfil curvilíneo com três centros, dispondo de balaustradas torneadas e, abaixo dela, corre uma cimalha de pedra com triângulos nos ângulos de fechamento.

Na parte superior do coro aparecem, ainda, duas pilastras laterais que sustentam outro arco com o mesmo acabamento do inferior. O coro tem forro em abóbada de berço com tabuado largo e pintado de branco.

A nave tem seis altares laterais, dois dos quais de chanfro, e que se apresentam em madeira sem pintura. O forro é em gamela, pintado de branco, em tabuado, com um medalhão central em talha dourada com motivos florais, curvas e contracurvas. Junto à parede há uma cimalha avantajada, pintada em cinza e com aba branca, arrematada por outra cimalha em cinza. Acima da primeira cimalha há uma balaustrada vasada que circunda toda a nave à feição de varanda, na qual se encontram luminárias de pequeno porte, bem como florões em talha branca e dourada. A nave tem duas janelas de cada lado que têm enqua-

dramento em pedra e verga com curva de três centros. Na parte inferior, os ângulos são chanfrados em curva, tendo fechamento duplo, com vidros, para o lado interno. Sobre o púlpito,há óculos, também com enquadramento em pedra e fechamento em vidro.

Os púlpitos apresentam tambor em tronco de cilindro com chanfros. No púlpito do lado da Epístola há, em baixo relevo, a cena da Anunciação e, nas laterais, as figuras de São João e São Lucas, com inscrições com os nomes e os atributos de cada um. No púlpito do lado do Evangelho há, no frontal, um medalhão com o Padre Eterno e, nas laterais, as figuras de São Mateus e São Marcos.

A bacia tem forma circular com talha em cartelas e arremate por uma borla. O abaixa-voz tem talha de madeira à feição de cortinas e sua cúpula é terminada, no lado da Epístola, pela figura de Moisés e, no lado do Evangelho, pela de São Pedro. Os púlpitos ficam sobre pilastras e suas portas têm enquadramento de pedra-sabão com vergas de desenho caprichoso. Sua entrada se faz por dentro da parede, havendo portas de acesso lateral. Os degraus também são em pedra, bem como o forro e a porta são em madeira almofadada com enquadramento em pedra.

Os altares laterais apresentam solução idêntica, sendo que os dois primeiros, a partir da capela-mor para a porta da entrada, apresentam colunas salomônicas envolvidas por motivos vegetais esgarçados e coroadas por capitéis coríntios. Na base há volutas sustentadas por dois anjos e, entre as colunas e o camarim, há peanhas, com dossel vasado e a base trabalhada, apresentando, ao lado do Evangelho, uma cabeça de anjo e um fênix e, no lado da Epístola, duas cabeças de anjo.

Há, ainda, uma barra formando um pequeno quartelão com flores em chambrainle que se repetem no camarim. A parte superior tem uma cimalha simples, volutas e uma sanefa vasada acima da qual há cabeças de anjos arrematadas por um es-

cudo com uma cruz sustentada por dois anjos e envolvido por decorações em rica talha. Encimando o conjunto, há outra sanefa de maior proporção com elementos vasados e que é terminada por uma bela composição em talha com flores estilizadas e outra pequena cimalha com volutas, que se arremata por elementos decorativos com curvas e contracurvas. Os tabernáculos são também entalhados, sendo que o do lado do Evangelho apresenta a inscrição "SICUT MOIZES EXALTAVIT SERPENTEM IM DESERTO" Joane C31V.14 e o do lado da Epístola, "TULII QUOQUE LIGNA HOLOCAUSTI ET IMPOSUIT SUPER ISAAC". Gen. 22.V.6. Nestes altares devem ser observadas as imagens de Santo Lúcio e Santa Bona, do lado do Evangelho, e São Pedro de Alcântara, do lado da Epístola.

Os dois altares seguintes têm o retábulo em chanfro e limitado, no lado externo, por quartelões com decoração floral que limita igualmente o camarim. Entre os quartelões há peanhas com dossel em talha exuberante. Na parte superior há uma cimalha que é terminada com curvas em guirlandas. Lateralmente, a composição é arrematada por volutas, curvas e contracurvas que têm, no centro, no lado do Evangelho, um mitra e, no lado da Epístola, os símbolos da Paixão. Todo o conjunto é terminado por uma cimalha com guirlandas, acima da qual se ergue uma espécie de frontão com elementos vasados em talha requintada que apresenta outra pequena cimalha arrematada com um medalhão envolvido por elementos florais. Nestes altares devem ser observadas as imagens de Santa Margarida de Cortona e São Francisco Morto, no lado do Evangelho, e São Francisco com o Cristo e o Cristo Morto, no lado da Epístola.

Os altares de chanfro são também iguais e se limitam por colunas torsas, inclinadas e chanfradas na base e dispostas irregularmente para darem a impressão mais forte de elementos curvos.

Há peanhas com cabeças de anjos nas bases e dosséis vasados com decoração em plumas. Nos limites do camarim há guirlandas de rosas formando pequenos quartelões com talhas

no arremate. O conjunto é completado por uma cimalha sobre a qual se elevam duas volutas que formam uma sanefa com elementos vasados em talha. Daí ergue-se composição que se resolve com cabeças de anjos e anjos que sustentam escudos onde,no lado da Epístola, há os símbolos de São Luiz e, no lado do Evangelho, os símbolos de Paixão. Acima há mais uma sanefa com borlas terminada por volutas, curvas e contracurvas e por um medalhão central que se eleva em rica talha sustentando plumas. Destes elementos pendem dois lustres com mão francesa de ferro.

Os tabernáculos também apresentam rica talha com a mesma composição dos altares, sendo que, do lado do Evangelho, há uma representação de São Francisco em êxtase e, no lado da Epístola, o símbolo da Eucaristia. Devem ser observadas as imagens de São Francisco, no lado do Evangelho, e de São Luiz Rei de França, no lado da Epístola.

Ao lado dos altares de chanfro situam-se duas pilastras com socos e fustes curvos, terminando em capitéis coríntios. As portas entre as pilastras dão acesso às sacristias, servindo também como entradas laterais. Têm enquadramento em pedra-sabão e verga abatida, de desenho caprichoso com decorações que descem pelas ombreiras. Na sobreverga há duas volutas com escudo central com motivos florais e pequena cimalha, também coroada com elementos decorativos. Há, ainda, outras duas portas de entrada da nave que apresentam os mesmos motivos decorativos.

O arco-cruzeiro é em pedra-sabão com colunas de capitéis coríntios encimados por uma robusta cimalha de pedra e tendo socos marcados. Na parte superior há uma voluta no fechamento, decorada com um florão.

Na capela-mor, o fechamento do retábulo é feito por uma curva em talha branca e dourada, acima da qual se organiza complexa composição, em pleno relevo, com representação de Santíssima Trindade, incluindo as figuras do Pai, do

do Filho e do Espírito Santo em madeira policromada sobre nuvens e cabeças de anjos. O conjunto é definido por duas volutas com decoração floral e cabeças de anjos e que terminam em forma de medalhão com uma composição também com elementos florais no arremate. Nas extremidades há dois anjos policromados ajoelhados sobre volutas.

O forro é em aresta de base retangular, com decorações nas diagonais incluindo elementos florais, rocailles e cabeças de anjos policromados em requintada composição. As paredes laterais têm duas janelas retangulares e um óculo com perfis caprichosos e suas molduras são marmorizadas em branco e azul tendo, ainda, talha dourada que inclui cabeças de anjos policromados no óculo. Nas janelas, a talha se concentra na sobreverga e no início das ombreiras bem como na sua parte inferior, que é arrematada com florões. Entre as janelas e abaixo dos óculos, há um medalhão de forma também caprichosa, cuja moldura se apresenta igualmente em marmorizado branco e azul e talha dourada e anjos e cabeças de anjos policromados. Esses medalhões têm telas no centro, sendo que a do lado da Epístola representa a Santa Ceia e, a do lado do Evangelho, a Traição de Judas.

O piso tem tabuado estreito em duas cores, com quadro de "parquet" central, formando desenho geométrico e tendo, ainda, no centro, elementos florais.

O retábulo é definido por duas colunas torsas decoradas, com bases estriadas e arrematadas com motivos florais e volutas em talha também decorada. Entre as colunas há rica peanha com anjos na base e dossel caprichoso na parte superior. Acima situa-se uma cornija ricamente entalhada com motivos florais e, nos limites do camarim, há quartelões de pequenas proporções com cabeças de anjos policromados. O camarim tem, também, cimalha trabalhada com anjos policromados e abóbada com arestas marcadas por guirlandas em talha dourada. O trono é escalonado com cartelas e tocheiros em talha dourada sendo arrematado, na parte superior, por um Cristo de Monte Alverne.

Abaixo fica uma imagem de Nossa Senhora da Conceição policro- e um tabernáculo ricamente entalhado com anjos e cabeças de anjos policromados bem como elementos em talha dourada.

No altar-mor devem ser observadas também as imagens de Santa Isabel e Santa Rosa e, na capela-mor, devem ser notados o lustre de "overlay", cadeiras D. José, credências e tamboretes. O supedâneo é de pedra com chanfro nos ângulos e volutas, apresentando degraus de perfil curvo com três curvas, sendo que a parte baixa da parede apresenta-se revestida com tábuas largas pintadas de verde.

A sacristia se divide em diversos cômodos com forro em tabuado largo e piso em ladrilho hidráulico.

A porta de acesso à nave é dupla, para compensar a espessura da parede, sendo a verga abatida.

As portas têm enquadramento em pedra, verga abatida e fechamento de madeira.

Nas sacristias, além de algumas peças de mobiliário, há uma pia de água benta em mármore.

A Igreja de São Francisco de Assis é obra do Mestre Francisco de Lima Cerqueira, porém apresenta intervenções de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, atribuídas ou documentadas, e que incluem a portada, o risco dos retábulos e os sacrários, bem como a composição da Santíssima Trindade e uma imagem de São João Evangelista, que fica na sacristia.

16.2.4 Igreja de Nossa Senhora do Rosário

a) História

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário data do ano de 1719, quando foi benta pelo Vigário da Vara Padre Manoel

Cabral Camelo, partindo a iniciativa de construção da Irmandade do Rosário, instituída onze anos antes, em 1º de junho de 1708. É, assim, considerada um dos templos mais antigos da cidade.

Entretanto, sofreu a igreja diversos acréscimos remodelações, principalmente em 1753 (data marcada na fachada), quando provavelmente ganhou suas dimensões atuais.

De acordo com Germain Bazin[108], a fachada da igreja indica duas épocas distintas: a parte baixa, mais antiga, com nítida influência das igrejas do Carmo e São Francisco, remontando aos anos de 1800; e o frontão e as duas torres, de época mais recente.

Luis de Melo Alvarenga informa que "primitivamente o campanário era separado da igreja e ficava ao lado esquerdo. Mais tarde, foi construída uma torre no centro da fachada".[109] Essa torre foi demolida por ameaçar ruir em meados do século XIX, de acordo com informação da época fornecida pelo escritor local, José Antônio Rodrigues, no ano de 1859.[110] As atuais duas torres da igreja foram construídas recentemente, nas décadas de 1930-1940.

As obras de talha do altar-mor são de autoria do artista Luis Pinheiro de Sousa, datando de final do século XVIII, e o lavabo da sacristia data de meados do século XIX, sendo executado pelo mestre Antônio Francisco Sarzedo.

---

[108] BAZIN, G., *op. cit. nota 99, p.111.*

[109] ALVARENGA, L. M. *As igrejas de São João del Rei. Petrópolis, Vozes, 1963. p.57-8.*

[110] RODRIGUES, J. A. *Apontamentos da população, topographia e noticias chronologicas do municipio da cidade de S. João del-Rei; provincia de Minas Geraes. Sao Joao del Rei, Typ. de J. A. Rodrigues, 1859. p.11-2.*

No ano de 1948, segundo relatório do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a Igreja do Rosário encontrava-se danificada, principalmente no embasamento de pedra tendo sido restaurada pouco tempo depois.

b) Arquitetura

Com fachada típica das Matrizes mineiras, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, resolve-se com um corpo central limitado por cunhais pintados de cinza, terminados em capitéis coríntios e com embasamento em pedra. No centro, a porta principal tem enquadramento em pedra, verga abatida e decorações simples nas ombreiras sendo encimada por uma cimalha em pedra, com duas volutas e uma composição terminada por rocaille com um escudo no interior. O fechamento é em almofadas, com pintura em ocre. Ladeando a porta há duas janelas rasgadas por inteiro com guarda-corpo em ferro trabalhado, enquadramento em pedra com verga abatida, sobreverga e, acima destes, elementos florais decorativos que também aparecem abaixo das sacadas.

O fechamento das janelas - que tem bandeiras - é em vidro, na parte superior, e madeira, na inferior. No centro há um óculo circular envidraçado, acima do qual se desenvolve uma cimalha simples que é arrematada por um frontão caprichoso, encimada por uma cruz de pedra e emoldurada por singela cimalha que termina em volutas na parte inferior. No centro do frontão, em relevo, há coroa e as iniciais de Nossa Senhora.

As torres laterais são quadrangulares, havendo sino na do lado esquerdo e tendo, na parte inferior, janelas rasgadas por inteiro iguais às do corpo central.

A cimalha é simples e, acima dela, abrem-se janelas com verga em arco-pleno, sendo que a terminação é feita com outra pequena cimalha arrematada por pináculos e cuja cobertura é em forma de pináculo escalonado, havendo óculos com

sobrecarga e molduras caprichosas. As torres têm cunhais com capitéis coríntios pintados em cinza e a fachada apresenta quatro lampiões com mão francesa trabalhada.

Na fachada lateral esquerda, a parte correspondente à nave cega e a da capela-mor apresenta dois óculos de perfil irregular e moldura caprichosa com elementos florais em massa. Atrás da torre há um puxado térreo com cinco janelas e uma porta, sendo que todos os vãos têm enquadramento em madeira pintada de amarelo e verga abatida. As janelas são de guilhotina com caixilhos brancos e a porta é almofadada. Há cunhais com socos e um barrado cinza forma o embasamento.

A fachada lateral direita apresenta dois pavimentos na parte próxima à torre, havendo na parte inferior duas janelas de verga abatida, enquadramento em madeira e fechamento em guilhotina. Acima destas abrem-se duas janelas rasgadas por inteiro com guarda-corpo de ferro e fechamento em vidro na parte superior e madeira na inferior. As vergas são abatidas e o enquadramento é em madeira pintada de ocre. Junto a esta há um corpo saliente que tem escada de entrada dupla com balaustradas vasadas e em cujo patamar superior há uma porta de verga abatida, enquadramento em madeira e fechamento almofadado. Acima da porta há uma janela rasgada por inteiro igual às demais, e, no prolongamento deste corpo, que se desenvolve em um só pavimento, há outras três janelas de verga abatida, enquadramento em madeira pintada de ocre e fechamento em guilhotina. Em toda essa fachada o beiral é em beira-seveira, sendo que, na parte da nave, é resolvido por friso e pintado de azul. Na parte relativa à capela-mor, há dois óculos com moldura caprichosa iguais aos da fachada lateral esquerda.

Na fachada posterior, que é marcada por dois cunhais, há duas janelas de verga abatida, enquadramento em madeira pintada de ocre e fechamento em guilhotina, bem como uma pequena janela de feitura recente, um pouco abaixo das outros e também com verga abatida. O beiral é em friso pintado de azul e, na parte correspondente aos puxados, a fachada é cega.

A cobertura se resolve em duas águas mais altas na nave, duas águas na capela-mor e meia-água nos puxados, sendo feita com telhas coloniais.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário domina a Praça Embaixador Gastão da Cunha, que forma o seu adro e na qual se destacam dois amplos sobrados, os Solares Tancredo Neves e Lustosa, sendo que a grande maioria das casas é térrea e apresentam as características da arquitetura residencial colonial, quais sejam as fachadas resolvidas por uma porta e duas janelas, bem como por sua implantação em cordão com cobertura com uma água caindo para a rua. Também típica da cidade é a solução dos beirais em beira-seveira.

Na Praça há ainda um busto do Padre José Maria Xavier, insigne compositor musical sanjoanense, datado de 1915.

b) Ornamentação

O interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário é bastante cuidado não obstante algumas modificações mais recentes.

No nártex, o batistério foi transformado em uma capela decorada como gruta e com uma imagem de Nossa Senhora, havendo uma pia de pedra com uma torneira em forma de cabeça. O forro é dividido em três painéis com pinturas formando desenhos geométricos e os emblemas episcopais.

Sustentando o coro há seis pilares, sendo quatro de pedra, e que se vinculam a arcos. O coro tem perfil curvilíneo, sendo a parte central mais acentuada e apresentando balaustrada de madeira torneada. Há um tapavento em madeira e vidro colorido.

As paredes da nave são pintadas de amarelo claro e há dois púlpitos com tambor quadrangular, chanfrado nos ângulos e com painéis retos. O abaixa-voz é também reto, com sa

nefa em madeira pintada de branco. A porta tem verga abatida e sobrecarga com elementos decorativos simples. O enquadramento é em madeira pintada de ocre e o fechamento em almofada. No lado da Epístola, o coroamento apresenta um anjo policromado carregando uma cruz e, do lado do Evangelho, um anjo, também policromado, carregando flores.

O forro da nave é em abóbada de berço com tabuado largo e há duas datas em madeira: 1708-1936. A cimalha é larga e a aba é pintada de branco, sendo o piso de tabuado estreito em madeira e duas cores. Há dois altares de chanfro iguais, pintados de branco e que lateralmente apresentam quartelões com motivos florais e terminados por peanhas com dosséis. A talha é bastante rica e, arrematando o conjunto, há capitéis coríntios e jônicos, acima dos quais se ergue um frontão arrematado por uma cimalha com elementos florais. Na parte inferior há ainda um escudo e talha também com elementos florais, sendo o conjunto arrematado por dois anjos policromados sobre duas volutas. Devem ser observadas as imagens de São Benedito, Santo Antônio de Cantagerona e São João Evangelista, no altar do lado da Epístola, bem como as de São Lourenço, São Libório e Santo Tomás de Aquino, no altar do lado do Evangelho.

O arco-cruzeiro se resolve em arco-pleno, com painéis estriados na parte superior e terminando em capitel coríntio, com cabeças de anjos policromados, sendo o conjunto pintado em branco. O fechamento é feito e por um escudo em dourado e azul, em rica talha de madeira, e que é seguro por dois anjos policromados que se colocam sobre cimalhas.

Há um cancelo em madeira torneada, do mesmo tipo que a balaustrada do coro, e, na nave, há duas portas de acesso para as sacristias, com verga abatida, sobreverga encimada por cimalha e sanefa em madeira. O enquadramento é em madeira pintada de ocre, e o fechamento, almofadado.

O retábulo apresenta o camarim ladeado por duas colunas com capitéis coríntios, entre as quais há uma peanha com dossel em rica talha. Na parte central do camarim há guirlandas de talha com elementos florais e anjos policromados e, superiormente, aparece uma cornija encimada por curvas e contracurvas e um conjunto de anjos policromados em meio a nuvens e elementos florais, formando uma moldura para a composição central, que inclui cabeças de anjos em nuvens sobre fundo azul com uma coroa de Nossa Senhora em dourado e as iniciais da Ave Maria envolvidos pelo rosário. A porta do sacrário apresenta o Agnus Dei e o forro do camarim tem composição floral ao gosto neoclássico. Devem ser observadas as imagens de Santa Rita, São Domingos no altar-mor e Nossa Senhora do Rosário, no trono.

A sacristia, do lado da Epístola, é dividida em quatro cômodos, tendo três janelas conversadeiras e dispondo de um lavabo com carranca no qual a bacia forma uma concha de pedra. Há, ainda, uma pia de pedra para água benta e um arcaz.

A sacristia do lado do Evangelho é também dividida em quatro cômodos, um dos quais com a subida para o púlpito e o coro, havendo ainda uma capela com forro apainelado e um cancelo em madeira torneada devem ser notadas as imagens de Nossa Senhora do Triunfo e de Santo Antônio, esta última em tamanho natural.

16.2.5 Igreja de Nossa Senhora das Mercês

a) História

Datando a primitiva Igreja de Nossa Senhora das Mercês do ano de 1751, a atual construção foi resultado de trabalhos de remodelação realizados em 1808, promovidos pela Arquiconfraria das Mercês, pouco tempo após a sua instituição, por provisão de 6 de maio de 1806.

No ano de 1859, ganhou a igreja um novo frontispício, "construido de pedra, obra nova, que alterou a forma primitiva da igreja"[111], estando por essa época sua única torre de pedra ainda inacabada.

Seus três altares achavam-se também por acabar por ocasião da Visita Pastoral de Dom Frei José da Santíssima Trindade, no ano de 1824, tendo recebido douramento em torno de 1880, como registrou Aureliano Pimentel, em seu livro "Apontamentos sobre o Município de São João del-Rei".[112]

b) Arquitetura

Apresentando interessante solução da fachada com corpos perfeitamente distintos, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês merece destaque também por suas proporções extremamente agradáveis.

O corpo central é definido por cunhas com capitel coríntio, fuste estriado e embasamento de pedra, sendo a sua solução comum às construções religiosas coloniais mineiras. Assim, apresenta porta central em madeira almofadada com enquadramento em pedra e verga abatida, tendo sobreverga trabalhada em massa e descendo pelas ombreiras, com a data de 1853 e um escudo com uma cruz terminando por uma cabeça de anjo e uma coroa. Logo acima da porta abrem-se duas janelas rasgadas por inteiro com guarda-corpo de ferro, guarnecido por pinhas de estanho. O fechamento é em madeira na parte inferior e vidro na superior, tendo bandeiras com caixilhos em diagonal. Com enquadramento em pedra, as janelas têm verga abatida e sobreverga em massa trabalhada, havendo, também, abaixo da sacada, decorações em massa. Acima das janelas situa-se um óculo

---

[111] *RODRIGUES, J. A., op. cit. nota 110 , p.10.*

[112] *PIMENTEL, A. P. C. Apontamentos sobre o município de S. João d'el Rei. Rio de Janeiro, Typ. e Lith de Moreira, Maximiano e C. , 1881.*

circular arrematado por uma robusta cimalha que é terminada por um frontão caprichoso com o símbolo da Santíssima Trindade e de Nossa Senhora no interior, incluído em decoração de massa que imita talha.

No acabamento do frontão há uma cimalha curva que é coroada por uma cruz. Nos cunhais há dois lampiões de ferro com mãos francesas trabalhadas.

Do lado direito há um puxado ligeiramente recuado em relação ao corpo principal, tendo na parte inferior uma porta de madeira almofadada com verga abatida e pequena sobre verga em massa. Acima há uma janela rasgada por inteiro com enquadramento de madeira, verga abatida e sobreverga em massa. O fechamento é em madeira na parte inferior e em vidro na superior, havendo uma pequena cimalha sobre a qual se eleva um frontão triangular de desenho simples. Do lado esquerdo há uma base quadrangular que tem, na parte inferior, uma pequena seteira sobre a qual há uma placa com a data de 1827. A torre é marcada por cunhais, havendo um lampião com mão francesa. Na parte superior, os cunhais têm ornamentação discreta e capitéis, acima dos quais se eleva uma cimalha simples e a cúpula piramidal que apresenta pináculos nos cantos. Há quatro janelas com aduela, ombreiras marcadas e três sinos.

Entre a torre e o corpo principal há uma pequena construção que permite a entrada para a sacristia, coberta por meia-água em telhas coloniais, com beiral em guarda-pó e cachorros. Nela abre-se uma porta de verga reta, enquadramento em madeira, e fechamento em calha.

A fachada lateral esquerda apresenta-se cega na parte da frente, tendo como cunhal uma pilastra estriada com capitel jônico e que dispõe de um embasamento bastante alto em pedra. O beiral é em cimalha com aba e a parede é pintada de branco, havendo junto ao piso uma barra de cor ocre.

A fachada lateral da torre apresenta-se igual à principal, havendo também uma seteira.

Na parte posterior há uma sacristia com telhado em meia água e beiral em beira-seveira. Nela abre-se uma porta de verga reta com sobreverga em pequena cimalha de massa, havendo ainda um frontão com relevo curvilíneo. Há também uma janela de verga reta com sobreverga em cimalha pintada de branco, sendo o fechamento em guilhotina. Esta parte, que correspondente à nave, é terminada por um cunhal com relevos em massa formando um desenho geométrico terminado por folhas estilizadas.

Na parte posterior, correspondente à capela-mor, há uma porta muito alta, almofadada e duas janelas simples com verga reta sendo que todos os vãos são pintados na cor sangue de boi.

A cobertura é em duas águas com telhas coloniais e não há beiral. Na parte superior, correspondente à nave, há um beiral em cimalha, sendo a empena curvilínea arrematada por pináculos e cruz.

Na parte correspondente à capela-mor abrem-se três óculos quadrilobados com moldura de massa e sobreverga formando relevo simples e que têm fechamento em tela e vidro, sendo o beiral de cimalha e aba.

A fachada lateral direita apresenta dois pavimentos na parte correspondente ao puxado da frente. No pavimento térreo abrem-se duas janelas de verga abatida, tendo uma pequena cimalha na sobreverga, fechamento em guilhotina e enquadramento pintado na cor sangue de boi. No pavimento superior há duas janelas rasgadas por inteiro, com guarda-corpo de ferro e acabamento igual às das fachadas. O telhado é em meia-água com telhas coloniais, e o beiral tem cimalha. Há um cunhal liso com pequeno rèssalto na parte superior e embasamento em pedra. Na parte correspondente à nave e capela-mor, o

puxado tem apenas um pavimento com seis janelas e uma porta, sendo que todos os vãos têm verga reta e pequena sobreverga em massa. A porta é almofadada e pintada na cor sangue de boi, tendo na parte superior um relevo de massa com as iniciais da Ave Maria em sangue de boi, sobre fundo azul.

Sobre a verga há um lampião com mão francesa de ferro.

Há dois pilares marcados, um entre a parte da nave e a da sacristia e outro antes da última janela. A cobertura é em duas águas e o beiral é em cimalha. A parte superior correspondente à nave é cega, abrindo-se três óculos na capela-mor, com solução igual à da fachada oposta.

A fachada posterior apresenta no seu centro uma janela fechada com alvenaria, sendo visíveis as molduras em pedra e sua verga abatida. Os cunhais apresentam dois pilares estriados arrematados por capitéis compósitos, havendo cimalha e aba dividindo a empena. Esta cimalha é arrematada por uma fileira de telhas terminada nos cantos em peito de pomba, sendo a empena curvilínea e arrematada por pináculos e cruz. Nela há ainda um óculo redondo.

No lado direito há um cemitério fechado por um muro vasado e com um portão em ferro.

O adro apresenta calçamento irregular de pedra e ampla escadaria com balaustrada de elementos de massa vasados, na qual há seis lampiões.

O sistema construtivo da Igreja é o adobe.

c) Ornamentação

Com interior bastante simples, a Igreja apresenta logo à entrada um tapavento em vidro e madeira, e no coro, balaustrada de madeira torneada; sendo o forro do nártex em saia-e-camisa.

A nave tem piso em "parquet" e o forro alteado, tendo na parte central peças de madeira com pintura decorativa e a parte restante com placas de gesso formando desenhos geométricos.

A parte central mostra uma representação de Nossa Senhora das Mercês entre nuvens e anjos, tendo por fundo um céu azul. As paredes são pintadas de azul e decoradas com afrescos que mostram cenas relativas à Anunciação, Apresentação no templo, Nascimento de Jesus e Fuga para o Egito, de autoria de um pintor de nome Braga e com data de 1918-19. A nave apresenta também uma cimalha pintada de branco, não tendo púlpitos.

Os dois altares de chanfro são iguais, havendo apenas diferenças nos escudos de coroamento que, do lado da Epístola, apresentam iniciais de Nossa Senhora e, do lado do Evangelho, o símbolo INRI. São de feitura recente e de gosto neogótico. Antes dos altares de chanfro uma porta da nave dá acesso à sacristia do lado da Epístola, apresentando-se em madeira entalhada e dividida em painéis com as armas do Império e os monogramas de Nossa Senhora, Jesus Cristo e do Sagrado Coração.

O arco-cruzeiro é resolvido em arco-pleno e tem a data de 1875, bem como as iniciais LBL dentro de uma pequena cartela. Sua tarja é formada por um escudo ladeado por dois pelicanos com um estandarte, uma palma e um anjo sobre uma voluta no arremate, havendo ainda folhas de parreiras e cartelas além de três florões na parte inferior, cujo soco é marmorizado.

O cancelo apresenta balaústres torneados e a capela-mor tem abóbada de berço resolvida em tábuas com florões e pinhas no centro, bem como elementos decorativos em dourado.

O retábulo se resolve em dois nichos de talha discreta, sendo que, na parte central e em volta do camarim, a

talha é mais elaborada apresentando detalhes em dourado e anjos. O trono é em degraus, com imagem de Nossa Senhora das Mercês e São José na parte inferior, havendo talha com cabeças de anjos em medalhões.

Nas paredes há três óculos elíticos de cada lado, arrematados por molduras de massa em branco e dourado com rocailles, curvas e contracurvas.

O piso é em tabuado estreito com parte central em "parquet".

A sacristia apresenta um lavabo em pedra-sabão com cimalha e dois golfinhos na parte frontal, bem como uma pia de água benta em pedra trabalhada, devendo ainda ser notados um quadro com representação de Nossa Senhora da Conceição com moldura muito elaborada em dourado com volutas e cabeças de anjos e coroada por dois anjos ajoelhados de cada lado e um oratório. Também digna de nota é uma imagem muito antiga de Nossa Senhora das Mercês.

Na Igreja devem ser observadas duas credências e dois tamboretes antigos bem como belas imagens de Santa Efigênia, Nossa Senhora das Dores, Cristo crucificado, São Manuel, São Lourenço, Cristo na colina, São Raimundo Nonato e São Pedro Nolasco.

16.2.6 Capela de Santo Antônio

a) História

Segundo observação de Germain Bazin[113], a construção da Capela de Santo Antônio data provavelmente de princípios do século XIX, tendo sido erigida em época posterior à

[113] BAZIN, G., *op. cit. nota 99.*

pilastras laterais da fachada.

de São Francisco, da qual mostra influência nos capitéis das pilastras laterais da fachada.

Entretanto, Augusto Viegas acredita que a pequena Capela remonta a meados do século XVIII, pois há uma referência à rua Santo Antônio, no "Livro de Títulos e Atos de Posse de 1764 a 1782", fl. 22v., "denominação que sem dúvida advém da existência de pequeno templo aí".[114]

No ano de 1881, a capela já possuía seu único altar em talha dourada, referido pelo escritor local, Aureliano Pimentel.[115]

b) Arquitetura

Pequena capela cuja fachada se organiza em um corpo central principal e do lado direito, pequena sineira. A construção situa-se em um correr de casas e a fachada se organiza à maneira das pequenas capelas mineiras, com porta central encimada por duas janelas rasgadas por inteiro e empena triangular na qual se abre um óculo circular. Os vãos têm enquadramento em pedra e verga abatida, sendo que a porta, com três degraus de acesso, é pintada de marrom. Há uma pequena sobreverga em massa, acima da qual ergue-se um frontão com curvas, tendo no seu interior as iniciais JB, a data 1886 e um pequeno símbolo em forma de flor. As janelas rasgadas por inteiro têm sacadas com guarda-corpo em ferro pintado de branco e seu fechamento é em madeira na parte superior e em vidro na inferior, havendo ainda uma sobreverga em massa. Entre as duas janelas há um escudo em massa com símbolos de Santo Antônio. Acima deste escudo situa-se o óculo, com moldura em massa. O corpo principal tem embasamento em pedra e é definido por dois cunhais com fuste estriado e capitéis coríntios. A empresa triangular que forma o frontão é terminada por uma cimalha simples, sobre a qual aparecem as telhas coloniais bem como uma cruz e pináculos laterais.

---

[114] VIEGAS, A. *Notícias de São João del Rei*. 2.ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1953.

[115] PIMENTEL, A. P. C., *op. cit. nota 112*, p.16.

No lado direito, a pequena sineira mostra beiral em beira-seveira e uma janela com verga abatida e enquadramento de madeira e sobreverga com fechamento em folhas de veneziana e vidro, aí situando-se o sino. Na parte inferior há uma porta com fechamento em calha, pintada de marrom e apresentando verga reta. Do lado esquerdo fica a casa térrea de número 198, que pertence à Ordem e onde fica a sacristia. Esta tem duas portas e uma janela com fechamento em guilhotina e verga reta. O telhado tem duas águas com beiral em guarda-pó e cachorros em madeira.

As fachadas laterais da Capela são cegas, apresentando beiral em beira-seveira e cobertura em duas águas,em telhas coloniais.

c) Ornamentação

Internamente, a Capela organiza-se de forma simples porém elegante, dispondo de um coro, com órgão, com balaustrada de elementos torneados em madeira pintados de branco, sendo que a parte inferior do coro se apresenta em saia-e-camisa.

A nave tem forro em abóbada de berço com tábuas largas pintadas de branco e uma cimalha robusta, também pintada de branco. O púlpito tem tambor quadrangular, com ângulos chanfrados abrindo para a parte inferior, e dispondo de cartelas nas três faces. A bacia tem perfil irregular terminando em forma de peanha com decoração na ponta. A porta para o púlpito tem verga abatida e apresenta uma talha irregular na sobreverga pintada em branco e marrom. A porta é pintada em marrom e o púlpito é branco, também com detalhes em marrom.

No lado da Epístola, no qual se situa o púlpito, há uma passagem para o coro e a torre sineira e, no lado do Evangelho, uma sacristia que pertence à Ordem de Santo Antônio.

O piso da nave é em tabuado estreito e as paredes são brancas, havendo um degrau de pedra entre esta e a capela-mor, sobre o qual fica um cancelo com rica talha que inclui elementos curvilíneos e florais de gosto rococó e que está pintado de branco.

A capela-mor, que não dispõe de arco-cruzeiro, organiza-se com pequenos capitéis coríntios que coroam pilares nos cantos e peanhas com dosséis.

A moldura é definida por quartelões que são também coroados por capitéis coríntios e recobertos com elegante talha dourada. Os abaixa-voz são pequenos e, à volta do camarim, aparecem rocailles. Há, ainda, uma cimalha bem marcada, acima da qual erguem-se duas volutas que fazem o fechamento do retábulo com um escudo em talha rococó que apresenta uma cruz no centro.

Abaixo das volutas e acima da cimalha, há elementos curvos que se organizam à feição de capitel em cada um dos lados. No camarim há cimalhas e molduras marcadas com talhas na abóbada e que apresentam pinhas no fecho.

O trono tem quatro degraus de perfil curvilíneo com pequenas rocailles na parte da frente. Nos degraus do camarim há tocheiros de madeira dourada.

A sacristia do lado da Epístola é muito simples e tanto a porta que se abre para ela quanto a que se abre para o lado do Evangelho apresentam verga abatida e fechamento almofadado pintado de marrom, havendo ainda talha irregular de madeira em branco e marrom.

16.2.7 Capela do Bom Jesus do Monte

a) História

Nada consta sobre a época e iniciativa de construção da Capela do Bom Jesus do Monte, provavelmente datando de princípios do século XIX.

Bem localizada; no alto da cidade, a capela serde cenário para a tradicional festa de Santa Cruz, realizada ali desde meados do século passado, no dia 3 de maio, quando ocorre concorrida romaria.

No ano de 1954, a capela foi restaurada por iniciativa do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, quando foi retirada a pintura a óleo imitando mármore.

b) Arquitetura

A pequena Capela do Senhor Bom Jesus do Monte apresenta fachada típica das construções religiosas mineiras de pequeno porte com corpo central marcado por cunhais pintados de azul no qual se dispõe a porta central encimada por duas janelas rasgadas por inteiro.

Os vãos têm verga abatida, sobreverga simples e enquadramento em madeira pintada de azul. A porta tem fechamento em almofadas pintadas de marrom e as janelas têm guarda corpo de ferro e fechamento em vidro com bandeira na parte superior e madeira na inferior. O frontão é formado por uma empena triangular com cimalha de massa pintada de azul e é arrematado por uma cruz de ferro apresentando telhas à vista. No seu interior abre-se um óculo circular, envidraçado e com moldura de massa azul, sendo a cobertura em duas águas, com telhas coloniais.

À esquerda ergue-se uma torre quadrangular com cunhais em azul e cimalha, sendo que na parte inferior há duas

seteiras. Na parte superior abrem-se quatro janelas em arco pleno com ombreiras marcadas e molduras pintadas em azul. Uma cimalha mais robusta coroa o conjunto, que é arrematado por uma torre piramidal branca, terminada por pináculo, havendo também pináculos nos ângulos.

Do lado direito há um puxado cego coberto com meia-água e com cunhal em azul, sendo que atrás da torre também se eleva um outro puxado.

A fachada lateral esquerda apresenta, além da torre, um puxado no qual se abrem quatro janelas e uma porta, sendo que todos os vãos apresentam verga abatida e enquadramento em madeira azul, como o fechamento da porta em marrom e das janelas com guilhotinas cujos caixilhos são pintados de branco. O beiral é em beira e aba em azul e o embasamento em pedra, sendo que a nave apresenta beiral em beira-seveira pintado de azul e duas janelas quadradas.

A fachada posterior é cega com o enquadramento do telhado à vista, deixando aparente a linha alta. Na fachada lateral direita, na área correspondente à capela-mor há duas aberturas quadradas, sendo que a nave cega, com beira-seveira azul. O puxado tem quatro janelas e uma porta, sendo que todos os vãos apresentam verga abatida e enquadramento em madeira azul, sendo o embasamento de pedra. A capela situa-se no alto de uma rua, em localização privilegiada, tendo à frente um cruzeiro em madeira com os atributos da Paixão em encimado por um galo.

c) Ornamentação

As proporções da nave e da capela-mor são bastante estreitas e sua ornamentação é simples. A nave tem forro alteado em saia-e-camisa pintado de branco, com cimalha em azul e aba em marrom, sendo as paredes brancas e havendo um púlpito, do lado do Evangelho, com tambor quadrado, reto, e apresentando apenas uma moldura pintada em marrom na bacia. A por

ta tem verga abatida e enquadramento em madeira azul, sendo o fechamento em calha marrom.

Há um tapavento de madeira e vidro pintado de azul e marrom e o coro apresenta balaustrada de madeira recortada pintada de azul.

O arco-cruzeiro é pintado de azul com capitéis marmorizados, em tons de marrom claro. Na altura do arco-cruzeiro há duas janelas, sendo que, no lado do Evangelho, há uma imagem antiga de São Francisco de Paula. Aí há um degrau sobre o qual fica uma balaustrada de madeira recortada, sendo as peças da extremidade torneada.

Os dois altares de chanfro são iguais e seus retábulos têm peanhas com dossel que ladeiam um arco formado por talha em guirlanda, para o qual se abre o camarim que tem pequena cimalha e na parte superior símbolos, sendo do lado do Evangelho o de Nossa Senhora e do lado da Epístola, o do Coração de Jesus. Em ambos os símbolos, o resplendor é de madeira dourada, sendo que os altares são terminados por uma cimalha simples, de forma triangular, arrematada por uma cruz em madeira, nas cores cinza e dourado. Do lado do Evangelho há imagens de Nossa Senhora da Piedade, São Sebastião e Santa Rita, bem como um crucifixo e, do lado da Epístola, as imagens de Santo Antônio, São Roque, São José e outro crucifixo.

A capela-mor tem forro alteado em saia-e-camisa, pintado de branco e o retábulo apresenta mesa marmorizada na parte inferior, com duas portas pintadas de amarelo. Na parte superior imita cortinas em madeira pintada de vermelho, com pequenas sanefas e duas peanhas com cabeças de anjos. O fundo é pintado de azul com tábuas lisas e as principais imagens são de Cristo crucificado e Nossa Senhora das Dores.

As paredes são pintadas de branco e o piso de tábuas largas, havendo quatro óculos e duas portas com verga reta e enquadramento em madeira azul. Do lado da Epístola, a sa

cristia tem forro de friso e um pequeno altar e, no lado do Evangelho, há um arcaz sobre o qual fica interessante crucifixo com São Francisco recebendo os estigmas. A sacristia tem forro de friso e piso de tabuado estreito, devendo ser notadas, ainda, uma imagem de Nossa Senhora Senhora da Conceição em madeira policromada e repintada, bem como uma grande gravura com a inscrição:

LA MADONNA DI FOLIGNO

datada de 1850 e de origem italiana.

16.2.8 Capela do Senhor do Bonfim

a) História

Segundo o historiador Augusto Viegas[116], a capela do Bonfim foi erigida no ano de 1769, por iniciativa de José Garcia de Carvalho. Porém, nada mais consta na documentação pesquisada sobre a história desse pequeno templo.

No decorrer do século XIX, era em torno da Capela do Bonfim que se festejava a data da independência do País.

b) Arquitetura

Pequena capela cuja solução volumétrica prende-se aos modelos tradicionais mineiros, resolvendo-se a fachada de forma extremamente simples, porém agradável, com corpo central de proporções reduzidas, delimitadas por cunhais de massa, tendo do lado direito uma singela torre quadrangular.

No corpo central abrem-se dois únicos vãos: a porta, almofadada com enquadramento em madeira, verga abatida e sobreverga em cimalha de massa branca e um óculo circular com

[116] VIEGAS, A. , *op. cit. nota 114* , p.224.

moldura, também em massa branca.

A empena é triangular com o beiral de cimalha, ar rematada por pequena cruz de ferro, e há uma barra de chapiscado de feitura recente formando o embasamento. Este corpo principal tem cobertura de duas águas, sendo que a torre é coberta por quatro águas com beiral em beira-seveira.

Nela abre-se uma janela de verga abatida com enquadramento em madeira pintado de azul, com dois sinos. Na torre há uma composição com peças de cerâmica, inclusive de Saramenha, que se dispõe à feição de pináculo.

No lado esquerdo, a fachada é cega, apresentando-se o beiral em beira-seveira. Do lado direito, posterior à torre, há um puxado que corresponde à sacristia. Nesta fachada abrem-se três janelas de verga reta, enquadramento de madeira e fechamento em vidro, bem como duas portas de verga reta com enquadramento em madeira pintada de azul e fechamento em calha. Há ainda uma janela de verga abatida, igual a da fachada principal, com um pequeno sino, sendo a cobertura a mesma do corpo central com beiral em beira.

A fachada posterior é cega, permitindo visão da estrutura do telhado, em linha alta aparente. O sistema construtivo da capela é em adobe.

Localizada no alto de uma colina, tem um cruzeiro moderno em seu adro.

c) Ornamentação

Com retábulo extremamente simples, sem talha e apenas com colunas e falsa cimalha pintada, destaca-se no altar-mor uma imagem do Senhor do Bonfim muito antiga e que fica no camarim que tem recortes singelos à sua volta e, na parede do fundo, pintura com nuvens e resplendor. Duas peanhas triangulares e seis nichos de massa com molduras azuis de ar-

co-pleno e acabamento inferior em ponta, arrematado por uma cimalha de anjos, completam o conjunto.

Entre as imagens existentes, incluem-se as de São Roque, São Paulo, Nossa Senhora das Dores, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Quitéria, Santo Antônio, São Francisco, esta última de roca, que distribuem tanto no altar quanto nos nichos.

O forro da nave é alteado em friso envernizado, sendo o piso de tabuado estreito.

O coro tem guarda-corpo em metal trabalhado e,na entrada, tem duas pias de pedra para água benta.

O interior encontra-se descaracterizado, principalmente pelo piso em ladrilho hidráulico no nártex, e pela pintura em barra nas paredes da nave.

Na sacristia o forro é de friso e o piso de ladrilho hidráulico, havendo uma escada de madeira que leva ao coro. Devem ser notados na sacristia uma gravura da Pietá e um crucifixo muito antigo.

16.2.9 Capela de São Gonçalo Garcia

a) História

As terras que constituíram o patrimônio da Igreja de São Gonçalo Garcia foram doadas à Irmandade de São Gonçalo no ano de 1759, mas, ao que tudo indica, sua construção só teve início muito tempo depois, em fins do século XVIII, por provisão de ereção passada em 1786. Pizarro e Araújo (5), em 1820-22, faz referência à igreja que, provavelmente, já se encontrava concluída.

Em meados do século XIX, a Confraria promoveu sua reedificação, alterando inclusive seu estilo primitivo, ficando as obras definitivamente efetivadas apenas em 1903. No ano de 1954, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional promoveu o restabelecimento de sua fachada original, ocorrendo então a demolição da frente e da torre.

b) Arquitetura

Tendo sua fachada principal completamente modificada por reformas, esta Igreja apresenta, no entanto, nas fachadas laterais e posterior, alguns elementos de sua construção original.

A fachada principal organiza-se atualmente com uma torre central de base quadrangular com cunhais de massa e cimalha coberta por telhas, tendo cobertura à feição de barrete de clérigo, encimada por uma cruz simples. Nesta torre,que forma uma espécie de galilé, abrem-se na parte inferior ogivas que formam a entrada para a Igreja. Na parte frontal da torre, logo acima da ogiva, há uma janela rasgada por inteiro, de verga abatida, com guarda-corpo de ferro e fechamento em madeira na parte inferior e vidros na superior, dispondo ainda de bandeira e com pequena sobreverga de massa. Na parte superior da torre há também janelas ogivais, onde ficam os sinos e que têm como arremate outra cimalha simples, também coberta por telhas. Atrás dessa torre situa-se um corpo saliente, igualmente de planta quadrangular e arrematado por cunhais, o qual é terminado pela continuação da cimalha, igualmente coberta com telhas. Sobre esta cimalha eleva-se um falsa balaustrada que é protegida por telhas e encimada pináculos. Nele abrem-se duas janelas rasgadas por inteiro, idêntica às da torre. Em plano posterior a este, desenvolvem-se dois corpos circulares com a mesma cimalha e falsa balaustrada e no qual se abrem duas janelas de verga abatida, sobreverga em massa e fechamento em guilhotina.

A fachada lateral direita apresenta três planos em altura correspondentes, respectivamente, à nave, capela-mor e sacristia lateral. Na parte referente à nave, é em cimalha e há uma porta com enquadramento de madeira e verga abatida, tendo fechamento em calha. Sobre esta fica uma janela também de verga abatida, enquadramento e sobreverga em massa e fechamento em guilhotina igual à da fachada principal. Há ainda três óculos circulares, cunhais e beirais em cimalha de massa. A parte correspondente à capela-mor é cega, sendo o beiral em beira-seveira. O puxado relativo à sacristia, que é em meia-água, tem quatro janelas de verga abatida, enquadramento em madeira e fechamento em guilhotina, havendo ainda uma porta com mesmo acabamento e fechamento em calha. O embasamento é de pedra e o beiral em beira-seveira e há dois lampiões, respectivamente, sobre a verga de uma das janelas e a verga da porta.

Na fachada lateral esquerda há uma pequena capela usada como necrotério e que é coberta por um telhado de duas águas com galbo e um beiral em cimalha. Há uma porta bastante larga, de verga reta, com enquadramento em madeira azul, havendo um óculo acima desta porta, onde há uma placa datada de 1931-1932 com os seguintes dizeres:

"Não choreis ... um dia ... encontrar-nos-emos no céu".

Pensamento do saudoso Padre Lourival de Salvo Dias.

Na parte posterior da Igreja há um pequeno cemitério, sendo que a fachada se resolve com um corpo enquadrado por cunhais de massa branca, tendo uma porta central de verga abatida, com enquadramento em madeira azul e fechamento em calha pintada da mesma cor, acima da qual há uma sobreverga em massa branca. Junto ao beiral há um óculo, sendo que este se resolve em beira-seveira e devendo-se notar as telhas em filas perpendiculares à fachada.

A cobertura é em duas águas com galbo e peito de pomba nos ângulos.

A Igreja situa-se em um adro com uma escadaria e portão, havendo também um muro com balaustrada vazada que o delimita.

A Igreja tem estrutura mista em pedra e adobe.

c) Ornamentação

Com interior bastante simples, podem ser observadas no nártex duas portas que dão acesso ao coro e há uma pequena secretaria, aberta para o exterior, o que era o primitivo batistério. O coro tem balaustrada de madeira recortada, pintada de azul, e a nave apresenta um barrado marmorizado de cinza nas paredes bem como duas portas com verga em arco que se abrem para as sacristias. O forro é reto, de friso e pintado de cinza claro.

Há dois púlpitos que apresentam bacias facetadas nas quais se inserem painéis com decorações frontais, sendo as terminações em pinha. O abaixa-voz tem sanefa simples e todo o conjunto é pintado em azul e branco. A porta tem verga abatida, enquadramento em madeira e é almofadada, sendo pintada de azul.

Entre os púlpitos e o nártex há dois altares simples, à feição de nicho, havendo, no lado da Epístola, uma imagem de Santo Antônio de Pádua e, no lado do Evangelho, uma de São José, esta última de feitura recente.

Os dois altares de chanfro são também de extrema simplicidade, apresentando frontão triangular reto, encimado por cruzes e com duas peanhas com sanefas e dosséis. Sendo os altares iguais, é importante observar as imagens antigas de Nossa Senhora das Dores, São Francisco de Paula e a do Senhor do Triunfo, em roca, no altar do lado do Evangelho.

O arco-cruzeiro apresenta-se como arco pleno, de linhas simples e com uma cimalha, sendo que a parte inferior é estriada e há uma base com pintura marmorizada em cinza.

Na capela-mor o retábulo também se resolve com grande simplicidade baseando-se apenas em dois nichos definidos por colunas retas com as bases estriadas e pintadas de azul e branco. Nos nichos, em cuja parte inferior há pequena sanefa; ficam as imagens de Santa Clara e de São Pedro de Alcântara.

O camarim, que é definido por outras duas colunas, também apresenta solução simples e recortes singelos, tendo o trono escalonado. Todo o conjunto é pintado em azul e branco, devendo ser observadas as imagens de São Francisco de Assis recebendo os estigmas no Monte Alverne e o Cristo tetramorfo bem como a imagem de São Gonçalo Garcia.

Na capela-mor há dois óculos com moldura de massa pintada em azul e envidraçamento em diagonal. Nas paredes da capela-mor há uma barra marmorizada em cinza e duas peanhas com imagens, devendo ser notada a de São Francisco de Assis, de roca.

O forro é em abóbada de berço, com friso e o piso em tabuado estreito de feitura recente.

Na sacristia do lado do Evangelho há um lavabo de pedra com dois golfinhos arrematados por uma cimalha curva e cuja bacia tem forma de cálice, com duas volutas enquadrando elementos decorativos. Há, também, uma excelente imagem de Santa Luzia, em madeira, e muito antiga. Na sacristia do lado da Epístola há um altar com imagens de São Lázaro, São Manuel e de Nossa Senhora do Amparo, esta última de roca.

16.2.10 Capela de Nossa Senhora da Piedade

a) História

No relatório de visita pastoral de Dom Frei José da Santíssima Trindade, de 1821-26, há uma pequena referência à Capela de Nossa Senhora da Piedade, "com um só altar, que serve aos enfermos do hospital da Santa Casa".[117]

Situada na Praça Embaixador Gastão da Cunha (Largo do Rosário).

b) Arquitetura

Situado entre duas construções residenciais, de números 1 e 17 das ruas Getúlio Vargas e do Rosário, respectivamente, apresenta-se um pouco mais elevada, com grande porta almofadada e pequena empena triangular forrada de madeira, formando cimalha. A cobertura é em duas águas com telhas coloniais, sendo que a fileira da frente fica aparente e tem as peças perpendiculares à fachada. Na empena há um pequeno óculo redondo e à direita fica a casa nº 1, com uma porta e duas janelas de verga abatida e fechamento em guilhotina. Na esquerda há duas janelas e duas portas com vergas alteadas e molduras em madeira, sendo os vãos pintados em azul.

As coberturas das residências são de duas águas e o beiral em beira-seveira, sendo que entre a casa de nº 1 e o Passo há uma comunicação interna.

c) Ornamentação

O interior é dominado por um amplo retábulo com duas peanhas laterais e tendo no centro pilastras semelhantes

---

[117] *Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana. Livro de visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade. 1821-1826. Citação: p. 408-9.*

a pequenos quartelões com decoração em talha de bastante relevo. A cimalha forma um arco central que é arrematado lateralmente por elementos decorativos que se compõem em rica e complexa talha. O camarim é pintado com flores em tons de verde, azul e vermelho e o trono, em degraus, é encimado por uma imagem de Nossa Senhora da Piedade de extrema beleza, de madeira policromada, com o rosto e mãos em louça. Há, ainda, um crucifixo *D. José, com resplendor de prata.*

O piso é em tabuado largo e o forro em abóbada de berço, também com peças largas, e nas paredes há dois painéis sem pintura.

16.2.11 Capelas de Passos da Paixão

a) Passo entre os números 24 e 34 da Praça Embaixador Gastão da Cunha

Este pequeno Passo situa-se entre duas residências térreas, tendo sua cobertura formada pelas duas águas das casas que lhe são adjacentes, e, como os demais, só é usado na Semana Santa.

É delimitado por duas pilastras em pedra, com socos marcados, e arrematado por um frontão caprichoso em cuja base se incluem duas volutas.

A parte superior é terminada em curva, acima da qual situa-se um pináculo com uma cruz também em pedra; no centro do frontão há um símbolo com a cruz e os cravos. Sua porta, de verga alteada, é almofadada e, no interior, há uma pequena imagem de Senhor dos Passos, de Roca, e com um resplendor. Por este motivo, a construção é chamada "Passo do Senhor dos Passos".

b) Passo da Rua Getúlio Vargas nº 195

Localizado em um chanfro na Rua Getúlio Vargas, ao lado de uma residência térrea, o Passo é emoldurado por dois cunhais de massa com embasamento de pedra. Seu coroamento é formado por um frontão curvilíneo, começado e terminado por duas volutas e tendo no coroamento um cruz sobre um pináculo, ambos em pedra. Há uma cimalha curva delimitando o frontão e o corpo de construção. O fechamento é feito por uma porta com duas folhas de madeira, pintada de vermelho. O embasamento é bem alto, tendo a parte superior em pedra e a inferior cimentada.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo situa-se nas proximidades.

c) Passo da Rua José Maria Xavier, antiga Rua da Prata

Situado entre as casas de número 172 e 174, este pequeno Passo é enquadrado por cunhais de massa, com capitéis dóricos e embasamento em pedra. O frontão é triangular com volutas no arranque, tendo no centro um medalhão com três cravos e enquadrado por um conchóide.

Abaixo de uma cimalha curva de pedra fica a porta, que é muito alta, com enquadramento em pedra verga abatida e fechamento com almofadas salientes pintadas em sangue-de-boi. Os cunhais são arrematados por pináculos de pedra, e o telhado se resolve com duas águas apresentando, lateralmente, beirais em beira-seveira pintados de branco.

d) Passo próximo à Igreja de Nossa Senhora das Mercês

Este Passo situa-se em uma esquina e é resolvido por dois cunhais de massa com socos de pedra e termina em uma cimalha ligeiramente curva, acima da qual se ergue um frontão caprichosos. O frontão apresenta volutas, curvas e contra-curvas, bem como pináculos, e é arrematado por uma cruz em pedra.

No seu centro fica um escudo de forma irregular com duas lanças cruzadas. A porta é almofadada, de verga abatida e enquadramento em madeira, sendo o conjunto pintado em sangue-de-boi.

O telhado apresenta duas águas com galbo e, no seu interior, ficam imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora dos Passos.

e) Passo do Largo da Cruz, antiga Tenente Paulo Teixeira

Este Passo apresenta cunhais em pedra com socos bem marcados. Uma cimalha curva arremata a parte inferior da construção e sobre ela eleva-se um frontão caprichoso, baseado em volutas. A parte superior do frontão é arrematada por uma cimalha curva encimada por um pináculo com uma cruz em pedra. No interior do frontão há um escudo de forma irregular com a cruz e três cravos.

A porta tem fechamento de duas folhas e é almofadada.

16.2.12 Antigo Passo Municipal e Cadeia, atual Prefeitura Municipal - Av. Hermilo Alves com Rua Gabriel Passos

a) História

Durante todo o século XVIII, São João del-Rei não possuiu prédio próprio para a Casa de Câmara e Cadeia, apesar das várias tentativas de arrecadação de verbas e vários pedidos de ajuda à administração portuguesa para a sua aquisição. A decisão de construção só ocorreu em 1829, em terreno doado por João Batista Caetano de Almeida e por iniciativa particular e da municipalidade, com projeto de autoria do artista Jesuíno José Ferreira.

Em 1849, o prédio foi inaugurado, passando a Câmara a funcionar no pavimento superior, e, no térreo, a Cadeia,

segundo hábito bastante comum na época. A Cadeia ali permaneceu até o ano de 1925, quando foi transferida para o Largo do Carmo, sendo instalada no local a Biblioteca Municipal. Hoje, o edifício serve como Câmara e Prefeitura Municipal.

Internamente, o prédio sofreu reformas de maneira a se adaptar às novas funções, apresentando alguns pisos em friso e forros em laje colocados recentemente.

b) Arquitetura

Imponente sobrado situado na esquina da Avenida Hermilo Alves com a Rua Ministro Gabriel Passos, apresenta embasamento de pedra aparente e detalhes decorativos de grande efeito.

Na fachada para a Avenida Hermilo Alves abrem-se, no pavimento térreo, oito janelas com enquadramento em pedra e sobreverga em massa, com fechamento de caixilhos brancos com vidros e tendo bandeira com divisões radiais. Todos os vãos têm verga abatida e ombreiras retas, sendo que, no pavimento superior, há oito janelas rasgadas por inteiro também com verga abatida e sobreverga de massa pintada de cinza. O enquandramento é de madeira pintada de marrom e o fechamento apresenta madeira na parte superior e vidro na inferior. Acima há uma aba pintada com festões em relevo, na cor cinza, que termina com cimalha sobre a qual ergue-se uma falsa balaustrada em cinza sobre fundo branco. Nos cantos há cunhais com elementos decorativos terminados superiormente por capitéis coríntios, acima dos quais elevam-se robustos pináculos. Devem ser notadas as marcas de ferro das grades da antiga cadeia, nas janelas do pavimento térreo.

Para a Rua Ministro Gabriel Passos a fachada apresenta, no pavimento térreo, quatro janelas com verga abatida e sobreverga de massa formando desenhos, que têm no centro decorações em forma de flor.

As janelas têm enquadramento de pedra e, entre elas, há pilastras também com embasamento em pedra e a parte superior apenas marcada com elementos decorativos em cinza.

Estas pilastras são interrompidas por uma sacada cujo encontro na parede se faz por uma pequena cimalha de massa pintada de cinza. Os cunhais são resolvidos da mesma forma que as pilastras e têm o mesmo tratamento cromático.

A porta principal apresenta verga abatida com enquadramento em pedra e uma sobreverga com decoração floral formando ramalhete amarrado por laço, acima dos quais há um medalhão composto por galhos de flores e que tem no centro data de 1849.

No segundo pavimento as pilastras e cunhais se prolongam, arrematando-se com capitéis coríntios estilizados. Há cinco janelas rasgadas por inteiro com sacada corrida, que é protegida por um balcão em ferro. Os vãos têm verga abatida, enquadramento em madeira e cimalha de massa cinza apresentando uma sobreverga com decorações na parte superior. O vão central é mais largo e nele a sacada abre-se em curva, sendo que, acima de sua porta, há uma composição com elementos decorativos. Acima dos vãos há uma aba pintada com festões em relevo na cor cinza, arrematada por uma cimalha acima da qual ergue-se falsa balaustrada em cinza sobre fundo branco. No centro há um frontão triangular com guirlandas de flores envolvendo um escudo do Império, policromado. Arrematando o frontão e as pilastras há robustos pináculos, sendo a cobertura em quatro águas.

Com estrutura de pedra, em seu interior há uma escada dupla no primeiro lance e única no segundo, com balaustrada torneada. O forro é de saia-e-camisa e as portas têm enquadramento em pedra, sendo que algumas dispõem de bandeira.

Na parte térrea funcionava, antigamente, a Cadeia e, na parte superior, situava-se a Câmara, em cuja sala de re

uniões há peças interessantes tais como um retrato de D.Pedro I, com moldura em rocailles azul e dourado, doze cadeiras de espaldar alto e dois consoles Luiz Felipe.

16.2.13 Teatro Municipal - Av. Hermilo Alves

a) História

Antes da construção do atual teatro municipal, teve São João del-Rei outras duas Casas de Ópera: a primeira, construída no Largo da Praia, cuja mais antiga referência data de 1805, no Livro de Termo de Vereança de 1797-1805; e a segunda, edificada em 1843-1844, à rua da Prata - ambas não mais existindo.

O atual teatro da cidade foi então construído em substituição ao antigo Teatro da Rua da Prata, em fins do século XIX, durante a administração municipal de Antônio Francisco da Rocha, sendo inaugurado a 2 de fevereiro de 1893, com a apresentação da peça "Dalila", pelo ator Furtado Coelho.

Sofreu o prédio remodelação em 1924, no período da Administração de Basílio de Magalhães, ficando o serviço sob responsabilidade do engenheiro Haroldo Paranhos. Novos melhoramentos foram executados na época do prefeito Antônio Viegas, encerrados a 10 de novembro de 1941. Em 1970, o teatro recebeu novo forro da laje.

b) Arquitetura

Situado na Rua Hermilo Alves nº 170, é uma construção localizada no centro do quarteirão, porém afastada das divisas.

Trata-se de um imponente edifício ao gosto neoclássico, com três portas em arco-pleno na parte inferior, em um corpo saliente definido por duas colunas coríntias de cada

lado. Sobre as portas há máscaras femininas com expressões variadas e, entre cada uma das portas, e nas partes laterais, há lampiões em mãos francesas trabalhadas. Na parte superior há uma balaustrada com elementos vazados à frente de três portas separadas por colunas com capitéis coríntios. As portas têm a parte central em madeira trabalhada e, na lateral, vidros, sendo arrematadas superiormente por vitrais com símbolos alusivos à musica, tais como harpas, trombetas e outros instrumentos musicais. Acima das portas há vergas retas que apresentam trabalho em massa com composições complexas que incluem instrumentos musicais e, no centro das quais, há medalhões com máscaras. Logo acima há placas com os seguintes nomes: S. de Rezende, R. de Mello e R. Bastos.

Nos corpos mais recuados há, inferiormente, duas bilheterias com grades de ferro pintadas em marrom e um escudo sobre a verga. Na parte superior há painéis com guirlandas descendo de um medalhão e encimados, respectivamente, com os nomes Alvarega Peixoto e Cláudio Manoel.

O frontão é bastante elaborado, apresentando trabalho em massa com uma representação de duas figuras segurando o escudo da cidade, que tem a data de 8 de Dezembro de 1713 e o nome São João del Rei. Acima do frontão e formando seu coroamento, há um grupo com três figuras, das quais duas estão assentadas e uma em pé.

A entrada é feita por ampla escadaria com balaustrada vazada, na qual se situam quatro conjuntos de lampiões em postes trabalhados.

A cobertura é em duas águas, em dois níveis.

16.2.14 Casa mais antiga da cidade - Rua Santa Tereza, 127/129

a) História

Nada consta sobre a época e iniciativa de construção do sobrado que, pelo seu estilo, é considerado o mais antigo da cidade. Atualmente, foi ele dividido em duas residências - a parte correspondente à fachada principal, voltada para a rua Santa Tereza, conservando suas características antigas, e a parte posterior, de acesso pela rua Hilário Viegas, reformada recentemente e descaracterizada pelo uso de material moderno.

b) Arquitetura

Trata-se de residência assobradada, cujo pavimento inferior apresenta três portas e uma janela, com verga reta e enquadramento em madeira. Todos os vãos têm fechamento em calha. Na parte superior há uma varanda resolvida por meio de três arcos de madeira, apoiados em quatro esteios, também em madeira, sendo que, para esta varanda, abrem-se duas portas de verga reta, enquadramento em madeira e fechamento em almofada. O guarda-corpo da varanda é em peças rústicas de madeira.

Situado em uma esquina, sua fachada lateral é resolvida no pavimento inferior com uma porta e três janelas de verga reta e enquadramento em madeira. O fechamento da porta é em calha e o das janelas em guilhotinas, calhas e venezianas. Pintada de branco, sua cobertura é de quatro águas com um pequeno galbo, sendo os beirais na frente com cachorros e lateralmente em beira-seveira.

Estava sofrendo restauração nà época da visita.

16.2.15 Casa de Bárbara Heliodora - Praça Frei Orlando, antigo Largo de São Francisco

a) História

O pequeno sobrado colonial de fins do século XVIII, conhecido por Casa de Bárbara Heliodora, possui valor especialmente histórico, pois pertenceu ao Inconfidente Alvarenga Peixoto e sua mulher, na época da Conspiração Mineira de 1789. Apesar de ter tido todos os seus bens sequestrados pela Coroa Portuguesa, por ocasião da prisão do marido, Bárbara Heliodora conseguiu fazer reconhecer seu direito à metade das propriedades do casal, conservando, assim, sua casa de São João del-Rei, que permaneceu ligada a seus herdeiros durante o século XIX, servindo como residência particular. Em época recente, o prédio foi adquirido pela Prefeitura para instalação do Museu de São João del-Rei e o Departamento de Turismo e Recreação Municipal.

O sobrado, apesar de ter sofrido algumas alterações e acréscimos, não foi descaracterizado; possui, ao fundo, depois do pátio interno ajardinado, um pequeno prédio neocolonial, onde funciona a Biblioteca Municipal.

b) Arquitetura

O pequeno sobrado com solução bastante original, compondo-se um corpo principal, que chega até a rua, e uma parte posterior que se situa depois de um pequeno jardim, formando uma planta em L.

O corpo principal abre-se para a rua, com duas portas de verga reta e enquadramento em madeira, com fechamento em calha e na parte superior situam-se duas janelas rasgadas por inteiro com guarda-corpo em ferro trabalhado, entalado entre as ombreiras também com verga reta e enquadramento em madeira.

A cobertura é em quatro águas e os beirais são resolvidos por cachorros e pintados de azul.

Na fachada lateral há uma janela de verga reta, enquadramento em madeira e fechamento em guilhotina e na fachada posterior, de frente para o jardim, também se abrem duas janelas do mesmo tipo.

O muro que protege o jardim tem cobertura com telhas de capa e bica, havendo também um portão de ferro de feitura recente.

Seu interior apresenta, logo à entrada, uma escada de madeira que leva ao segundo pavimento e que se liga com um corredor para o qual abrem-se diversas salas. As paredes são pintadas de branco e as portas têm verga reta, enquadramento de madeira pintado de sangue-de-boi com fechamento em almofadas pintadas de azul. Na sala da frente há um forro em gamela pintado de branco e, nas demais salas, os forros se apresentam em saia-e-camisa. Na parte posterior há varandas que dão para o jardim e que dispõem de balaustradas de madeira recortada, pintadas em azul e branco.

Aí funciona atualmente o Museu de São João del-Rei e o Departamento de Turismo e Recreação Municipal, sendo que, na parte posterior, foi construído um pequeno anexo onde se instala a Biblioteca Municipal.

Localiza-se na Praça Frei Orlando, antigo Largo de São Francisco, quase em frente à Igreja de São Francisco de Assis.

16.2.16 Casa da Família Lustosa - Praça Embaixador Gastão da Cunha

a) História

Nada consta sobre a época e iniciativa de construção do sobrado, sabendo-se apenas que data do século XIX, e que pertencera, talvez desde sua construção, à família Lustosa. Atualmente, é utilizado como residência particular no andar superior, e laboratório no térreo.

b) Arquitetura

Esta bela construção assobradada destaca-se pelo cuidado tratamento dos vãos e pela composição de sua volumetria.

A fachada principal é pintada de cinza, tendo os cunhais e duas pilastras centrais na cor branca bem como as sobrevergas de todos os vãos e o beiral em cimalha. No pavimento inferior há sete portas com verga abatida e enquadramento em madeira. Seu fechamento é em vidro na parte superior e em madeira, de feitura recente, na inferior.

O pavimento superior é marcado por uma sacada corrida. O guarda-corpo de ferro é bastante trabalhado, havendo dez lampiões duplos com mãos francesas requintadas entre os vãos. As bandeiras são em semicírculo e o fechamento tem vidro na parte superior e madeira na inferior. Os vãos apresentam-se em janelas rasgadas por inteiro com verga abatida e sobreverga.

A cobertura é em duas águas, com telhas coloniais e apresentando um pequeno galbo.

O embasamento é de pedra, assim como a sacada e os socos dos cunhais. Há uma pequena faixa de chapiscado cinza, acima da qual se elevam os socos dos cunhais e das pilas-

tras, sendo que, abaixo da sacada, há pequenos capitéis de desenho simples.

O interior está bastante descaracterizado, havendo uma escada de acesso ao segundo pavimento ao fundo de um corredor de entrada, na primeira porta a esquerda. O forro é de tabuado largo; porém, outros detalhes, tais como o piso, já se encontram totalmente modificados.

Situada na Praça Embaixador Gastão da Cunha, a casa da Família Lustosa, juntamente com o Solar Tancredo Neves, se destaca por seu lance corrido de casas térreas com fachadas reduzidas, colorido variado e os característicos beirais em beira-seveira.

16.2.17 Casa do Barão de São João del-Rei - Rua Padre José Maria Xavier, antiga Rua da Prata

a) História

Não existe qualquer informação sobre a época e a iniciativa de construção do prédio, sabendo-se apenas que pertencera à família do Barão de São João del-Rei e que remonta ao século XIX. Hoje, o sobrado é utilizado como Delegacia de Ensino e Delegacia Fiscal de Minas Gerais.

b) Arquitetura

Elegante sobrado situado em meio de quarteirão e cuja fachada se organiza em agradável jogo de vãos.

No pavimento térreo abre-se uma porta central ladeada por três janelas de cada lado, sendo que todos os vãos têm verga abatida e verga de cimalha de massa branca, com enquadramento em madeira cinza, tendo as janelas fechamento em guilhotina com caixilhos brancos. No pavimento superior há sete janelas rasgadas por inteiro, também de verga abatida e so-

breverga de massa pintada de branco. Seu enquadramento é igualmente em madeira pintada de cinza e são protegidas por guarda-corpo em ferro trabalhado, tendo fechamento com vidro na parte superior e madeira na inferior e apresentando bandeira com vidros na diagonal. A cobertura é em quatro águas no corpo central e duas águas na parte posterior.

No lado esquerdo há um pequeno jardim, sendo que a fachada apresenta duas janelas na parte inferior e três na superior, todas em guilhotina com verga abatida e enquadramento em madeira pintada de marrom. O beiral, em beira-seveira,é pintado de branco.

No seu interior, já bastante modificado, abre-se logo à entrada um vestíbulo com a escada para o pavimento superior. No pavimento térreo há três salas interligadas com portas de verga abatida dispondo de bandeiras de vidro. Os forros são em saia-e-camisa pintados de branco e como atualmente aí funcionam repartições estaduais, a divisão interna acha-se bastante modificada.

16.2.18 Solar da Baronesa de Itaverava ou Casa da Família Vieira Castro - Rua Resende Costa, nº 5/17/21

a) História

O grande sobrado de esquina, situado em frente ao Largo do Carmo e construído no século XIX, está hoje dividido em várias casas residenciais.

b) Arquitetura

Situado na Praça do Carmo e na esquina das ruas Rezende Costa e Getúlio Vargas, a Casa da Baronesa de Itaverava é um amplo sobrado cujas fachadas se apresentam movimentadas pelo grande número de vãos.

Na sua fachada principal, para a Rua Rezende Costa, o pavimento térreo apresenta três janelas com arco-pleno, bandeira em ferro e fechamento com venezianas, pintadas na cor avermelhada, bem como cinco portas também com o mesmo acabamento e apresentando, como as janelas, sobreverga em massa.

Sobre a última porta há um óculo circular e, a partir dela para a esquina, há três janelas rasgadas por inteiro com guarda-corpo em ferro e o mesmo tipo de tratamento nos acabamentos.

No pavimento superior abrem-se onze janelas rasgadas por inteiro com fechamento em vidro e madeira e apresentando bandeiras com vidros curvos. Todos os vãos têm verga abatida, sobreverga de massa e enquadramento em madeira. Entre cada vão, bem como junto aos cunhais, há lampiões com mãos francesas trabalhadas e todas as janelas são ligadas por uma sacada corrida com guarda-corpo de ferro trabalhado.

O embasamento é em pedra e os cunhais em massa, sendo arrematados por capitéis trabalhados.

Os beirais são em cimalha, havendo saídas para águas pluviais do tipo de cornetas.

No centro da fachada principal ergue-se uma água-furtada, na qual se abrem duas janelas de verga abatida, sobreverga em massa e enquadramento em madeira e fechamento em guilhotina. A água-furtada tem beiral em beira-seveira e um puxado anexo, mais baixo, protegido por telhas colocadas verticalmente.

A cobertura do sobrado é em quatro água com telhas coloniais e a da água-furtada em duas águas, com o mesmo tipo de entalhamento.

A fachada para a Rua Getúlio Vargas apresenta,no pavimento térreo, três portas com verga abatida, sobreverga

em massa e fechamento em almofadas bem como duas janelas com o mesmo tipo de acabamento em venezianas e vidro. No pavimento superior abrem-se cinco janelas rasgadas por inteiro, também com verga abatida e sobreverga em massa e iguais às da fachada principal em seu fechamento. Também estão ligadas por uma sacada com guarda-corpo em ferro trabalhado e apresentam, igualmente, lampiões com mãos francesas trabalhadas entre os vãos e o cunhal. No cunhal da esquina, no pavimento térreo,há ainda um lampião.

A planta, que originalmente se dizia ter 98 cômodos, encontra-se bastante modificada, sendo atualmente, dividida entre diversas residências e tendo, no pavimento térreo, uma repartição federal.

16.2.19 Solar Tancredo Neves - Praça Embaixador Gastão da Cunha

a) História

O sobrado situado em frente à Igreja do Rosário, com entorno em capistrana e passeio de laje, apresenta-se muito bem cuidado, com jardins e trepadeiras acompanhando as sacadas do andar superior. Entretanto, nada se sabe sobre a época e iniciativa da construção, supondo-se apenas que sempre tenha servido como residência particular.

b) Arquitetura

Excelente exemplo de arquitetura residencial, o Solar Tancredo Neves é um sobrado de agradáveis proporções e cuidado tratamento dos elementos.

Sua fachada principal, delimitada por cunhais de massa é resolvida, no pavimento térreo, por duas portas almofadas e quatro janelas de guilhotina. Todos os vãos têm verga abatida, sobreverga em massa, sendo que as vergas e ombreiras

são pintadas de verde e as sobrevergas de ocre. No segundo pavimento, alinham-se seis janelas rasgadas por inteiro com sacadas com grade de ferro, artisticamente trabalhadas, e tendo pinhas de vidro nos arremates. Entre as janelas, estão colocados sete lampiões com mãos francesas iguais aos do Solar João Moura, atual Museu Regional do IPHAN.

O tratamento cromático das janelas do pavimento superior é igual ao do inferior, sendo as vergas abatidas e as sobrevergas em massa. O fechamento é em vidro na parte superior e madeira na inferior, havendo bandeiras com divisão dos vidros em diagonal.

A cobertura é de quatro águas e o beiral apresenta beira-seveira pintada de branco e aba em verde.

O embasamento é de pedra, assim como a base dos cunhais.

Há um corpo secundário e recuado na fachada esquerda onde se abrem, na parte inferior, uma porta almofadada e, na superior, uma janela em guilhotina igual às da fachada principal. Este corpo recuado dispõe de um pequeno jardim e é protegido por uma grade de ferro.

Internamente, o sobrado, apesar de ter sofrido alterações, mantém as duas salas de frente com as características originais, tendo forro em saia e camisa pintado de branco e piso em tabuado e as sacadas de pedra.

As portas internas têm verga abatida e enquadramento em madeira ocre. No lado esquerdo havia, primitivamente, uma varanda com gradil de ferro que foi fechada e transformada em sala, sendo que na parte inferior havia uma porta que levava ao pátio, área atualmente remodelada.

No pátio posterior há um chafariz de pedra com uma carranca e encimado por uma cruz.

As demais peças tiveram seu uso alterado, porém foram mantidos os forros em saia-e-camisa e os pisos em tabuado.

O Solar fica na Praça Embaixador Gastão da Cunha, em frente à Igreja do Rosário, tendo capistranas e passeios de lajes e situando-se em agradável trecho de casario térreo.

16.2.20 Solar João Moura, atual Museu Regional do IPHAN - Rua Marechal Deodoro, nº 12, esquina com Praça Severino de Rezende

a) História

Nada consta, na documentação pesquisada, sobre a época e iniciativa de construção do prédio.

O imóvel foi tombado individualmente pelo SPHAN, conforme Inscrição nº 244 - Livro História - fl. 41 e Inscrição nº 310 - Livro Belas Artes - fl. 65, em data de 01 de agosto de 1946.

b) Arquitetura

Imponente sobrado de três pavimentos, situado na Rua Marechal Deodoro número 12, esquina com Praça Severiano de Rezende.

A fachada para a praça organiza-se com elegantes vãos que, no primeiro pavimento, são resolvidos por seis portas com verga abatida e sobreverga de massa, sendo a verga e as ombreiras pintadas em ocre. O fechamento é feito por folhas em calha, pintadas em azul, havendo ainda uma proteção com grade. No segundo pavimento há seis janelas rasgadas por inteiro com sacadas protegidas por guarda-corpos de ferro trabalhado. Todos os vãos têm verga abatida e sobrecarga em cimalha, havendo sobre a cimalha um relevo pintado em cinza formando con

chóides e tendo no centro uma cartela com inscrições. O fechamento tem folhas com parte inferior em madeira e superior em vidro, havendo, ainda, bandeiras com divisões em forma de flor estilizada. Entre o primeiro e o segundo pavimentos, no nível da soleira das sacadas, há uma faixa horizontal marcando a divisão e sobre esta uma outra, com o mesmo tipo de decoração da sobreverga.

O terceiro pavimento tem, igualmente, seis janelas rasgadas por inteiro com o mesmo tipo de tratamento das anteriores, sendo que as sobrevergas não têm decoração e as duas janelas centrais têm uma única sacada a qual apresenta no centro uma peça de ferro com um lampião. Também aqui aparece a faixa de coração horizontal à altura da soleira das sacadas.

A fachada para a Rua Marechal Deodoro mostra uma parte em dois pavimentos na sua extremidade direita e organiza-se, no pavimento térreo, com seis portas iguais às da fachada para a praça.

No segundo pavimento há seis janelas rasgadas por inteiro com sacadas e tratamento geral igual às da praça, no mesmo nível, exceto pelas sobrevergas que não apresentam decoração, existindo, porém, a mesma barra com elementos decorativos ligando as sacadas. Na parte que tem três pavimentos abrem-se quatro janelas de verga abatida, sobreverga em massa, enquadramento em madeira e fechamento em guilhotina.

Os beirais formam cimalhas pintadas em cinza e a cobertura em quatro águas apresenta telhas coloniais. Os cunhais são trabalhados com decoração de elementos florais e vegetais estilizados, bem como rocailles e sendo terminados por capitéis coríntios. Os cunhais são divididos à altura de cada pavimento e apresentam socos de pedra.

Para o lado da praça há um pequeno anexo térreo, com quatro portas de verga abatida, sobreverga em massa e cuja cobertura é em duas águas e o beiral em cimalha pintada de cinza.

Para a Rua Eduardo Magalhães, o anexo abre-se com três portas de mesma solução que as anteriores, havendo, ainda, um muro protegido por telhas e com beiral em beira-seveira no qual se abre uma porta de mesmo tratamento que as demais.

Também no anexo podem ser notados os mesmos cunhais com socos de pedra e parte superior com elementos decorativos.

Na fachada do corpo principal do sobrado, que se abre para a Rua Eduardo Magalhães; merece destaque a solução das cinco janelas geminadas, no segundo pavimento, todas com verga abatida, sobreverga em massa e fechamento em guilhotina. Neste pavimento há ainda outra janela igual às anteriores, junto ao cunhal.

No terceiro pavimento, há duas janelas com guilhotina e quatro outras germinadas, com o mesmo tipo de fechamento, sendo o beiral em beira-seveira para este lado. Na parte correspondente a dois pavimentos, abre-se uma porta para uma área externa, também com verga abatida e fechamento em calha. Nesta fachada o beiral apresenta-se igualmente em beira-seveira e a cobertura é em três águas.

Sua planta encontra-se atualmente bastante modificada tendo em vista o atual funcionamento como Museu Regional do IPHAN, porém podem ser percebidas as amplas salas que compunham a planta em sua feição original, devendo ser notada a monumental escadaria que leva da entrada ao segundo pavimento. Também devem ser mencionados os pisos em tabuado largo e os forros em saia-e-camisa pintados de branco, bem como a pequena cimalha e aba de madeira. As portas internas têm vergas alteadas e retas, sendo pintadas em ocre.

Existe ainda um pequeno jardim com um tanque em pedra e que se abre para a Rua Doutor Eduardo Magalhães, junto ao anexo.

O acervo do Museu Regional do IPHAN é bastante rico e interessante, destacando-se belas peças de mobiliário como camas, bancos policromados, meses, cadeiras e arcazes. Há também ex-votos do século XVIII e pinturas do século XIX, inclusive retratos do Comendador João Antônio da Silva Mourão e de sua esposa, primitivos proprietários do Solar.

Na coleção podem ser vistas ainda liteiras bem como diversas peças de arte religiosa, entre as quais se incluem talhas de igrejas do século XVIII e inúmeros exemplares de imaginária, entre as quais se destacam duas figuras de presépio e um São Sebastião de autoria de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

16.2.21 Solar Guadalupe, atual mosteiro São José - Rua Padre José Maria, nº 16

a) História

Antiga propriedade residencial da família Guadalupe, recentemente passou a pertencer à Ordem da Imaculada Conceição, para instalação do Mosteiro de São José.

Datado do século XIX, sofreu remodelações com o tempo, principalmente em seu interior, onde foram acrescentados elementos novos e usados materiais modernos - pisos de cimento, basculantes, etc.

b) Arquitetura

O Solar Guadalupe, atual Mosteiro de São José, é um elegante e sóbrio sobrado de dois pavimentos que apresenta no térreo quatro janelas de verga abatida e com sobreverga em cimalha pintada de cinza. O enquadramento é em madeira e o fechamento em guilhotina. Há, ainda, duas portas também com verga igual à das janelas, também com enquadramento em madeira pintada de cinza e com fechamento em calha. A porta que fica

junto ao cunhal é a entrada para o mosteiro, sendo que a outra abre-se para uma pequena capela. No pavimento superior há seis janelas rasgadas por inteiro, sendo que as quatro centrais têm guarda-corpo em ferro abatido e as duas das extremidades apresentam-se como sacadas isoladas, com o mesmo tipo de guarda-corpo. Estas janelas têm verga abatida, sobreverga em massa, enquadramento em madeira pintada de cinza e fechamento em folhas com a parte superior de vidro e a inferior em madeira, havendo, inclusive, bandeira.

O sobrado apresenta embasamento de pedra e cunhais de massa também com embasamento em pedra, sendo que nos cunhais há florões e detalhes decorativos bem como capitéis coríntios no arremate.

A cobertura é em duas águas com telhas coloniais e o beiral tem cimalha e aba lisa, abaixo do qual há um friso e outra aba com desenhos formando curvas, contracurvas e guirlandas. As telhas dos cantos são em peito de pomba.

Situado no meio do quarteirão, tem seu interior muito modificado e reformado.

16.2.22 Casa do Barão de Itambé, antiga Casa de Intendência - Praça Barão de Itambé

a) História

A casa térrea, que pertencera ao Barão de Itambé, durante o século XIX, é o mesmo prédio que serviu, na época colonial, de Casa de Intendência. Saint-Hilaire deixou pequena observação sobre o prédio da Intendência ao descrever sobre a cidade de São João del-Rei, em 1818:

"As casas do ouvidor e da intendência são dois edifícios pouco onsideráveis porém muito bonitos. Da intendência não somente se descortina toda a vila como também a vista

ainda se estende para além no vale".[118]

b) Arquitetura

Amplo casarão térreo com porta central muito alta com verga alteada, fechamento em almofadas e pintada de cin A porta é marcada por duas pilastras pintadas de cinza e que repousam sobre dois socos marcados. Sobre a cimalha há uma com posição decorativa, com duas volutas e ânforas com flores na sobreverga.

De cada lado da porta há quatro janelas de verga alteada e sobreverga de massa, com enquadramento em madeira pintada em cinza e fechamento em guilhotina com caixilhos bran cos, havendo um ponto de luz em cada verga.

A fachada prolonga-se horizontalmente, tendo um embasamento bastante alto e sua pintura é cinza escuro na par te central, correspondente à porta e a duas janelas laterais, e cinza claro nas partes laterais, dando a impressão de que se acha atualmente dividida em três residências. Há uma peque na entrada lateral coberta por telhas e com porta também de verga alteada.

Sua planta é compacta e logo à entrada há uma es cada em marmorite, que situa-se em um vestíbulo para o qual se abrem quartos e salas, não havendo corredor. No interior as portas são também muito altas, com vergas retas e enquadramen to em madeira, apresentando bandeiras, sendo pintadas em cinza. O forro é em friso e o piso em tabuado estreito. A cobertu ra é em duas águas e o beiral apresenta cimalha. Do lado direito há um pequeno Passo anexo à casa.

Esta residência foi reformada e aumentada, pelo que seu interior encontra-se bastante modificado.

---

[118] *SAINT-HILAIRE, A. de, op. cit. nota 95 , p.204.*

16.2.23 Casa do Padre José Maria Xavier

Pequena casa térrea com fachada típica das construções residenciais de pequeno porte, apresentando uma porta central ladeada por duas janelas. Todos os vãos têm verga alteada e enquadramento em madeira pintada de azul. As janelas têm fechamento em guilhotina e há um pequeno cunhal na esquina.

A fachada lateral para a esquina apresenta três janelas de guilhotina com fechamento em calha. O beiral é em beira-seveira e a cobertura é em quatro águas com telhas coloniais, sendo que o telhado é comum à casa seguinte e há cornetas pintadas de azul para saída de águas pluviais.

O sistema construtivo é em adobe com embasamento de pedra.

Internamente, tem planta compacta com um total de três quartos, inclusive uma alcova, e organizando-se a planta com um corredor central que leva à cozinha. As portas internas têm verga abatida e molduras em azul. O forro é de saia-e-camisa e o piso em parquet, havendo, ainda, um amplo quintal.

16.2.24 Ponte da Cadeia

a) História

A iniciativa de construção de uma primeira ponte de pedra em São João del-Rei coube ao Senado da Câmara, em edital lançado a 15 de novembro de 1797, no qual foi aberta concorrência para "a fatura de uma nova Ponte de pedra no Lugar e Rua da Intendência, não só pela ruina, e dano em que se acha a antiga como pelas consequências previstas, que de pou-

cos dias ameaçam".[119] O documento se refere a um acidente ocorrido poucos dias antes, a 2 de novembro de 1797, quando a ponte de madeira ruiu no momento em que passava por ela uma procissão. A Câmara apresentou, também, no edital uma justificativa pela prioridade dada à construção da Ponte da Cadeia, por se ligar à rua da Intendência, "sem dúvida a de maior Comércio e de mayor utilidade ao Público e aos Reais intereços".[120]

Arrematou as obras de construção o mestre Joaquim Bernardes Chaves, a 24 de fevereiro de 1798, pelo valor de 5 contos e 100 mil réis, convencionando-se no contrato que "seria feyta a dita ponte toda de pedra e cal com cantaria miuda de picão por todas as suas faces e lados. Que seria formada sobre três arcos de trinta e dois palmos de vão cada hum;... Corrimoins, com asentos de hua e outra parte no vão de arco do meyo e paredoins dos lados"...[121] Mais tarde, a direção e a responsabilidade da obra foram transferidas para o mestre Francisco de Lima Cerqueira.

A ponte, construída segundo a orientação recebida no "Auto de Rematação", foi acrescida de uma cruz em pedra no meio do arco grande sobre o corrimão, por ocasião da construção da Ponte do Rosário.

Por Lei Municipal nº 469, de 21 de janeiro de 1926, passou a "denominar-se Ponte Municipal a até agora denominada Ponte da Cadeia".[122]

---

[119] MAGALHÃES, H. de. *As duas pontes de pedras de São João-del-Rey*. São João-del-Rei, Typ. com. 1926. Citação: p. 116.

[120] *ibid.*

[121] *ibid.*, p. 19

[122] *ibid.*, p. 25

b) Arquitetura

Extremamente sôbria e elegante, a ponte da Cadeia, sobre o Côrrego do Lenheiro, destaca-se pela solidez de sua construção em pedra na qual sobressaem os três arcos que a sustentam e cuja solução apresenta de cantaria.

A ponte tem uma murada em pedra e, na parte central, dispõe de bancos dos dois lados.

Acima dos bancos, de um lado situa-se um lampião e, de outro, um cruzeiro também em pedra.

O calçamento é em paralelepípedo, havendo uns pequenos passeios laterais.

A ponte apresenta, no piso, pequena elevação no centro com declives para as margens.

16.2.25 Ponte do Rosário

a) Histôria

As obras de construção da Ponte do Rosário, sobre o Côrrego do Lenheiro, ligando a rua do Rosário à antiga Rua da Prata, foram arrematadas em hasta pública, a 11 de outubro de 1800, pelo Capitão Manuel Ferreira Leite, por..... 4:000$000.

Construída de acordo com orientação estipulada no contrato, apresenta um risco bastante semelhante ao da Ponte da Cadeia, por determinação do "Auto de Rematação": "Terá a ponte a mesma largura e formalidade da ponte nova que se acha feita, da Rua da Intendência, sendo a cantaria para ella necessária lavrada de pição miudo, assim no corrimão, como nas aduellas dos Arcos com especialidade as cabessas de huma e outra banda que terão dois palmos de vitola de cabessa, pena as

sim mostrar milhor a sua formozura e valentia".[123]

Estipulou-se, também, que sobre o corrimão se assentaria "quatro pirambulas de pedra da Candonga, huma em cada canto da mesma entrada da ponte, e porá no meio do Arco grande sobre o Corrimão uma Cruz da mesma pedra que terá mais altura a aste do que da ponte de baixo... E fará asentos de huma e outra parte como se praticou na ponte de baixo".[124] A cruz da Ponte do Rosário não mais existia no ano de 1926.

O mestre que executou as obras da Ponte do Rosário, Francisco Lima Cerqueira, foi o mesmo que trabalhou na Ponte da Intendência.

b) Arquitetura

A ponte do Rosário, também sobre o Córrego do Lenheiro, assemelha-se à da Cadeia e sua solução é baseada em três arcos de cantaria, havendo, porém, um ressalto na parte do arco central. Também dispõe de bancos laterais, bem como de um lampião e um pequeno cruzeiro em cada um dos seus lados.

A mureta é também em pedra e a ponte constitui elegante elemento de ligação entre a Rua do Rosário e a antiga Rua da Prata, atual Rua Padre José Maria Xavier.

16.2.26 Chafariz da Praça Carlos Gomes, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Carmo

Localizado no centro da praça, trata-se de um chafariz em ferro fundido, erigido sobre uma base com lajes de pedra, em 1887. Apresenta quatro carrancas e quatro bacias nas suas faces e, na parte superior, é arrematado por um poste com

---

[123] MAGALHÃES, H. de, *op. cit. nota 119, p.27.*

[124] *ibid.*

forma de coluna estriada com capitel coríntio, tendo cinco lampiões e motivos vegetais na base.

Todo o conjunto é pintado de verde e pode ser lida a inscrição:

Á
CAMARA MUNICIPAL
DE
S. JOÃO DEL REI
EM 1887

Trata-se de peça curiosa, importada da Europa no século XIX e que se completa com seis postes, de cuidado trabalho, que se distribuem na praça.

16.2.27 Chafariz da Legalidade

a) História

Construído em 1833, no Largo da Praia, foi o chafariz demolido e, mais tarde, restaurado na Praça do Quartel, hoje Praça Tiradentes. Em 1943, foi novamente transferido, agora para a Praça dos Andradas, defronte ao Grupo Escolar Maria Tereza.

Em alvenaria, é ornamentado com escada, pilastras, pirâmides e volutas em pedra.

b) Arquitetura

Embora construído no século XIX, o chafariz da Legalidade apresenta-se como nos modelos anteriores, resolvendo-se com parede de alvenaria branca terminada em curvas suaves, arrematadas por cimalha de cantaria com uma pinha.

Lateralmente dispõe de fortes colunas, também em cantaria, que têm volutas e que são encimadas por pináculos.

Na parede de alvenaria há quatro carrancas emolduradas, duas a duas, sendo todo o conjunto em cantaria e na parte central, também com molduras em pedra, há uma composição de forma curva que inclui dois golfinhos entrelaçados, igualmente em cantaria.

Um pouco acima deste conjunto central há outro elemento de pedra à feição de óculo quadrilobado, no centro do qual há uma esfera armilar.

A bacia, em pedra, é chanfrada, apresentando molduras, sendo o conjunto situado sobre um embasamento com três degraus de pedra.

A composição geral é sóbria, porém apresentando agradável solução tanto para o frontão com detalhes em cantaria, quanto para a própria bacia de desenho cuidado.

16.2.28 Chafariz da Deusa Ceres - Praça Chagas Dória

Muito semelhante ao Chafariz da Praça Carlos Gomes, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, este exemplo apresenta apenas duas bacias sobre as quais há carrancas. Nas outras duas faces há cereais em relevo que são os símbolos da deusa Ceres, cuja figura coroa o conjunto, que é feito em ferro fundido e seguramente de procedência européia e feito no século XIX.

Atualmente, o pedestal está pintado em verde e a figura da deusa em patinado, sendo o conjunto bastante interessante como peça de época.

16.2.29 Pelourinho

Situado na Praça Francisco Neves, o Pelourinho acha-se cercado por grade de ferro e se apresenta como uma coluna de serpentinita arrematada por um pináculo. Na sua parte inferior torna-se mais largo e facetado, havendo duas peças laterais em forma de bacia.

Ao lado, repousando sobre uma base circular, há uma estátua de pedra sem cabeça e com a data 1812.

16.3 Distrito de Arcângelo

16.3.1 Síntese histórica

A mais antiga referência a primitivo arraial de São Miguel do Cajuru data de 1821-26, época em que Dom Frei José da Santíssima Trindade visitou o local em visita pastoral a sua capela. Supõe-se, assim, que Cajuru remonta à segunda metade do século XVIII, surgido em razão da mineração do ouro em seus arredores.

No ano de 1864, a então freguesia de São Miguel do Cajuru contava com "34 casas cobertas de telha dentro do povoado, uma população de 246 habitantes, 17 agricultores, 15 negociantes e 40 artífices, e muitos faiscadores que dos ribeirões Lavrado, Restinga e Lavrinha extrahiam cerca de 1.000 oitavas de ouro (de 3$600 a oitava por anno)..., na lavoura se alinha ao cultivo dos gêneros alimentícios, e a criação do gado vaccum, suino, cavallar e lanígero".[125]

[125] SÃO JOÃO D'EL-REY. *Annuario Historico - Chorographico de Minas Geraes*, Bello Horizonte, 3:955-67, 1909.

Com o esgotamento de suas lavras, São Miguel passou a dedicar-se com maior intensidade à atividade agropecuária e, no início desse século, sua exportação de queijo pelas estações próximas da Estrada de Ferro Oeste de Minas adquiriu grande relevância.

Entretanto, as diversas anulações e transferência por que passou a Freguesia de São Miguel, sempre disputando essa categoria com a Freguesia de São Francisco do Onça, durante todo o decorrer do século XIX, denotam certa instabilidade e inexpressividade econômica do local.

A denominação atual do distrito de Arcângelo foi-lhe concedida por Decreto Lei nº 1.508, de 31 de dezembro de 1943.

16.3.2 Acervo histórico-arquitetônico

16.3.2.1 Igreja Matriz de São Miguel do Cajuru

a) História

Não há referência documental a respeito da época e iniciativa de construção da Igreja Matriz de São Miguel do Cajuru. Provavelmente, a primitiva capela remonta aos primeiros tempos de formação do arraial do Cajuru, surgido na segunda metade do século XVIII.

Por ocasião da criação da paróquia, a 7 de agosto de 1833, a igreja já devia apresentar sua forma arquitetônica definitiva, pois, em 1849, encontrava-se bem conservada e recentemente reformada, de acordo com Relatório do Vigário José Bonifácio dos Santos ao governador da Província de Minas Gerais: "esta Matriz presentemente se acha em ponto piqueno ornada e asiada por dentro, sem precizão de reparos por ter sido a pouco retocada a custa e devoção dos aplicados da

mesma".[126]

Nada consta sobre autoria e época das pinturas dos forros da capela-mor, nave e coro, datando presumivelmente de princípios do século XIX.

Atualmente, a igreja de São Miguel acha-se totalmente descaracterizada, conservando apenas os trabalhos de pinturas da capela-mor, nave e coro.

b) Arquitetura

Completamente descaracterizada por um aumento feito na parte da frente com a criação de uma fachada neogótica revestida em pedra Ouro Preto.

A cobertura na parte antiga, correspondente à nave, tem beira-seveira, único detalhe da que restou da construção primitiva, no seu exterior.

c) Ornamentação

No interior destacam-se os altares de chanfro com talha rococó e as tarjas do arco-cruzeiro e da capela-mor que estão conservadas.

Os principais elementos decorativos são as pinturas de forro, sendo que, na capela-mor, está representado São Miguel, rodeado por cartelas. Entretanto, devido à ação de insetos xilófagos está sendo refeita sem maiores critérios.

De extrema importância, porém, é o forro da nave, em abóbada de berço com a composição de um medalhão sustentado por colunas em perspectiva, na qual está representado São Miguel ajoelhado aos pés da Santíssima Trindade, circundado por anjos envoltos em nuvens e com seus atributos teológicos.

---

[126] *Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte [APM]. Relatório do Vigário José Bonifácio dos Santos, em resposta à circular do presidente da província José Ildefonso de Sousa Ramos.*

O conjunto é envolvido por "rocailles" em tons de vermelho, sépia e azul, cores que predominam em toda a pintura que tem caráter eminentemente erudito, e na qual se destacam também elementos florais e rosas de Malabar.

Nos quatro cantos são ainda representadas as figuras de São Ambrósio, São Jerônimo, Sto. Agostinho e São Gregório.

No coro há pinturas de guirlandas de flores e instrumentos musicais, da mais alta qualidade e segundo a mesma escala cromática, salientando-se o vermelho, azul e sépia.

Tanto pela erudição da pintura como pelo colorido empregado e predominância de representação de instrumentos musicais da época, justifica-se a atribuição da sua autoria a Manuel da Costa Athayde.

SÃO JOÃO D'EL REI
Sítio Monumental

— · — NÚCLEO HISTÓRICO

CONJUNTOS ARQUITETÔNICOS DE INTERESSE HISTÓRICO (Séc. XVIII e XIX)

EDIFICAÇÕES DE INTERESSE HISTÓRICO - ARQUITETÔNICO:

I RELIGIOSAS

Passos da Paixão

1 · Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar
2 · Igreja de Nossa Senhora do Carmo e Cemitério
3 · Igreja de São Francisco
4 · Igreja de Nossa Senhora do Rosário
5 · Igreja de Nossa Senhora das Mercês
6 · Capela de Santo Antônio
7 · Capela de São Gonçalo Garcia
8 · Capela do Bom Jesus do Monte (Bairro Senhor dos Montes)
9 · Capela do Senhor do Bonfim

II · CIVIS

11 Prefeitura Municipal (antiga Casa de Câmara e Cadeia)
12 Teatro Municipal
13 Casa mais antiga da cidade
14 Ponte da Cadeira
15 Ponte do Rosário
16 Museu Municipal (antigo casa de Bárbara Heliodora)
17 Casa do Barão de Itambé
18 Solar João Moura (atual museu do SPHAN)
19 Casa do Padre José Maria Xavier
20 Solar de Tancredo Neves
21 Casa da família Lustosa
22 Casa do Barão de São João D'El Rei
23 Solar da Baronesa de Itaverava
24 Solar Guadalupe (atual mosteiro de São José)
25 Chafariz da Legalidade
26 Chafariz da Praça Carlos Gomes
27 Pelourinho

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO — ASSESSORIA TÉCNICA DA PRESIDÊNCIA ATP		CIRCUITO DO OURO — CAMPOS DAS VERTENTES	
Título: São João D'El Rei Sítio Monumental	Data: Maio/81	Fonte: Fundação João Pinheiro Assessoria Técnica da Presidência - ATP	MAPA Nº 5
DMSA Serviço de Desenho	Escala: 1:2000	Base: Centrais Elétricas de Minas Gerais S/A-CEMIG	

17 TIRADENTES

17.1 Síntese histórica

Em documento de meados do século XVIII, no qual o sargento-mor José Matol dá notícias sobra as minas, consta que "no ano de 1702, pouco mais ou menos, descobriu Tomé Portes del-Rei, junto ao sítio em que está a vila de São José, um ribeiro que ele... repartiu entre si e alguns taubateanos, onde formaram todos um arraial a que deram o nome de Santo Antônio, levantando nêle pequena capela...".[127]

Entre os taubateanos, que nesse momento exploraram as minas de São José, está o sertanista João Siqueira Afonso, considerado também, em alguns relatos históricos, o fundador de Tiradentes, então conhecido por arraial Velho do Rio das Mortes. Esse primeiro núcleo de povoamento da região do Rio das Mortes teve rápido crescimento inicial e já em 19 de janeiro de 1718, foi elevado à categoria de vila, com o nome de São José del-Rei, desmembrado da vila de São João del-Rei.

Por um período, as duas vilas próximas entraram em desentendimento quanto à delimitação de seus territórios e de seus respectivos direitos de liderança e autonomia. Entretanto, a condição de sede da Comarca do Rio das Mortes e a circunstância de funcionamento em São João del-Rei da Intendência e da Casa de Fundição favoreceram a afirmação do antigo arraial Novo como centro econômico e administrativo regional, em detrimento do maior crescimento da vila de São José del-Rei.

Até a primeira metade do século XVIII, São José del-Rei se definiu, urbanisticamente, dentro das feições com que chegou até o presente, concentrando-se praticamente o seu casario ao longo da via-tronco que, partindo do alto da Igreja

[127] BARBOSA, W. De A. Tiradentes. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, SATERB, 1971. p. 510-1.

MOD. FJP - 19/SG

Matriz de Santo Antônio (construída em torno de 1710), atinge a margem adjacente do Córrego de Santo Antônio, no largo do Chafariz de São José. Foi, provavelmente, nesse ponto de maior relevância da vila, em torno da matriz, que se iniciou a estruturação do núcleo urbano, pois é ali que se encontram as edificações de maior antiguidade e nobreza arquitetônica. São também dessa época, além da igreja matriz - ampliada por volta de 1736 - a Igreja do Rosário, construída em 1708 e localizada em ponto bastante central do núcleo urbano, assim como o prédio da Cadeia Pública e o Chafariz de São José, construído em 1749.

A decadência da mineração em toda a Capitania, que já se prenuncia por volta de 1750, não foi presentida e não teve reflexos imediatos sobre o crescimento de São José del-Rei. Alí muitas das construções ou reconstruções de maior importância, religiosa ou civis, de caráter público ou particular, datam da segunda metade do século XVIII, tais como a Capela da Santíssima Trindade, a Capela do Bom Jesus da Pobreza e a Casa do Inconfidente Padre Toledo, dentre outras.

No século XIX, apesar de já consolidada sua estrutura urbana, a vila entrou em decadência por não ter alternativas econômicas que substituíssem as já diminuídas fontes de recursos provindas da atividade de mineração. Saint-Hilaire deixou o depoimento esclarecedor, quando ali esteve, por volta de 1817:

"É pequena mas conta com casas muito bonitas e fica-se admirado do tamanho da igreja paroquial... As colinas que cercam S. José, cavadas e reviradas em todos os sentidos demonstram quais eram as ocupações dos primeiros habitantes dessa vila. Seus arredores fornecem muito ouro e é de ver-se que este lugar foi de grande importância, para que, tão perto de S. João, se criasse outra vila. Hoje o metal precioso que constituia o objeto de tantas pesquisas acha-se quase esgotado, tendo sido abondonadas quase todas as antigas minerações".[128]

[128] SAINT-HILAIRE, A. de, *op cit. nota 95, p. 116.*

Limitada a extração do ouro e restrito o número de mineradores, as atividades dos moradores da Vila de São José del-Rei reduziram-se à criação de gado e a uma incipiente agricultura, com plantações de milho, arroz, feijão e frutas em geral. Apesar das dificuldades de comunicação, devido à precariedade das estradas, predominava o comércio de carne de porco, gado e carneiros, enviados para algumas localidades das Minas e mesmo para o Rio de Janeiro.

Registra-se, também, na vila[129], em 1831, grande atividade no ramo de fiação e tecelagem, com o significativo número de 189 fiandeiras e tecedeiras, além de 44 costureiras, chegando a localidade a possuir, em 1864, cerca de 70 teares com produção de 30.000 varas de pano. Entretanto, a atividade têxtil não chegou a adquirir ali caráter de organização industrial, tal como ocorreu em São João del-Rei, onde se instalaram várias fábricas.

Em 1775, segundo os "Dados estatísticos sobre a população da Freg^{a}. de S^{to}. Ant^{o}. da V^{a}. de S. José do Rio das Mortes"[130], a população total da freguesia da Vila de São José era de 10.926 pessoas, com um total de 1.727 fogos (matriz e nove capelas filiais), estando a vila com 734 fogos e 4.000 pessoas. A partir de então e durante todo o decorrer do século XIX, percebe-se, através dos dados de população, um processo lento mas constante de declínio econômico e esvaziamento populacional da vila. Assim é que, por volta de 1831, a população urbana caiu, num período de 36 anos, de 4.000 habitantes para 3.059. Pela época de sua elevação à categoria de

---

[129] BARBOSA, W. de A., *op. cit. nota 127, p. 510.*

[130] *DADOS estatísticos sobre a população da freg.ª de S.to Ant.o da V.ª de S. José do Rio das Mortes em 1795.* Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horizonte, 8 (1/2):623-4, jan./jun. 1903. p. 623.

cidade[131], no ano de 1860, São José contava com cerca de 2.500 habitantes. Essa tendência manteve-se ainda durante o século atual: com cerca de 11 ruas e 5 praças, em 1900, foi registrado na cidade, em 1920, um total de 1.236 habitantes; trinta anos mais tarde, o censo de 1950 acusa decréscimo populacional, registrando o número de 1.142 habitantes.

Sem grandes alternativas econômicas que justificassem um processo de reativação local, a malha urbana da cidade permaneceu quase inalterada até fins do século XIX. Dessa época a princípios do século atual, Tiradentes - denominação adotada em 1889 - experimentou certo ritmo de expansão com a modernização do sistema viário - primeiro a ferrovia, mais tarde as estradas de rodagem -, que favoreceria as condições de comunicação com outras regiões do Estado, possibilitando o escoamento mais regular da produção econômica e a maior assimilação dos elementos de progresso material e social.

A presença institucional do SPHAN, através do tombamento, em 1938, do acervo arquitetônico e paisagístico de Tiradentes e, posteriormente, do tombamento individual de várias edificações religiosas e civis, implicou a maior valorização e divulgação do acervo local, quer como objeto de interesse dos estudiosos, quer como potencial turístico. Isto tem assegurado à cidade a preservação de sua integridade física, impedindo que ocorram alterações descaracterizadoras do núcleo histórico.

---

[131] MINAS GERAIS. Leis, decretos, etc. Lei 1.092 de 7 de Outubro de 1860. Collecção de Leis da Assembléa Legislativa da Provincia de Minas Geraes de 1860, Ouro Preto 26[1]:100, 1861.

17.2 Acervo histórico-arquitetônico

Tiradentes apresenta um acervo arquitetônico dos mais importantes e valiosos de Minas Gerais[132], no que diz respeito às construções setecentistas, tanto religiosas quanto civis e oficiais.

Em termos de arquitetura civil, se destaca-se pela harmonia do casario térreo que se alonga em lances contínuos pelas suas principais ruas com soluções extremamente elegantes e graciosas, não obstante a simplicidade de suas linhas.

Devem ser notadas algumas peculiaridades que caracterizam a paisagem urbana da cidade, quais sejam, as casas térreas com número ímpar de janelas, tratadas sempre com grandes cuidados, tanto na solução das vergas abatidas quanto nos fechamentos em guilhotinas e treliçados de fatura caprichosa. Há predominância de coberturas em duas águas e de beirais com beira-seveira, ainda que possam ser notados alguns beirais encachorrados.

Os sobrados são em menor número, porém mostram como solução de excepcional significação arquitetônica como a casa do Padre Toledo, parcialmente assobradada, e com requinta da cantaria nos vãos, apresentando também composição geral das mais interessantes e inusitadas para a arquitetura residencial.

---

[132] *A área que compreende o acervo arquitetônico e paisagístico de Tiradentes foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN - conforme inscrição nº 36 - Livro de Belas Artes - fl. 7, em data de 20 de abril de 1938.*

Cumpre, ainda, destacar os acabamentos internos de extrema riqueza, principalmente pelos forros pintados e apainelados que apresentam composições policromadas com figuras e elementos decorativos do barroco e que se repetem, não só em vários cômodos de uma mesma residência (casa do Padre Toledo), como ainda em exemplos isolados como a residência da Rua Padre Toledo nº 114. Também os vãos podem se mostrar com acabamentos de cuidada feitura e que incluem, igualmente, pinturas policromadas, como nos casos já citados.

Entre as construções assobradadas, destaca-se a Prefeitura Municipal, que funciona em excepcional exemplo de construção de maior porte, contando, inclusive, com interessante solução para o sótão. Também salientam-se outras edificações oficiais, tais como o Fórum, com seu gracioso avarandado, e a Cadeia, que tem linhas sóbrias e apresenta robusta composição volumétrica. Deve-se notar que, em Tiradentes, existem dois Edifícios separados para o funcionamento das tradicionais casas da Câmara e Cadeia, sempre reunidas em edificação única.

Quanto à arquitetura religiosa, o grande destaque é a Matriz de Santo Antônio que, por suas proporções e riquíssima ornamentação interna, pode ser considerada um dos mais importantes exemplos de arquitetura religiosa colonial mineira - inclusive com risco da fachada feito pelo Aleijadinho dentro dos padrões das grandes Matrizes de Minas Gerais. Em seu interior, além da exuberante talha da nave e da capela-mor, devem ser salientadas as diversas sacristias ricamente decoradas, bem como a excepcional composição do coro, com pilastras de extrema elegância e decoração exuberante, como também o órgão, de imponente presença, e que pode ser considerado exemplo único em Minas Gerais, pela sua belíssima decoração.

Entre as capelas de menor porte, cuja solução da fachada apresenta-se mais ou menos uniforme através da composi

ção com um corpo central marcado por frontão curvo e com puxados laterais para sineiras e sacristias, destacam-se, pela riqueza de seu interior, especialmente a pintura dos forros apainelados, as Capelas de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Mercês. Também digna de nota é a de São João Evangelista, principalmente por sua original talha da capela-mor, onde elementos de inspiração oriental juntam-se aos tradicionais querubins, característicos da talha de gosto barroco e rococó. As demais Capelas, ainda que com interiores mais singelos, constituem, igualmente, interessantes exemplos de arquitetura religiosa colonial mineira.

Finalmente, deve ser destacado o chafariz de São José, por sua imponente solução, que organiza um amplo espaço e por suas linhas sóbrias e elegantes que o tornam um dos mais belos exemplos de construções públicas setecentistas do Estado.

17.2.1 Igreja Matriz de Santo Antônio

a) História

A primitiva capela de madeira, dedicada a Santo Antônio, data dos primeiros anos de formação do povoado, mas, já na segunda década do século XVIII, teria sido substituída por uma nova edificação, maior e definitiva, de taipa de pilão. Em 1732, a matriz se encontrava praticamente concluída, em fase de acabamentos e ornamentação, conforme consta em documento da Irmandade do Santíssimo Sacramento encaminhando à Coroa Portuguesa:

"Diz a irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz da freguesia da Vila de São José, Minas do rio das Mortes, que os suplicantes, com grande despesa das suas fa

zendas, fizeram uma Igreja Nova, de paredes mestras de taipa de pilão pela antiga ser de madeira e pequena e se achar arruinada, em que tem gasto para cima de sessenta mil cruzados e se acha hoje impossibilitados para poderem continuar a dita Igreja e se acha por forrar, assoalhar, fazer retábulos, dourá-los e os ornamentos precisos para o culto e veneração do Santíssimo Sacramento...".[133]

Nos livros de "Receitas e Despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento" existem diversos registros do século XVIII, referentes a grande número de obras realizadas na matriz, desde reparos e consertos até acréscimo da nave, coro (1736), sacristia (1752-7), adro (1753-6) e consistório (1780/3 e trabalhos de ornamentação.

Sabe-se, assim, que as obras de entalhamento e decoração da capela-mor e do arco-cruzeiro são de autoria de João Ferreira Sampayo e foram realizadas no período de 1740 a 1750 e os painéis laterais pintados por João Batista da Rosa. Já os seis altares laterais da nave, segundo Germain Bazin[134], teriam sido executados em época anterior ao altar-mor, em torno de 1730, se caracterizando por um estilo mais rústico. Olinto Rodrigues dos Santos Filho informa, sem citar fonte, que os altares laterais dedicados ao Senhor dos Passos e à cena do Calvário tiveram seus retábulos entalhados pelo mestre Pedro Monteiro de Souza, em 1730 e 1734, respectivamente.[135]

---

[133] MENEZES, J.P. de. *Documentação referente a Minas Gerais existente nos arquivos portugueses.* Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, 26: 121-303, maio 1975. Citação: p. 301.

[134] BAZIN, G. *op. cit. nota 99.*

[135] SANTOS FILHO, O.R. dos. *Guia da cidade de Tiradentes; antiga Vila de São José do Rio das Mortes.* Tiradentes, s.ed., 1977. p.20-1.

A ornamentação do coro foi realizada, em parte, pelo mesmo artista, Pedro Monteiro de Souza, no ano de 1740. O órgão que o compõe foi comprado na cidade do Porto em 1788, mas sua caixa foi entalhada por artistas locais - Salvador de Oliveira fez o desenho, Antônio da Costa Santeiro fez os dois anjos que o ornamentam e a pintura foi realizada por Manoel Víctor de Jesus, em 1798.

Ainda de acordo com Olinto Rodrigues dos Santos Filho, as sacristias e os consistórios foram pintados por Manoel Víctor de Jesus, entre 1785 e 1810, as sete imagens dos Passos da Paixão de Cristo do consistório datam de 1793 e são de autoria de Antônio da Costa Santeiro, a balaustrada da nave realizada por Manoel Pereira em 1742, e as sete lâmpadas de prata, também da nave, feitas no Rio de Janeiro, e enviadas para a matriz em 1740.[136]

O relógio de sol, no adro da igreja, foi executado pelo mestre Canteiro e pelo entalhador Leandro Gonçalves Chaves, datando de 1785, e o relógio da torre veio de Portugal, em 1788.

O frontispício da igreja - a parte superior da fachada e a portada - foi reconstruído em 1810, de acordo com risco executado por Aleijadinho, conforme consta em recibo da Irmandade deste ano: "pagou-se ao Aleijadinho pelo risco do frontispício da Matriz 10 oitavas".[137]

---

[136] SANTOS FILHO, O. R. dos, *op. cit. nota 135, p. 23*

[137] DEL NEGRO, C. *Escultura ornamental barroca do Brasil; portadas de igrejas de Minas Gerais. /Belo Horizonte / UFMG, Escola de Arquitetura, 1961. v. 1. Citação: p. 175.*

No ano de 1849, o vigário da Paróquia, José Vergolino d'Assis Pereira diz, em relatório ao governo da Província, que a matriz se encontrava bem conservada, após alguns reparos executados por iniciativa da comunidade.

Entre os viajantes estrangeiros que visitaram a igreja de Santo Antônio no século XIX, o inglês Richard Burton foi o que deixou descrição mais minuciosa. Diz ele que "segundo os cronistas, é a igreja mais bela e mais majestosa da província; ... (e) de acordo com a tradição local, foi construída em 1710, por Marçal Casado Rotier, e os sacramentos foram pela primeira vez ministrados em 1715".[138]

Segundo o SPHAN, órgão responsável pelo seu tombamento individual, em 29 de novembro de 1949 através da inscrição nº 329 - Livro de Belas Artes, fl. 89 - no ano de 1948, a Matriz de Santo Antônio encontrava-se, com sérios problemas de goteiras em toda a extensão de seu telhado. Por iniciativa do próprio SPHAN, por volta de 1959 foram executados vários serviços de revestimento e caiação, reformas do forro e telhado, bem como obras de recuperação das pinturas.

b) Arquitetura

Com fachada extremamente elegante, riscada pelo Aleijadinho no início do século XIX, a Matriz de Santo Antônio foge, completamente, aos padrões das capelas de Tiradentes, apresentando seu frontispício à feição dos grandes templos setecentistas da arquitetura religiosa mineira. Seu corpo central é delimitado por duas pilastras duplas pintadas de ocre e com capitel simples, sendo o embasamento em pedra amarela. Nele se

---

138 BURTON, R. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho; 1867.* Belo Horizonte, Itatiaia, 1976. Citação: p. 130.

destaca a portada em pedra-sabão, com verga em arco abatido e ombreiras retas ao lado das quais descem dois elementos à feição de quartelões com decoração e perfil em curvas e contracurvas, incluindo volutas, e arrematados superiormente por capitéis também simples.

Acima da verga desenvolve-se complexa composição que inclui duas volutas laterais encimadas por elementos decorativos e, na parte central, uma grande rocaille, com talha exuberante, que serve de base para um medalhão de forma caprichosa, em cujo centro encontra-se o símbolo de agnus Dei. Esse medalhão termina sobre um óculo circular e envidraçado, com moldura de pedra pintada em ocre. Ao lado da porta, na parte superior, abrem-se duas janelas rasgadas por inteiro, com molduras de pedra cinza e verga abatida.

A sobreverga é em ocre, com elementos decorativos pintados de branco na parte superior. Inferiormente, o arremate é feito com curvas e contracurvas pintadas de ocre, e o guarda-corpo tem embasamento de pedra torneada. A janela é do tipo guilhotina com caixilhos pintados de branco e fechamento almofadado pintado de verde, o mesmo usado para a porta principal.

Acima de uma robusta cimalha, também pintada em ocre, ergue-se um frontão caprichoso, com duas volutas laterais e pináculos sobre elementos decorativos pintados de branco. Na parte superior, o arremate é feito com pequena cimalha curva, também em ocre, com decorações sobrepostas em branco, bem como duas pinhas brancas sobre pináculos. O conjunto é arrematado por uma cruz.

As torres têm base quadrangular com dois óculos com moldura em ocre e, entre estes e os cunhais, há dois lampiões de ferro com mão francesa simples. Acima da cimalha, as torres têm os cantos chanfrados com cunhais pintados em ocre. Nas duas torres há relógios com molduras em ocre, sendo que o do lado do Evangelho veio de Portugal no fim do século XVIII. Todos os vãos têm arco pleno e ombreiras marcadas. A cobertura das torres é em forma de barrete com dois centros, com chanfros em ocre e arrematado por pináculos de branco.

Na fachada lateral esquerda destaca-se a torre marcada por cunhais pintados em ocre, tendo na parte inferior um óculo e, acima da cimalha, um medalhão com decoração, logo abaixo da janela na mesma posição do relógio na parte da frente.

A nave é coberta por duas águas, havendo um puxado com cobertura em meia-água, telhas coloniais e beiral em beira-seveira, e aba pintada em ocre. Há duas portas com verga reta e enquadramento em madeira pintada de marrom, sendo o fechamento feito por duas folhas almofadadas, em verde. As duas janelas, também com verga reta e enquadramento em madeira marrom, têm balaustradas torneadas em ocre e fechamento interno em verde. O embasamento é aparente e em pedra amarela. O corpo mais saliente, relativo à capela-mor, tem beiral com cimelha e cunhais em ocre e quatro janelas de verga reta, enquadramento em madeira pintada de marrom e fechamento em guilhotina, bem como uma porta com as mesmas características, tendo como fechamento folhas almofadadas pintas em verde. As paredes são brancas e o embasamento pintado de amarelo e há socos de pedra marcando os cunhais. Na parte superior da nave, o beiral tem cimalha de madeira pintada de ocre, havendo três óculos circulares envidraçados com caixilhos brancos e moldura de madeira recortada em ocre.

Na altura da capela-mor, há uma empena com óculo circular, com moldura de massa em ocre e elementos decorativos em branco, sendo a cimalha de massa pintada de ocre. Atrás e parcialmente dos lados, existe um cemitério em más condições, e, com saída para a rua, há um muro de pedra com portão de ferro. A fachada lateral direita repete a solução da esquerda, com apenas uma janela a mais na área da capela-mor, sendo o embasamento de pedra cinza.

A fachada posterior tem sua parte central definida por dois cunhais, em ocre, com cimalha à feição de capitel, sendo os socos de pedra. No centro há duas pilastras em branco e entre elas existe uma jenela de verga reta em guilhotina com enquadramento da madeira em marrom e caixilhos em branco. Entre as pilastras e os cunhais, no alto, aparecem duas janelas de verga reta com enquadramento em madeira marrom e fechamento em duas folhas almofadadas. A empena é reta. De cada lado dos cunhais do corpo central há uma meia-água com parede cega pintada de branco e cunhais em ocre na extremidade, os quais se apoiam em socos de pedra. Na beira da empena e nas meias-águas são perpendiculares.

Atrás da Matriz há um casarão com cobertura em quatro águas, beiral de cimalha, cunhais pintados de cinza com embasamento de pedra, tendo, na fachada principal, duas janelas de verga abatida, com enquadramento em madeira marrom, e porta com fechamento de duas folhas almofadadas em verde.

Colocado em situação privilegiada, o adro tem calçamento de pedra e escadaria em quatro lances retos com balaustradas de pedra entalhada com volutas e pináculos na parte superior.

Há, ainda, um relógio de sol de pedra e um cruzeiro de madeira pintado de marrom, com base de pedra. Um portão de ferro ladeado por um muro de pedra cinza, com balaustra

da e quatro pináculos nas laterais, além de duas grandes volutas em pedra amarela, completam o fechamento do adro.

c) Ornamentação

Excepcionalmente rica e exuberante, a decoração da Matriz de Santo Antônio se estende do nártex à capela-mor, incluindo toda a nave bem como diversas sacristias e consistório.

À entrada da Igreja, o nártex apresenta, no forro, uma composição quase geométrica de elementos florais em tons de sépia, verde e vermelho que desce pelos cantos e, sendo dividido em três partes, mostra divisões formadas por pequenas vigas em branco, com elementos em talha dourada. Na parte central das divisões aparecem, também, florões em talha dourada. O piso é de pedra no centro, com tábuas nas laterais. havendo um tapavento de madeira com fechamento de duas folhas almofadadas pintadas em sangue de boi e enquadramento em madeira em tons de cinza.

Na parte superior há uma cimalha marmorizada em cinza e vermelho-claro com detalhes em dourado. A entrada para o batistério tem torneados na parte superior e treliças pintadas em sangue de boi, sendo a verga reta em cinza. O batistério apresenta forro com pintura formando uma composição com um medalhão de nuvens, tendo no centro o Espírito Santo e, em volta, molduras com rocailles. A pia de água benta é em pedra com coluna e bacia redonda.

No fundo há um cofre com talha dourada nas portas - incluindo composição com colunas torsas, cachos de uvas e anjos e, uma janela com treliça, sendo o piso de pedra.

No lado oposto encontra-se a escada para o coro,

cuja entrada é feita por uma porta com duas folhas almofadadas pintadas em sangue de boi e com verga reta cinza. O coro é sustentado por quatro elementos piramidais, invertidos, dois dos quais colocados junto às paredes com guirlandas de chambrainles e arrematados por cabeças nos quatro lados, sendo que algumas apresentam feições envelhecidas. Seguram arcos abatidos com detalhes em talha dourada e decorações formando conchas. A balaustrada é torneada em marmorizado vermelho com perfil caprichoso e sua complexa decoração envolve anjos que, em diversas posições e situados de forma variada, se misturam a uma talha de extrema riqueza, que inclui, também, flores, pássaros e outros elementos decorativos. Na parte posterior do coro, correspondente à fachada principal, há uma decoração em talha dourada com medalhões e anjinhos interrompida a meia altura. O forro do coro apresenta-se igual ao nártex, inclusive quanto às colunas.

Junto ao coro, do lado do Evangelho, situa-se , praticamente como extensão do mesmo, um magnífico órgão com base piramidal e talha extremamente requintada, formando florões de acabamento que se elevam em elegante composição pelos cantos.

Nas três faces do órgão aparecem pinturas decorativas em tons de vermelho e azul, dentro de medalhões com curvas, contra-curvas e conchas, sendo que, no medalhão central , de maiores dimensões, há um cena com figuras de músicos abaixo da qual há a seguinte inscrição em latim:

Psalmus 150,4
Laudate eum in tym
pano, e choro: laudate
eum in chord is &
organo

Coroando os tubos do órgão, que são igualmente pintados em cinza e vermelho, há uma rica cimalha em tons de

azul e dourado cuja complexa talha é coroada por um medalhão central e por anjos policromados nas laterais.

Do lado da Epístola, em frente ao órgão e perto do coro, há uma tela que apresenta o milagre de Santo Antônio com a Eucaristia e o burro ajoelhado diante dela. Acima deste há um óculo com moldura trabalhada em dourado.

O forro da nave é alteado, em caixotões, com dezoito requadros em madeira com pinturas decorativas no interior, sendo que, no encontro das molduras, há florões em talha dourada. As pinturas decorativas policromadas do interior dos requadros representam símbolos alusivos ao Antigo e Novo Testamentos.

Uma cimalha forma o arremate junto à parede em tons de cinza, formando três faixas: duas laterais com desenhos curvilíneos e uma central formando quadrados em trope-l'oeil, havendo ainda uma aba marmorizada em tons de cinza, e outra pequena cimalha.

O piso da nave é em campas, existindo à sua volta um degrau com soleira de pedra, acima do qual se desenvolve uma balaustrada em jacarandá em magnífica talha, sendo que também nesta área há campas.

Os púlpitos são em número de dois, e iguais, com bacia retangular simples, na qual há pinturas de cartelas em tons claros de verde e sépia. O abaixa-voz é quadrado e ricamente trabalhado, terminando em forma bulbosa achatada com pináculos à volta e no arremate superior. Na sua face interna há em talha, o Espírito Santo no meio de um resplendor, e, na parte frontal, uma cabeça de anjo. A bacia tem talha mais singela na parte inferior, arrematada por um florão. A porta tem verga reta pintada em cinza azulado e fechamento almofadado em sangue de boi. Logo abaixo do púlpito há uma porta igual à do mesmo e, na sua parte superior, um óculo com moldura trabalhada em

talha dourada. Há, ainda, mais um óculo de cada lado da nave, com o mesmo arremate trabalhado em talha dourada.

Os altares laterais são quatro, dois de cada lado, sendo que o primeiro do lado do Evangelho é dedicado a Nossa Senhora da Piedade. Seu retábulo é definido por pilastras nas quais se enquadram anjos, seguido por dois pares de colunas salomônicas com frutas, flores e pássaros, entre as quais há duas peanhas com dossem emforma de concha nas quais se encontram as imagens de Santa Gertudres e Santa Rita, sendo que no centro fica a de Nossa Senhora da Piedade, de excepcional beleza e magnífica policromia. Deve ser notada a relíquia do Santo Lenho, em relicário no camarim.

No lugar do tabernáculo aparecem anjos, inclusive como atlantes. Acima da cimalha, em círculos concêntricos, a talha forma uma decoração inclusive com conchas, cabeças de anjos, e outros elementos, havendo no centro um escudo com símbolos de Paixão, superportados lateralmente por dois anjinhos e com duas curvas marcadas acima das quais ficam dois anjos policromados.

Como arremate há um complexo conjunto que inclui anjos, curvas e contracurvas na parte superior e em cujo centro aparece uma concha sobre um panejamento à feição de cortina, dando acabamento irregular ao conjunto do retábulo. Na parte superior há, ainda, uma sanefa da qual sai uma águia que segura um lampadário do tipo Sabará.

O altar seguinte, ainda do lado do Evangelho, apresenta a cena do Calvário, e sua moldura é semelhante ao que fica à sua frente, diferenciando-se por apresentar dois nichos ladeando o camarim. No nicho à direita fica uma imagem de Sant' Ana, no central a de Cristo com Nossa Senhora das Dores e São João. A parte do fundo é pintada em sépia e dourado e superiormente há uma sanefa à feição de dossel acima do qual círculos

concêntricos de talha completam o frontão. Este é arrematado com uma barra, também circular, de anjinhos entremeados com decoração exuberante, que inclui duas figuras de pé nas partes superiores, onde outra sanefa de perfil irregular termina em arco de círculo. No tabernáculo aparecem anjinhos segurando um medalhão, em que aparede a figura de Santo Antônio pregando em um pûlpito, havendo, inclusive, dois atlantes que suportam os nichos laterais. O conjunto é também arramatado por uma sanefa irregular, da qual sai, igualmente, uma águia segurando um lampadário do tipo Sabará.

O primeiro altar à entrada, do lado da Epístola, é dedicado à Irmandade de Nossa Senhora do Terço dos Homens Brancos. Seu retábulo é definido por duas pilastras com anjos e cabeças de anjos em meio a exuberante decoração que inclui pequenos anjinhos, como atlantes. Em plano mais ao fundo há colunas salomônicas, com flores, junto a anjos ladeando duas peanhas com pequeno dossel onde ficam imagens de Santo Tomaz de Aquino e São Francisco de Assis. O fundo é todo pintado em vermelho e dourado e, no camarim, sobre um trono em forma de bacia, a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Acima, há uma sanefa à feição de dossel e um escudo do Rosário seguro por dois anjos. O arremate superior é feito por duas semi-curvas com anjinhos sentados, além de dois outros que sustentam uma peça onde se acham outros anjos e que formam uma cimalha de arremate com anjos e uma coroa. O acabamento superior é igual ao dos demais altares, com a sanefa retangular e o lampadário tipo Sabará saindo do bico de uma águia.

O segundo altar, do lado da Epístola, é dedicado ao Senhor dos Passos. Seu retábulo é limitado por um primeiro conjunto de figuras de anjos que, como atlantes, sustentam uma rica talha em complexa composição com anjos e dosséis. Há, ainda, um painel com rica talha e, em plano posterior, uma seqüência de guirlandas que é completada por outra composição em ta-

lha, com motivos florais. O camarim é limitado por elementos decorativos de exuberante recorte, terminando à altura de uma cimalha que limita todo o conjunto. Acima deste em arco, estende-se outra complexa talha com volutas, curvas e contra-curva e elementos fitomorfos que completam a parte superior. O frontão é formado por outro conjunto de talha de extrema riqueza que inclui anjinhos policromados, acima dos quais situa-se uma sanefa ricamente trabalhada e sustentada lateralmente por outros dois anjos. Esta sanefa tem perfil irregular assemelhando-se a um frontão, enquanto que no tabernáculo, com talha em dourado, aparece o símbolo da Eucaristia, devendo ser natada ainda a imagem de roca do Senhor dos Passos. Além do conjunto, aparece a mesma sanefa em marmorizado verde com dourado, de perfil reto, acima da qual uma águia sustenta um lampadário do tipo Sabará. Nas ilhargas aparecem dois altares, sendo que o do lado do Evangelho é dedicado à Imaculada Conceição.

Seu retábulo é composto por arquivoltas concêntricas que incluem colunas torsas ricamente ornamentadas com flores, frutas e pássaros. Há peanhas que têm na base uma profusão de anjos e cabeças de anjos, alguns dos quais servindo de suportes para as colunas. Na parte superior vê-se uma cimalha fortemente marcada, que inclui elementos florais e cabeças de anjos em sua decoração. Acima dela, formando a parte superior, anjos, curvas e contra-curvas são arrematados com um escudo sustentado por dois anjinhos. O fechamento inclui uma composição com anjos e barrados em guirlandas, encimada por uma sanefa com desenho simples. Superior a esta fica uma águia de cujo bico pende um lampadário do tipo Sabará. O tabernáculo é igualmente complexo, com anjos de corpo inteiro, cabeças de anjos, guirlandas e um sol, e a mesma apresenta um marmorizado em azul. No nicho central fica a imagem de Nossa Senhora da Conceição, devendo ser ainda notados um crucifixo e as imagens de São João Nepomuceno e São João Batista.

O altar do lado da Epístola, dedicado a São Miguel, tem o retábulo formado por uma barra de talha entremeada de coluna torsa, com folhas, frutos e pássaros, sendo o camarim definido por uma rica composição de curvas e contra-curvas. Na parte superior há uma cimalha com cabeças de anjos, além da qual ergue-se um dossel com talha à feição de cortina e sanefa com borlas trabalhadas. Acima vê-se uma talha ricamente executada com elementos vegetais e flores, além de dois anjos com guirlandas. Arrematando o conjunto há um escudo com fundo verde e inscrição em latim, tendo na base cabeças de anjo e elementos fitomórficos. Atrás do escudo ficam dois pelicanos, e na parte superior a estes ergue-se a cimalha em talha e, acima, uma sanefa simples com outra cimalha de arremate.

Na parte inferior do altar, dois anjinhos à feição de atlantes suportam a coluna torsa e, no tabernáculo, há uma tela do Agnus Dei. A mesa tem pintura marmorizada em verde e molduras em talha, bem como quatro tocheiros e um crucifixo. Devem ser notadas as imagens de Santa Luzia, Santa Bárbara, São Sebastião e São Miguel. Como coroamento na parte superior, há uma águia de cujo bico pende um lampião do tipo Sabará.

Ao lado do altar da Epístola há uma porta com sobreverga em talha recortada com um medalhão no centro e com as iniciais da Ave Maria e, no alto, dois anjos deitados segurando volutas. Do lado do Evangelho, na sobreverga da porta, o fechamento apresenta composição com anjos sentados segurando duas volutas, que incluem no seu centro as iniciais IHS. Ambas as portas têm enquadramento de madeira cinza e verga reta e fechamento em duas folhas almofadadas pintadas em sangue de boi.

O arco-cruzeiro desenvolve-se em arco pleno, tendo medalhões com cabeças de anjos e rica talha com elementos decorativos, e carrancas e conchas com decoração em guirlandas. Há socos e cimalha, sendo o fechamento feito por um escudo em dourado com plumas, sustentado por dois anjos policromados com

guirlandas de flores, sendo que, inferiormente, há exuberante decoração em talha dourada, incluindo volutas e atlantes.

Na capela-mor, extremamente rica em sua decoração, o retábulo é definido por duas colunas com capitéis toscanos e fuste extremamente trabalhado em talha, formando diagonal nas extremidades e com parte torsas dos lados internos. Entre as colunas há peanhas com guirlandas, na parte superior, e colunas com capitéis jônicos. O camarim é definido por um panejamento com talha policromada com anjos assentados e voltados para o interior. Na parte externa aparece uma cimalha fortemente marcada com volutas e anjos segurando panejamento que forma um dossel com sanefas e borlas ricamente trabalhadas em talha dourada, tendo no centro o símbolo do Espírito Santo. Acima, há uma composição complexa com guirlandas, anjos, curvas e contra-curvas, formando outro escudo com o símbolo do Agnus Dei.

O camarim tem forro com magnífica talha, sendo que o fundo forma um resplendor e o trono é resolvido com volutas trabalhadas à feição de degrau, que terminam em uma concha com cabeças de anjos. Na parte superior há uma imagem de Santo Antônio e, na inferior, de São José de Botas. A talha do tabernáculo é exuberante, incluindo rocailles e cabeças de anjos , tendo na porta a figura de São João Batista. Na parte superior há uma balaustrada com elementos curvos e dois tocheiros policromados.

As paredes laterais são divididas em três partes, sendo que, na superior, situa-se um óculo envidraçado com moldura em talha dourada e ladeada por dois atlantes que, segurando um panejamento à feição de cortina em talha policromada, são apoiados em duas curvas. No início dessas curvas ficam outros anjos com guirlandas, também em talha dourada. Na parte central há medalhões elíticos de grandes proporções, com telas que representam: do lado da Epístola, as bodas de Canaã e, do lado do Evangelho, a Santa Ceia. A moldura é em talha dourada, com elementos decorativos em composição que inclui flores, rocailles,

curvas e contra-curvas. Na parte inferior há dois medalhões laterais, também em talha, com curvas e contra-curvas, tendo no centro um painel retangular que, igualmente, apresenta talha exuberante.

Na parte inferior das colunas das extremidades aparecem atlantes com capacetes, igualmente entalhados em dourado. As credências são fixas e têm figuras femininas nos pés, devendo ser notado o conjunto de banqueta do altar-mor onde se destacam seis tocheiros de madeira em rica talha dourada. O forro tem pintura em tons de sépia e dourado, com elementos florais, vasos, guirlandas e anjos, um pouco já ao gosto neo-clássico. Sua forma é em barrete de clérigo, sendo o piso de campas.

A sacristia do lado da Epístola compõe-se de duas salas interligadas, sendo que a primeira mais ao fundo é a chamada "Sala dos Sete Passos da Paixão". O forro é em caixotões com os símbolos da Paixão, havendo cimalha e aba em faiscado azul e elementos decorativos em verde. Nas linhas de encontro dos requadros há pinhas e as portas têm verga reta, almofadas em sangue de boi, sobreverga em faiscado azul e sanefa em sangue de boi com flores de lis em talha dourada.

As paredes são brancas e o piso é em tabuado.

Há quatro robustas peanhas em branco e com faiscado azul e detalhes em talha dourada. As peanhas tem dossel arrematado com plumas e sanefas em vermelho com detalhes em dourado e, na parte inferior, pintura de rosinhas de Malabar. Sobre as peanhas ficam as seguintes imagens: Jesus da Vara Verde,

Jesus do Ecce Homo, Senhor dos Passos, Senhor da Coluna,Senhor dos Martírios, Jesus no Monte das Oliveiras, Nossa Senhora das Dores, São João Evangelista e Cristo Crucificado. Há um altar com retábulo, no qual devem ser notados quartelões ricamente entalhados em marmorizado azul e dourado, em composição que inclui cabeças de anjos e capitéis coríntios. Há, ainda, uma cimalha com magnífica talha, acima da qual se elevam duas volutas formando curvas e contra-curvas na parte superior e sanefas e borlas na inferior. Todo o conjunto é arrematado por cabeças de anjos e, na parte da frente do altar, há uma decoração com composição floral em fundo azul e desenho dourado à feição de iluminárias. Devem ser notados quatro tocheiros ricamente entalhados, bem como um banco de saia com encosto recortado.

Na sala subseqüente aparece profusa decoração , que,não só inclui o forro, como também as paredes em composições policromadas de magnífico efeito. O forro é em tabuado , com pintura decorativa formando um medalhão central, onde é representado um vaso com flores tendo à sua volta conchóides,curvas e contra-curvas em tons de verde, vermelho e sépia sobre fundo branco. À volta há uma moldura formando um cordão marmorizado em verde com duas peças, sendo que, na primeira, há conchóides vermelhos e, na segunda, conchóides terminando em flores nos tons sépia, vermelho e verde. Há, ainda, uma cimalha marmorizada em sépia e verde, com a aba em marrom e um cordão em azul forte.

Na parede há pintura sobre tabuado e peças de madeira sobrepostas, formando uma cortina vermelha, tendo nos cantos e nas extremidades pilastras pintadas em verde com elementos decorativos formando uma composição trompe-l'oeil com conchóides. O fundo é branco e forma três painéis, sendo o central com nicho onde aparece um crucifixo e, no fundo branco, guirlandas e flores, havendo colunas laterais com decoração simples.

Lateralmente há duas telas com molduras em marmorizado em vermelho, retratando, respectivamente, São Vicente Ferrer, tendo uma visão de Nossa Senhora entre anjos e nuvens, e de Santo Antônio, ajoelhado com um fundo igualmente de anjos e nuvens.

Abaixo deste conjunto há um amplo arcaz em madeira, sobre o qual ficam imagens de Sant'Ana, Cristo na coluna e São Sebastião, bem como uma peça de talha com três anjos que deveria servir de base para uma imagem.

Na parede externa há um lavabo de pedra com bacia em três curvas e carranca, bem como uma concha na parte superior onde a água é colocada. Nas paredes, entremeados com uma decoração profusa, aparecem sete quadros retratando, entre outros motivos, São Paulo, São Pedro, São Bento, Santo Antônio e a fuga para o Egito. O piso é de tabuado, exceto na área de lavabo, onde é de pedra.

Ao lado desta sala fica uma pequena capela que faz a ligação da nave com o exterior cujo forro tem pintura em fundo branco com rocailles em vermelho e azul. A moldura também apresenta composição com rocailles, e a cimalha é marmorizada, sendo o piso em tabuado.

No lado do Evangelho há, igualmente, duas salas que correspondem à capela-mor e ao camarim. Na peça mais no fundo há uma pequena capela e inclusive um arco-cruzeiro. Na parte correspondente à nave desta pequena capela, o forro é de gamela com a parte central retangular e plana, tendo a sua volta quatro painéis inclinados. Em todos estes painéis estão representadas cenas bíblicas, tais como Sodoma e Gomorra, o Filho Pródigo e Judite e Holofernes. À volta de todas as cenas há rocailles, curvas e contra-curvas em tons de sépia azul e vermelho, além de ramos de flores coloridas. O arremate com a parede é feito por uma cimalha em marmorizado cinza.

O arco-cruzeiro apresenta-se em marmorizado nos tons de sépia e vermelho, tendo socos e cimalha marcados e a parte superior pintada de ocre.

As paredes são brancas, inclusive na capela-mor onde há um pequeno retábulo com colunas de capitéis coríntios, apresentando recortes internos e externos em talha dourada. Há um pequeno dossel com sanefa, sendo que a parte superior da cimalha tem elementos decorativos e o dossel é arrematado por um escudo encimado por plumas em talha dourada. No fundo do camarim aparecem motivos florais em verde claro, dourado e vermelho e no tabernáculo há decoração em talha dourada. A mesa tem uma figura de Cristo morto dentro de um medalhão com rocailles e uma composição formando moldura, que apresenta decoração com motivos florais. O forro é plano, com três painéis pintados, representando, no centro, o Agnus Dei e, lateralmente, um fênix e um pelicano, sendo que cada painel é arrematado com flores e rocailles nos cantos, junto às paredes. Há ainda uma cimalha marmorizada em tons de cinza e sépia.

Há três janelas e duas portas com verga reta em madeira cinza e folhas almofadadas em vermelho escuro, dourado e branco. Nesta capela há, ainda, uma moldura em caprichosa talha, terminando com arremate na parte superior em forma de pequena cimalha com volutas enquadrando duas telas, sendo que a da direita representa o Cristo crucificado e a da esquerda, Nossa Senhora das Dores. O piso é em tabuado.

O cômodo seguinte é outra sacristia, tendo o forro em gamela curvilínea com quatro painéis e fecho central com florões e pinha, havendo ainda nervuras em talha dourada. Os painéis apresentam, também, cenas bíblicas, inclusive Abrãao e o Sacrificio de Isaac. Todas as cenas são envolvidas por rocailles em vermelho, azul e sépia, formando molduras de caprichoso desenho e, logo abaixo, o conjunto é arrematado por uma cimalha em verde com aba marmorizada em sépia. A sala é dominada por um imenso arcaz em estilo D. José, de magnífica feitura ,

com três corpos ocupando toda a sua extensão. Tem perfil curvilíneo de vários centros, e quatro pilastras, sendo duas no centro e duas na extremidade. De cada lado há três gavetões e, no corpo central, mais outro, com ferragem de prata acompanhando o estilo do móvel. Embutido entre as paredes, situa-se sobre um degrau de madeira com perfil curvilíneo que acompanha o do próprio arcaz. Acima dele há um pequeno retábulo com dois quartelões, em talha dourada e elementos decorativos delimitando o camarim, onde fica uma imagem de Cristo crucificado, tendo o fundo pintado com nuvens e anjos. A parte superior tem uma cimalha com marmorizado verde, acima da qual se ergue uma rica decoração em talha dourada à feição de rocailles, fazendo seu arremate. Todo o conjunto é em verde claro, incluindo, ainda, dois painéis de cada lado, marcados por molduras em marmorizado verde e dourado e delimitados por pilastras com fundo verde e elementos de talha sobrepostos. Nos painéis de madeira aparecem pinturas que representam os quatro Evangelistas, sendo que, ao lado do retábulo, ficam São Mateus e São João e, nas laterais, São Marcos e São Lucas.

Dando acabamento aos painéis e nos intervalos, até a altura do arcaz, há elementos em rocailles em tons de vermelho. Há, ainda, outro armário com paramentos e uma cômoda com porta-missal, além de um tocheiro e um quadro com um documento antigo cuja moldura tem talha caprichosa em tons de sépia, vermelho e azul. Há duas janelas para o exterior com verga reta e sanefa marmorizada de verde, com elementos de talha dourada na parte superior e peças de madeira à feição de cortinas na parte inferior, com desenhos de flores em tons de vermelho escuro e ocre. Há, ainda, portas para a capela e para o cômodo seguinte que é uma peça de transição entre a nave e o exterior. Neste cômodo há uma porta em cada parede e o piso é de taubado, as paredes são brancas e há uma pia de água benta com concha de pedra. O forro apresenta pintura decorativa, mostrando uma cartela central com uma rosa sobre fundo vermelho. À sua volta há uma moldura com piso marmorizado, também vermelho, e que inclui tabela com cartelas nos ângulos, arrematada

por uma cimalha em marmorizado vermelho com aba com marmorizado cinza e um piso em marmorizado azul.

A peça seguinte corresponde a um corredor lateral, ainda do lado do Evangelho, e fica atrás de um altar da nave, tendo, por este motivo, paredes irregulares. O forro é plano em tábuas com pinturas decorativas, tendo no centro, sobre fundo branco, uma cena do Descimento da Cruz em um medalhão com cartelas em tons de sápia, vermelho e azul. Há um friso marmorizado de verde e dourado, tabelas com cartelas em azul e rosas vermelhas, bem como uma cimalha em marmorizado azul com frisos dourados. A aba é branca com rocailles e elementos decorativos também em dourado. Nas paredes aparecem pinturas que representam Jeremias, Isaias, Aarão, Moisés, Ezequiel, Samuel, São Luiz-rei de França, Manahem e Davi. Todas as figuras são envolvidas por uma moldura pintada em tons de sépia com volutas, curvas e contra-curvas e, inclusive, fingimentos de tecidos com estamparias de flores. Na parte baixa da janela aparecem vestígios de uma cena com paisagem em tons de azul, havendo, ainda, uma representação de Adão e Eva nas cenas da tentação e da expulsão, em tons de azul.

Podem ser notadas outras pinturas na parte inferior, das quais há apenas vestígios em tons de azul. Sob duas das pinturas existe um armário com duas portas almofadadas, decoradas com roceilles em azul, ocre e vermelho. Sob outras pinturas há portas para o altar, com decoração formando pilares em curvas e contra-curvas com vasos de flores. Vê-se ainda, um arcaz policromado com quatro portas almofadadas com molduras em tons de azul, vermelho, amarelo, marrom e preto e uma mesa D. José, acima da qual há uma imagem de São Francisco. O piso é em tabuado largo.

Os demais cômodos funcionam atualmente como depósitos, não apresentando características decorativas de maior significado.

17.2.2 Igreja de Nossa Senhora das Mercês

a) História

Segundo Olinto dos Santos Filho, a construção da Igreja das Mercês é posterior ao ano de 1769 e todas as obras de pintura dos forros da nave e da capela-mor e do arco-cruzeiro foi realizada entre 1793 e 1824, pelo mestre Manoel Victor de Jesus.

A Igreja das Mercês foi objeto de tombamento individual pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN - conforme Inscrição nº 475 - Livro Belas Artes - fl. 87 em data de 27 de janeiro de 1964.

b) Arquitetura

A Capela de Nossa Senhora das Mercês segue o modelo das capelas mineiras cuja volumetria corresponde ao desenvolvimento da planta. Neste caso houve evidente ampliação, que é claramente indicada pelo frontispício, o qual, primitivamente, deveria ser constituído apenas da parte central, com duas pilastras marcando os cunhais. O conjunto era terminado por uma empena curvilínea com óculo circular central e volutas no arremate, encimadas por coruchéus e, no alto, dois pináculos ladeando o cruzeiro. Acima do óculo há um velho com o brasão da Ordem das Mercês.

No corpo central, a porta da entrada abre-se para a nave e há duas janelas de parapeito cheio, na altura do coro. Os vãos têm verga em arco abatido e as janelas, fechamento em vidro, sendo a porta almofadada e pintada em ocre.

O conjunto é arrematado por uma cimalha de massa.

Mais tarde, a capela teria sido ampliada com corredores laterais, sacristia e consistório, sendo que o lado di

reito do frontispício recebeu a escada para o coro, no qual se abre outra janela igual às anteriores. No lado esquerdo do frontispício abre-se uma janela sineira com verga alteada e sobre verga em pequena cimalha. Abaixo desta há uma pequena seteira. Os acréscimos laterais são, também, terminados por cunhais e têm beiral em beira-seveira. A cobertura é em duas águas para o corpo central e meia-água para os acréscimos laterais. Pintada de branco, tem dois pilares centrais, em massa, pintados de cinza e os cunhais, em creme. O embasamento é de pedra, e, nas janelas, há variações de cor nos vidros que são vermelhos, verdes e amarelos.

A fachada lateral direita é bastante movimentada devido à diferença verificada em altura, entre o telhado da nave e o da capela-mor, e as coberturas do conjunto formado pelo corredor lateral e o consistório. O beiral destes telhados laterais é resolvido com cachorros na parte da nave e da capela-mor, enquanto que o do corredor lateral e consistório é constituído por beira-seveira.

As coberturas desta fachada são compostas por três óculos na parte superior, quatro janelas e uma porta na parte inferior. Os óculos são elíticos e têm enquadramento em massa lisa formando cordão, sendo fechados por vidros. O óculo correspondente à capela-mor tem moldura mais apurada, com pequena cimalha e folhas de acanto. As janelas têm guilhotinas pelo lado de fora e fechamento em madeira para o interior com vergas alteadas. O conjunto é pintado de ocre, havendo, ainda, um lampião colocado no cunhal da fachada principal.

A fachada lateral esquerda apresenta, igualmente, a mesma movimentação volumétrica da fachada lateral direita, inclusive com igual diferença de planos verificada entre os telhados da nave, capela-mor e o conjunto corredor-sacristia.

O telhado correspondente à nave e à capela-mor tem beiral com cachorros e, na parte referente à torre sineira, muda de direção para se acomodar à altura desta, repousando, também, em beiral encachorrado. O telhado correspondente ao conjunto corredor lateral-sacristia tem beiral em beira-seveiral.

Quando aos vãos, apresentam três janelas na parte inferior com enquadramento em madeira, verga alteada e fechamento em guilhotina. Há ainda três óculos elíticos na parte superior sendo dois correspondentes à nave e que apresentam moldura lisa de massa. O terceiro óculo tem moldura trabalhada com pequena cimalha e folhas de acanto à semelhança dos da Matriz de Santo Antônio da mesma cidade.

O vão na torre sineira mostra, nesta fachada, o sino menor de um conjunto de dois. Há embasamento em pedra, e três degraus dão acesso à porta de entrada ao corredor lateral. Na fachada posterior devem ser notadas a cobertura da capela-mor à meia altura com beiral formado por telhas em capa e bica colocadas perpendicularmente às águas do telhado e as meias-águas que cobrem as sacristias com o mesmo tipo de arremate. Mais atrás e em ponto mais alto, a cobertura da nave mostra a mesma solução para o beiral, tendo a empena revestida por folhas de zinco pintadas de branco. Nesta fachada a única abertura é uma seteira.

A Capela de Nossa Senhora das Mercês pertence a um conjunto que inclui um cemitério dentro de uma área circundada por um muro, parte em pedra parte em tijolos. O acesso a esse conjunto se faz por uma escadaria, sendo os primeiros degraus de concreto e os últimos, de pedra. Um passeio, também em lajes de pedra, conduz, do portão de ferro batido junto ao muro, até a porta da igreja. No muro, devem ser notadas calhas de pedra com significativas dimensões para o escoamento das águas pluviais.

Os túmulos do cemitério não obedecem a uma implantação disciplinada, sendo colocadas ao sabor do acaso e encontram-se em estado precário, bem como o jardim circundante.

c) Ornamentação

Na nave destacam-se dois púlpitos com tambor quadrado, chanfrado, com pinturas formando desenhos florais e conchóides em tons claros. As portas de acesso para os púlpitos têm molduras pintadas de azul, folha de fechamento em ocre e sobreverga também ocre. Junto à porta principal de entrada há uma pia de água benta em pedra.

O coro tem guarda-corpo com balaustrada torneada, sobre a qual se apóia uma estante para partituras. O forro é continuação da nave, inclusive com a cimalha, sendo o piso em tabuado. Há uma porta que dá passagem para a torre sineira que fica contígua ao coro. A torre sineira tem cobertura com telha vã e aberturas em todas as suas paredes, sendo que a correspondente ao frontispício é para o sino maior.

Junto a este encontra-se inscrição com a data de 19/03/53, provavelmente do término da sua restauração, além dos nomes Padre José Bernardino de Siqueira, João Trindade dos Santos, Domingos dos Santos, ACJ, José Malta.

O piso é em tabuado corrido e há um rodadapé de madeira em forma de banqueta que circunda a nave.

O forro da nave é em abóbada de berço e sua pintura apresenta, no centro, a Virgem das Mercês, rodeada de nuvens com anjos e, nas laterais junto à cimalha, Santos Mercedários e as cortes celestes em policromia suave. A cimalha é e-

xuberante, com pintura faiscada em azul e vermelho, formando o arremate do forro junto à parede. Os óculos elíticos que iluminam a nave têm arremate de massa com pinturas em faiscado.

Na parte baixa da parede da nave havia uma pintura formando barra decorada e que, atualmente é coberta por caiação.

Entre a nave e a capela-mor há um cancelo de grande força decorativa, assentado sobre piso de pedra e formado por elementos verticais ricamente torneados em composição com "bolachas".

O arco-cruzeiro é em arco pleno, tendo sua curvatura suavizada por elementos de madeira recortada à semelhança de lambrequins e, acima destes, no complemento da cimalha do forro da nave, vistosa cartela ladeada por tarjas e conchóides em que, mais uma vez, aparece o brasão de Nossa Senhora das Mercês. O conjunto repousa sobre pilastras de fuste canelado e capitéis dóricos de perfil cuidado e que recobrem as ilhargas do arco-cruzeiro.

Na capela-mor encontra-se o presbitério com o altar-mor ao qual se tem acesso por três degraus de cantaria. Quanto ao retábulo, pertence, segundo a classificação de Lucio Costa, ao quarto tipo, isto é, datando da segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX.

Compõe-se de uma arquivolta em cujo centro encontra-se uma cartela com o brasão de Irmandade das Mercês formando o fecho. No arremate, "rocailles" em delicada talha dourada constituem a moldura para o camarim como o tronco. Nas laterais, pilastras com capiteis coríntios e fustes estriados repousam sobre socos, em forma de ânfora com pintura faiscada nas

cores azul e vermelho. Entre estas pilastras, nichos com santos sobre peanhas de desenho curvilíneo sob dosséis de risco caprichoso. Nestes nichos ficam as imagens de São Raimundo Nonato e São Pedro Nolasco e, nos degraus do trono, Nossa Senhora do Parto.

Domina o conjunto uma rica imagem de Nossa Senhora das Mercês com cerca de 1,50 m de altura, sendo que cartelas douradas completam a decoração frontal dos degraus do trono. Sobre a banqueta do altar-mor, seis grandes castiçais de prata ladeiam o crucifixo, igualmente de prata e, no tabernáculo, um relevo mostra o Cordeiro Pascal sobre o Livro das Escrituras.

O forro da capela-mor é alteado, do tipo artesoado, formando caixotões. Os painéis são entabelados, ou seja, na parte correspondente às vigas salientes, há molduras com cordões e tabela, sendo o arremate feito por relevos decorativos com pinhas douradas e acantos.

Os painéis têm decoração com pinturas representativas de invocação de Ladainha de Nossa Senhora e se desenvolvem em nove quadros. No colorido há predominância de azul e vermelho, sendo o azul nas vestes de Nossa Senhora e os demais personagens em vermelho e nuvens nas cores creme e azul.

Entre outros aparecem os seguintes personagens compondo as cenas: São Pedro, Abraão e Isaac, o Pai Eterno, o Filho com a cruz e o Espírito Santo Coroando Nossa Senhora no céu, tendo aos pés São João Batista, Moisés com as tábuas da lei, e o rei Davi com sua lira. De modo geral, Nossa Senhora aparece com cetro e coroa entre os diversos personagens, exceto

no primeiro quadro onde está coroada por doze estrelas. O restante da decoração se faz pela estilização de conchóides distribuídas nas molduras com predominância das cores vermelho, rosa e azul.

O remate junto à parede é feito por robusta cimalha com pintura faiscada nas cores azul e vermelho, bem como detalhes em dourado. Sobre o camarim há pequena abóbada de berço, igualmente com pinturas formando "rocaille" e vasos com flores nos mesmos semitons empregados no restante da capela, cujo cromatismo é inteiramente diferente de suas congêneres.

O piso é em tabuado corrido, sendo que há duas portas laterais que dão acesso à sacristia do lado direito e ao consistório do lado esquerdo. São de feitura nova, com feichamento de madeira pintada de branco, com duas almofadas verticais na metade inferior e na superior por vidro, sendo que, junto à verga, o fechamento é em bandeira.

O corredor do lado do Evangelho é, em verdade, uma sala que serve de circulação entre o exterior e o interior, isto é, entre o cemitério, a capela-mor e demais dependências à esquerda da nave. Aí o forro se apresenta, metade do tipo saia-e-camisa, e outra metade em ripado estreito colocado, provavelmente, em data recente.

As duas portas do compartimento, uma para o exterior e outra para a nave, são do tipo alteado e fechamento em almofadas. O piso é em tijolos.

O corredor lateral que tem escada de acesso para o púlpito e para o coro, tem forro de saia e camisa e as duas janelas apresentam armação de padieira, sendo que o fechamento para o exterior é feito em guilhotina e para o interior em madeira.

Na sacristia, que fica do lado da Epístola, encontra-se, ocupando toda a sua largura, um arcaz com seis gavetas, sendo que as quatro laterais tem relevo formando moldura e as duas centrais formando cartelas, notando-se que o superior apresenta-se com decorações um pouco mais ricas que o inferior.

Dois elementos, também verticais e decorados, dividem estes gavetões dois a dois. Os puxadores são de metal. Sobre o arcaz um oratório mostra os mesmos motivos do altar-mor, quais sejam, os mesmos conchóides e cartelas com uma flor de lis no coroamento. Dentro do oratório um crucifixo de madeira de feitura erudita é a peça mais importante do conjunto. Revestindo a parede, há um tabuado com pinturas fingidas e, ladeando o oratório, duas molduras de perfil trabalhado, tendo os ângulos adoçados por curvas reentrantes, suportam dois quadros inteiramente alheios ao conjunto. Estas duas molduras são pintadas na cor coral e encimadas por dois conchóides. Situa-se, ainda, nesta sacristia, um lavabo de pedra de dimensão modesta, denotando, no entanto, apuro no acabamento.

A torneira seria em forma de golfinho, da qual resta, apenas, uma parte. Na tentativa de tornar este lavabo maior, foi feita uma complementação em massa, tanto na parte superior como na inferior em composição com curvas e contracurvas. Na parede oposta ao arcaz com oratório há um armário de chanfro.

Os vãos, tanto a porta como as janelas, têm verga alteada e a porta, fechamento em almofadas, sendo que, nas janelas, alguns furos circulares indicam a existência de grades.

O forro é dividido em dois caixotões de tabuado com junta seca, pintado na cor azul. A divisão entre os caixotões é feita por um barrote adornado com frisos e pintado de vermelho. Este forro deveria, provavelmente, receber pinturas, tendo em vista seu acabamento cuidado, que inclui uma cimalha pintada nas cores azul e vermelho. O piso é em tabuado corrido. O consistório, do lado do Evangelho, tem pequeno altar e um oratório com a imagem de Sagrado Coração de Jesus. O conjunto é, apesar de modesto, de data recente. Sobre o conjunto há uma sanefa recortada formando lambrequim. Há sobre o altar várias imagens pequenas e um Senhor dos Passos, de tamanho natural, que é imagem de roca.

Como peças de mobiliário adicionais, encontram-se aí dois confessionários, várias cadeiras torneadas, um lampadário de metal e um tocheiro de madeira, além de uma mesa de reuniões. O forro é em saia-e-camisa e, perto da entrada para a capela-mor, há uma porta de alçapão. A passagem para a sala contígua é feita por uma porta cuja parte inferior é em almofadas e a superior envidraçada. Esta porta tem rasgo de chanfro com padieira de vôo ou capialçada, armada com tábuas pintadas de branco. As duas janelas têm guilhotinas externas e fechamento de madeira interno, sendo sua pintura nas cores branco, vermelho e azul.

Há outro corredor lateral, que serve como elemento de ligação entre o exterior e o interior da igreja, bem como de passagem para um depósito sob a torre sineira e tendo, ainda, ligação com a sacristia. Com forro em saia-e-camisa, tem duas portas: uma de acesso ao exterior e outra de acesso à nave, e que tem verga curva e padieira armada por tábuas. Ao lado desta há uma pequena pia de água benta, em pedra pintada e bastante desfigurada.

A escada de acesso ao púlpito de Epístola também aí se encontra, porém em péssimo estado de conservação. O piso é em tabuado, havendo uma laje de pedra e pequeno trecho em tijolos. O depósito conta com uma porta de entrada com padieira cuja armação é feita em madeira, com uma seteira para iluminação. O acesso a este comportimento é feito por uma porta estreita atrás do retábulo, havendo uma escada para o camarim, e outra porta para o consistório.

Há, ainda, um pequeno vestíbulo para o coro, que contém apenas o início da escada de acesso cujo guarda-corpo tem, em parte, tabuas recortadas e ripas de madeira. Além de uma janela, há uma porta cujo fechamento é em almofadas e verga alteada.

17.2.3 Igreja de Nossa Senhora do Rosário

a) História

Igreja de pequenas dimensões, foi construída em pedra, em torno do ano de 1708, por iniciativa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Sua fachada simples guarda a imagem de São Benedito em nicho envidraçado acima da porta principal.

Não há registro documental sobre a época e autoria dos trabalhos de ornamentação - altar-mor e dois altares laterais, e pintura do teto da nave - sabendo-se apenas que o douramento dos retábulos é de Autoria de Antônio da Costa Souza.

A Igreja do Rosário foi tombada pelo Serviço Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, conforme Inscrição nº 344 - Livro Belas Artes, fl. 71, em data de 6 de dezembro de 1949.

b) Arquitetura

Quanto à composição da fachada principal, a Capela de Nossa Senhora do Rosário segue o partido típico das construções religiosas de Tiradentes, apresentando um corpo central correspondente à nave e com puxados que se referem aos demais cômodos, tais como sacristias e consistório. Sua fachada constitui-se de um corpo central definido por duas pilastras em cada lado, tendo a composição a porta como principal elemento. Este mostra enquadramento em pedra com sobreverga reta e cimalha bastante marcada, também reta, com pequenos elementos decorativos. Na parte superior ergue-se uma dupla coluna que envolve o símbolo de Irmandade do Rosário, também em pedra. Logo acima desta composição, aparece um nicho com arco pleno e moldura com ombreiras trabalhadas que termina sob a cimalha, igualmente em pedra, que se apresenta reta e com curvatura central correspondente ao encaixe do nicho. Sob a cimalha e junto às pilastras laterais há duas janelas de verga reta, fechamento em guilhotina e folhas, sendo que a porta é também almofadada com a pintura em vermelho. O enquadramento das janelas é em pedra e ligado tanto às pilastras quanto à cimalha.

Acima desta, ergue-se o frontão caprichoso e que se baseia em vurvas e contra-curvas terminando com duas marcadas volutas, ao lado das quais erguem-se dois pináculos de pedra. O frontão é arrematado por uma cruz em pedra, apoiada em base quadrangular. No seu centro há um óculo de forma irregular com moldura de pedra bastante trabalhada e com elementos decorativos, sem vedação. O embasamento é em pedra aparente, havendo socos nas pilastras e no único cunhal. No lado direito da fachada ergue-se um puxado à altura da cimalha e que corresponde à torre sineira, sendo, porém, coberto com meia-água, enquanto que a nave tem cobertura de duas águas.

No puxado correspondente à torre sineira há uma janela de arco-pleno com moldura em madeira pintada na cor cinza, existindo ainda uma pequena seteira vertical logo abaixo do vão do sino e que não apresenta qualquer emolduramento. A sineira não tem cunhal aparente mas apenas um soco marcado no embasamento.

A fachada lateral direita mostra a torre sineira com janela na parte superior correspondente ao sino e dois puxados cobertos: o primeiro com meia-água e o último com três águas correspondentes à sacristia.

Na parte coberta com meia-água, e que se refere a um cômodo de ligação com o exterior, há uma porta e uma janela de verga reta e moldura em pedra, sendo que a janela tem fechamento em guilhotina e o beiral é simples: parte de cachorros de madeira, parte em beira-seveira. No puxado da sacristia há uma outra janela igual à anterior, devendo-se notar o beiral com cimalha de pedra. Na parte correspondente à nave, que também apresenta cimalha de pedra e um cunhal acima do puxado em meia-água, abrem-se duas janelas de verga reta e fechamento envidraçado.

A fachada lateral esquerda apresenta cunhais à altura do arco-cruzeiro e na empena posterior, bem como uma pilastra junto à fachada principal e na parte correspondente à nave abrem-se duas janelas de verga reta com fechamento envidraçado, bem como outra na área relativa à capela-mor, também com verga reta. Na parte dos puxados correspondentes a esta fachada, devem ser notadas duas portas, uma das quais com almofadas marcadas e com verga reta, bem como uma janela igualmente de verga reta e fechada por balaustradas de madeira torneada. O beiral é simples, em cachorro de madeira.

A fachada posterior apresenta como único vão uma janela baixa de verga reta e com fechamento de madeira almofadada, no lado esquerdo.Observam-se ainda cunhais de pedra aparen

tes até o nascimento dos telhados dos puxados e que tem capitéis simples, porém bastante marcados. Do lado esquerdo, referente à sacristia, o beiral é em cimalha de pedra e, do lado oposto, em meia-água, terminado por telhas com pequena cimalha de madeira. As empenas são fortemente marcadas: tanto a da nave como a da capela-mor são coroadas por cruzes de pedra colocadas sobre pedestais. A empena da nave tem acabamento mais simples com telhas aparentes e a capela-mor é mais cuidada, terminando por uma forte cimalha de pedra.

O sistema construtivo da capela de Nossa Senhora do Rosário è em estrutura de pedra, sendo que seu adro não tem delimitação precisa, não estando incorporado aos espaços públicos circunvizinhos. Na área em frente à Capela há uma larga passarela pavimentada de cimento com alguns trechos em pedra, ligando o cruzamento das ruas Direita e Padre João Fonseca à porta principal.

c) Ornamentação

A nave tem piso pavimentado em pedra na parte do nártex, sendo o restante em campas até o cancelo onde há um degrau igualmente em pedra e com desenho curvo caprichoso. No seu nível mais alto, o piso apresenta outra fileira de campas com sepulturas apenas no trecho central, devido aos altares laterais.

O coro tem balaustrada reta com peças de madeira torneada e é intercalado por pilastras de madeira de seção quadrada. A escada de acesso fica à entrada da capela e se desenvolve em espiral no trecho inferior e retilínea no trecho superior. Entre estes foi colocada uma porta simples de tábuas verticais. A escada se apresenta forrada por tabuado liso pintado de branco do lado externo. O piso do coro é em tabuado corrido com peças largas e o forro do nártex é em tabuado liso pintado de branco. Como única ornamentação apresenta pequena moldura amarela que o subdivide em dois painéis de forma quadrada, ten

do em volta pequena aba de cimalha de perfil simples pintada de amarelo-ouro nas partes salientes e pequena faixa verde escura no centro.

As pilastras que aparentemente suportam o coro nas extremidades do guarda-corpo tornam-se mais finas em direção ao piso onde encontram base mais desenvolvida. No alto,são coroadas por ornato com volutas, que lembram um capitel jônico arcaico. Essas pilastras recebem o mesmo tratamento cromático dado à balaustrada do coro, qual seja, faiscado verde escuro com amarelo ouro nas molduras e saliências.

É interessante observar que a forma dessas pilastras lembra as do coro da Matriz de Santo Antônio, evidentemente guardadas as devidas distâncias no tocante à riqueza e qualidades artísticas.

O tapavento é simples, constituído basicamente de uma porta de madeira com duas folhas de abrir, cuja parte inferior tem painéis almofadados, sendo que, superiormente, o fechamento é feito por vidro branco e fosco, com desenho estampado, no qual linhas diagonais formam um xadrez intercalado de pequenas flores.

Destaca-se na nave o belo púlpito, que tem sua bacia em peça única de cantaria, cuja forma em planta mostra contorno complexo com curvas côncavas e convexas,resultando na forma de um retângulo quase quadrado. Em elevação, suas molduras têm balanço progressivo e mostram, também, um perfil caprichoso com saliências e reentrâncias. Inferiormente, há um robusto consolo, também de cantaria, ricamente trabalhada com volutas e com pronunciado relevo central. Na parte mais alta da bacia há um ornamento menor com folhas e volutas que estabelece a sua correlação plástica com o requintado consolo. O tambor é de madeira e sua forma acompanha verticalmente o contorno da bacia, tendo no alto moldura simples em meia-cana. Mostra ainda vestígios de pintura já há tempo retirada.

A porta de acesso ao púlpito tem enquadramento em cimalha de cantaria, sendo a parte de vedação feita por uma única folha de madeira com almofadas de pequena saliência, pintada de sangue de boi. Há, ainda, uma sobreverga em cimalha bastante marcada, em cantaria.

Em frente ao púlpito há outra porta na nave, do mesmo tipo da porta de acesso ao púlpito. As paredes da nave são pintadas de branco, com barra azul na parte inferior, que vai até o nártex. A nave apresenta quatro janelas, duas de cada lado, com muldura em pedra, de linhas simples.

Deve ser destacado, por apresentar trabalho de importância e especialmente cuidado, o forro da nave, que é do tipo caixotão ou artesoado, com a parte central alteada em todo o seu comprimento. Molduras salientes estabelecem as subdivisões, semelhantes a vigas aparente ligeiramente chanfradas. São entabeladas na sua parte de maior relevo, assim como os painéis reentrantes. Com um total de dezoito caixotes organizados em seis filas com três painéis cada, tem os centrais de nível e um pouco mais largos que os laterais, que são inclinados. Em todo o perímetro do forro uma larga e complexa cimalha compõe o seu emolduramento. As tabelas das molduras são pintadas de branco e recebem cordão dourado nas bordas. Nos seus cruzamentos aparecem grandes florões com folhas entalhadas e douradas e nos seus trechos médios, correspondendo aos eixos centrais dos painéis, ficam elementos decorativos rococó pintados de azul. As molduras inclinadas que se colocam em direção aos painéis são pintadas de marmorizado azul, sendo seguidas pelas tabelas pintadas de branco e com cordão de arremate ao lado do centro. Nos seus encontros, junto ao canto dos quadros, encontram-se elementos decorativos barrocos, similares aos das tabelas das molduras, porém pintados de vermelho. Há duas linhas baixadas pintadas de branco que apresentam, nas faces inferior e na voltada para o altar, cordão pintado simulando estreitos

painéis que se interrompem no meio para dar lugar a uma espécie de medalhão elítico cuja tridimensionalidade é dada pela gradação de tonalidades que vão do azul escuro ao branco. Na face voltada para a entrada da capela há pinturas com guirlandas de flores, predominando as cores vermelho, amarelo e azul . Na cimalha, a organização cromática e o maior destaque em balanço em certos trechos estabelecem subdivisões horizontais no seu perfil complexo e de grande vulto. A faixa inferior, mais estreita e com progressivos mas discretos balanços nas suas molduras curvas e retilíneas, recebe faiscado em fortes azuis. A segunda faixa, mais estreita, é constituída por uma única moldura curva e convexa em meia-cana com pintura marmorizada com destaques de vermelho forte e alguns faiscados em azul-claro sobre fundo branco, estabelecendo forte contraste com as que lhe são contíguas. O último trecho, de grande largura e com balanços mais ousados das molduras, é pintado, também, de faiscado azul forte. Ao longo do comprimento da nave, a cimalha mostra, nos trechos correspondentes às subdivisões dos caixotões e das linhas baixas, parte mais destacada à feição de capitel, apresentando também ornatos entalhados em dourado. Quinze painéis representam os mistérios do Rosário e os outros três, invocações de Ladainha de Nossa Senhora do Rosário. Os três painéis referentes às invocações da Ladainha se encontram junto ao coro, enquanto que os mistérios do Rosário se distribuem nas três fileiras longitudinais, sendo os gozosos à esquerda e os dolorosos à direita, com início no arco-cruzeiro. A pintura, originalmente, apresentava forte policromia, porém, infelizmente, está bastante danificada e em estado precário de conservação.

Os retábulos de chanfro apresentam a mesa, assim como seu frontal, com ornamentação apenas com pintura, sendo que o do lado do Evangelho mostra grande apainelado losangular inferiormente, com formas vegetais na parte superior. No retábulo do lado da Epístola esse esquema se inverte, havendo na parte superior à mesa faixas de losângos inscrevendo formações vegetais e, em baixo, utilização de grandes folhagens como motivo decorativo. Logo acima ficam as bases das colunas cons-

tituídas por apainelados simples para as salomônicas à direita e mais recuadas, e de grandes mísulas com volutas para as de fuste liso. Entre as bases fica o sacrário, com a parte central convexa e mais alta terminada em moldura simples. No retábulo do lado do Evangelho a porta tem apainelados com forma quadrada e os cantos arredondados contendo uma cruz dourada sobre fundo vermelho. No lado da Epístola, o apainelado é quadrilobado e circunscreve ornamento vegetal também em ouro sobre vermelho. Os capitéis são trabalhados com motivos vegetais, sendo que os laterais se aproximam do modelo corintio e os centrais do Jônico. Há um único nicho central com cortinas que se abrem no alto e caem lateralmente até onde fica, no retábulo do lado do Evangelho, uma imagem de Santo Antônio do Noto e, do lado da Epístola, uma imagem de São Benedito.

Acima, fica um dossel cuja forma lembra a de grande concha voltada para baixo, tendo alteamento da parte central de suas molduras, que são arrematadas com sanefas em vermelho e ouro. Sobre o dossel, duas robustas volutas apoiadas nas colunas centrais encontram-se no meio sustentando uma grande concha dourada. Lateralmente, dois apilarados servem de apoio à moldura dourada que arremata horizontalmente as partes laterais e recebem inflexão ao centro, onde termina dividida em volutas. As partes de maior saliência são douradas, e, no fundo, predominam as pinturas em tonalidade de azul forte, muitas vezes com motivos ornamentais. Áreas menores convenientemente distribuídas recebem pintura em vermelho forte, estabelecendo grande contraste com o ouro e o azul. Os dois retábulos são bastante semelhantes, devendo ser notado que o do lado do Evangelho é ligeiramente mais baixo, porém pode-se supor que um serviu de modelo para o outro.

O arco-cruzeiro é formado por grandes blocos de cantaria aparente com socos de proporções mais robustas e uma cimalha complexa e desenvolvida em vários ramos com grande balanço na parte mais elevada. O arco-pleno tem a pedra de fecho

mais saliente, na qual se apóia, na parte inferior, bela tarja de madeira dourada, que coroa o arco-cruzeiro e que é bastante desenvolvida, com perfil recortado mostrando elementos ornamentais como colunas e rocailles.

O piso, junto à base do arco-cruzeiro, tem pavimentação de pedra, sendo que sua parte central apresenta três campas que se prolongam para dentro da capela-mor.

O retábulo do altar-mor, em estilo D. João V, pertence ao terceiro tipo indicado por Lúcio Costa. Sua base, correspondente à altura da mesa, tem tratamento simples nas laterais, com painéis reentrantes com pinturas já muito apagadas.

A mesa apresenta bonito trabalho de talha com entrelaçamentos de elementos ornamentais de pequeno relevo, ora lineares ora vegetais, em cordões de flores. A parte superior é mais trabalhada e apresenta relevo de maior exuberância.

Sobre destacadas mísulas decorativas com volutas folhas de acanto apoiam-se os quatro esteios de retábulo. As duas colunas laterais são salomônicas e tem capitel coríntio e os esteios centrais, apilarados e estriados, tem sua parte inferior resolvida à feição de quartelão e são coroadas por ornamentação que assume forma complexa pela expansão do pilar em forma dentadas e sucessivas. Junto ao camarim, há quartelões, e decorações de linha sinuosa. No apainelado entre as colunas em ambos os lados há consolos tratados com folhas vegetais na sua parte inferior para conter as imagens dos Santos. Os dosséis são trabalhados e de perfis movimentados, ficando à esquerda a imagem de São Elesbão e, à direita, a de São Bráz. Sobre o entablamento, cujo perfil lembra cimalhas da nave e do arco cruzeiro, há ornatos diversos como volutas, modilhões e elementos vegetais, destacando-se a figura de quatro querubins nas verti

cais correspondentes às colunas: Os dois anjos do centro seguram panejamento que vai ter ao dossel com sanefas sobre o arco central do retábulo. Acima do dossel se colocam mais dois querubins que seguram a tarja central terminada em coroa. O tabernáculo tem composição ascendente dos lados para o centro, com decoração de elementos vegetais e o símbolo da crucificação de Cristo.

Acima, em plano mais recuado, situa-se o belo e requintado trono formado por complexos entrelaçados de faixas de madeira trabalhada que lhe imprimem transparência inusitada. No altar e no centro, fica a imagem de Nossa Senhora do Rosário e logo abaixo estão as imagens de São Francisco de Assis à esquerda e São Domingos, à direita, ambos ajoelhados aos pés de Nossa Senhora e do Menino Jesus, mostrando idêntica organização triangular em relação à pintura do forro da capela-mor. Toda a talha recebe douramento nas partes salientes, que se destacam ora sobre fundo branco, ora sobre policromado.

O forro da capela-mor é em tabuado liso e em abóbada de berço. Tem pintura decorativa do tipo ilusionista, mostrando a estrutura arquitetônica em perspectiva que conduz à representação central onde Nossa Senhora entrega o rosário a São Domingos e São Francisco. Os oito maciços de representação arquitetônica sugerem a cantaria e têm colunas imitando mármore na tonalidade verde-escura.

A pseudo-cimalha em cor castanho-avermelhada que se coloca sobre estes elementos sugere, pela sua forma alternada de trechos curvos e retilíneos, a existência de nichos côncavos nas paredes intermediárias. Vãos em arco pleno ou arrematados com elementos ornamentais em rocaille se alternam entre os maciços arquitetônicos, deixando ver o azul forte de céu onde estão diversos querubins entre nuvens. O painel central tem a distribuição triangular das principais figuras, mostrando São Francisco, à esquerda, ajoelhado em frente a São Domin-

gos em estreita faixa de terra. Esta mostra curiosa erosão no primeiro plano, talvez com intenção de promover a sua melhor integração com as áreas envolventes e do dominante do céu. Ao alto do painel, Nossa Senhora e o Menino Jesus aparecem envolvidos por nuvens e querubins. O forte contraste entre os tons vivos de vermelho e azuis da roupagem de Nossa Senhora se constituem no ponto de maior atração visual do forro.

Esta bela e erudita pintura apresenta razoável estado de conservação, embora pareça ter recebido retoques em data recente. Há cimalha de madeira, porém bem menos desenvolvida que a da nave. No nível inferior, o piso tem campas e uma escada em pedra que leva ao altar, onde há tabuado. As paredes são pintadas de branco com barra em azul e as portas têm enquadramento e cimalha em cantaria, de perfil semelhante ao da porta da nave, porém com maior altura. O fechamento é com almofadas de pequena saliência.

Do lado do Evangelho e mais ao fundo, no puxado, fica a sacristia, cujo piso é em tabuado de madeira, tendo parte de pedra. O forro é em gamela e, nos encontros dos planos inclinados, situam-se tábuas à feição de molduras pintadas com listras em vermelho, amarelo, branco e azul claro. Os painéis são pintados de branco e a cimalha em faiscado branco e preto, tendo na junção com o forro uma estreita listra vermelha. No fundo da peça fica um grande e belo arcaz sobre um estrado que repete sua ondulação na parte da frente. O arcaz é dividido em três partes, sendo que, nas laterais, há três gavetas e, na central, uma única.

No centro e acima do arcaz há um oratório semi-embutido na parede que apresenta decoração simples com dossel e sanefa na parte superior, além de ornatos em madeira recortada e pintura decorativa nos lados. No seu interior, sobre uma

peanha, encontra-se uma imagem de Nossa Senhora do Rosário. Há, ainda, um armário embutido na parede, para guardar vinho canônico. Tem dois compartimentos e as folhas das portas tem almofadas de pequena saliência e são subdivididas a fim de permitir abertura independente das duas partes, estando pintado em vermelho com as marcas em cinza. À esquerda da janela há um belo lavabo de pedra com a bacia em balanço, tendo a forma de concha. Na parte superior fica a abertura para colocação de água e, no centro, uma almofada losangular inscrita em outra retangular suporta uma torneira antiga. A janela, rasgada internamente, é fechada por folhas de abrir de madeira fechada com folhas almofadadas voltadas para as guilhotinas de vidro. O marco é pintado de cinza e o fechamento em vermelho.

A porta tem marco pintado de cinza e está, atualmente, sem folhas de vedação.

A sacristia abre-se para um pequeno corredor cujo piso é em tabuado corrido e o forro de saia-e-camisa entabeirado e pintado de branco, havendo uma cimalha, também branca. As paredes são pintadas de branco com barra azul. Há portas que se abrem para a sacristia, a capela-mor, um outro cômodo e o exterior, todas apresentando moldura em cantaria.

O cômodo seguinte contém a escada para o púlpito tendo o piso em tijolos de barro cozido, e a cobertura em telha vã. A escada do pulpito é em tábuas de madeira, apoiadas em duas peças inclinadas que vão do chão ao patamar onde se inicia um esteio de madeira que serve de apoio ao corrimão e que tem a parte superior em bulbo inclinado. A janela é igual à da sacristia e as portas também tem enquadramento em pedra. A este cômodo segue-se uma peça menor que permite o acesso à sineira também com piso em tijolos e forro em telha vã. Esta peça leva diretamente à caixa da escada da torre sineira, cujo piso é de tijolos e que contém uma escada em espiral que leva à sineira.

Do lado da Epístola há um grande cômodo que terá sido o consistório, também com entrada lateral principal e só interligado com a capela-mor, apesar de ser contíguo à outro cômodo. O piso é em tabuado corrido e o teto em telha vã. A porta que liga ao camarim do altar tem quadro de cantaria e uma única folha almofadada. A pia de água benta junto à porta da capela-mor tem forma similar à da existente na entrada da nave. Na parede posterior há uma janela com enquadramento em pedra e do tipo conversadeira e que antigamente era protegida por balaústres. Na parede relativa à fachada lateral há outra janela conversadeira do mesmo tipo da anterior. Finalmente, o cômodo que lhe fica a frente também tem forro em telha vã, sendo o piso em tijolos de barro cozido. Não tem janelas, porém apresenta uma porta que liga à nave, com enquadramento em cantaria e belo frontão triangular na sobreverga.

17.2.4 Capela da Santíssima Trindade

a) História

A Capela da Santíssima Trindade foi erigida por provisão de 2 de janeiro de 1776. Em documento datado de 1798, o administrador da capela já encaminhava pedido à Coroa Portuguesa no sentido de conceder um ermitão para esmolar a favor da mesma, provavelmente para levantamento dos recursos necessários para sua conclusão. Nada consta sobre autoria e época do projeto arquitetônico e de ornamentação.

Bastante desfigurada por sucessivas reformas, a capela, em 1975, sofreu alguns reparos e pintura no seu interior. Possui, em uma de suas sacristias, uma "sala de milagres" e é cenário para importante jubileu realizado na cidade no mês de maio/junho.

A Capela da Santíssima Trindade foi tombada individualmente pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN conforme Inscrição nº 476 - Livro Belas Artes - fl. 87, em data de 27 de janeiro de 1964.

b) Arquitetura

Rigorosamente dentro dos padrões das fachadas das capelas de Tiradentes, apresenta seu corpo central definido por duas pilastras pintadas de cinza e com socos bem marcados. Neste corpo central destaca-se a porta almofadada pintada de azul com enquadramento em pedra-sabão e verga em arco-abatido, tendo nas laterais das ombreiras duas pilastras também em pedra e com capitéis simples e decoração tipo quartelão com decoração de talha, sugerindo uma composição mais complexa e que não foi terminada.

Superiormente há duas janelas também em enquadramento em pedra e verga em arco-abatido, fechado por guilhotinas e tendo no peitoril elementos decorativos discretos. Há ainda uma sobreverga em massa pintada de cinza. Entre as duas janelas, há um círculo com moldura de massa, dentro do qual inscreve-se uma representação do Espírito Santo encimada pelas seguintes datas pintadas:

3 - 1810
30 - 1 - 1930

Logo acima há um friso em massa que alcança as pilastras e na parte superior um óculo envidraçado com pequena cimalha também pintada de cinza. O frontão é caprichoso, com volutas nas bases e pináculos sobre as pilastras. No centro do frontão aparece um outro círculo com moldura de massa e a representação da Santíssima Trindade, com um resplendor.

Lateralmente ao corpo central, aparecem dois puxados terminados por cunhais, arrematados por pináculos e por volutas encimando molduras. Em cada um dos puxados há uma jane

la com verga de arco-pleno, enquadramento em madeira pintada de cinza e peitoril de pedra com pequena sobreverga de massa, pintada também em cinza. Próximos aos cunhais há lampiões, sendo que do lado esquerdo há, apenas, mão francesa simples, e, acima do frontão principal, uma lâmpada.

O sistema construtivo é de pedra e adobe e a cobertura da nave e da capela-mor é em duas águas e telhas coloniais, devendo ser notados os galhos. A fachada lateral direita tem um puxado com cobertura em meia-água, telhas coloniais e beiral com beira-seveira. Este puxado, onde funciona a sacristia, tem três janelas com verga reta, fechamento em guilhotina e enquadramento em madeira pintada de cinza. Há, ainda, duas portas com verga reta, enquadramento em madeira e fechamento em calha, pintado de cinza.

Deve ter sido reformada, pois encontra-se apenas na massa, sem reboco. Na parte da torre há dois cunhais de pedra revestidos de massa cinza e embasamento em pedra, sendo o beiral com pequena cimalha também pintada de cinza. A parte da nave e dos puxados é cega, apresentando beiral em beira-seveira pintada de branco e, na área da capela-mor, há uma janela retangular com verga reta, enquadramento pintado em cinza e envidraçada. Nesta parte, o beiral tem guarda-pó e cachorros. A fachada posterior apresenta-se cega na nave e com uma janela alta com verga reta, enquadramento em madeira pintada de branco e fechamento em vidro. A fachada lateral esquerda tem duas janelas de verga reta e enquadramento de madeira cinza, sendo uma com fechamento em guilhotinas e outra em calha.

Há, ainda, duas portas com verga reta enquadramento em madeira pintada de cinza e fechamento em calha, bem como três orifícios quadrados, fechados em grades de ferro.

A fachada da nave é cega e, na capela-mor, é igual à do lado direito. Os beirais têm soluções diferentes, sendo a do puxado em beira, o da nave em beira-seveira e da capela-mor com cachorros. Este puxado também está sem pintura, apresentando só revestimento.

Situada no alto de uma colina, a capela da Santíssima Trindade tem um adro protegido por grades de ferro, com portão e um gramado onde se eleva uma Cruz dos Martírios. Na sua parte posterior há uma construção em separado com toda infra-estrutura para atender as concorridas romarias que ali são realizadas, incluindo posto policial, pronto-socorro, secretaria, lojas de artigos religiosos bem como instalações sanitárias para os fiéis. Há, ainda, uma base com três degraus e uma coluna para colocação da imagem do Santo protetor, devendo ser notada uma ampla sala de milagres com inúmeros ex-votos de datas recentes.

c) Ornamentação

Com interior simples, o nártex tem forro plano de tabuado com cimalha em marmorizado verde de feitura recente, sendo o piso em tabuado estreito com disposição das peças em diagonal. Há um tapavento de madeira e vidros coloridos, e uma pia de água benta em pedra. As entradas para o coro e batistério têm portas com verga abatida, enquadramento em madeira cinza, sendo o fechamento com duas folhas em calha e bandeira na parte superior. Nas paredes do lado da porta aparecem duas telas, também de feitura recente, que representam, respectivamente, Nossa Senhora com o Menino Jesus e o Bom Pastor.

O coro tem guarda-corpo em madeira recortada pintada de cinza.

A nave é em abóbada de berço com tabuado estreito, apresentando no centro uma pintura que representa uma guirlanda de flores com cálice e hóstia sobre o livro das Sagradas Escrituras, da qual pende o lampadário. O forro tem como acabamento uma cimalha com aba marmorizada em tons de verde. As paredes são pintadas de branco com barrado imitando madeira, em marrom, na parte inferior.

Há um púlpito único do lado do Evangelho, cujo tambor é retangular, tendo na sua parte da frente, sobre fundo branco, uma pintura representando o Espírito Santo. O púlpito tem moldura em marmorizado verde, e, na parte inferior e nas laterais, há pinturas de guirlandas de flores. A porta tem verga abatida em madeira pintada de cinza com fechamento em calha. Nos lados do púlpito há, também, telas nas paredes representando, a partir da entrada, Santo Ambrósio e São Jerônimo e, próximo ao arco-cruzeiro, Santo Agostinho e a Natividade. No lado oposto há outras quatro telas que representam a Anunciação, São Gregório, a Ascenção e a Apresentação de Jesus aos Reis Magos.

Os altares de chanfro têm talha extremamente singela com elementos florais e guirlandas pintadas de branco, havendo diferença somente na parte superior onde o altar do lado da Epístola tem como arremate uma composição mais rica no estilo D. José com escudo encimado por plumas.

O arco-cruzeiro é igualmente simples apresentando socos com pintura em madeira marmorizada em verde. As pilastras são estriadas e pintadas em branco tendo como terminação uma cimalha também marmorizada em verde. O arco propriamente dito não apresenta ornamentação alguma, sendo apenas encimado por uma sanefa com curvas em marmorizado verde.

Em volta da nave há um degrau com pedras na parte externa e balaustrada de madeira recortada que, inclusive, forma o cancelo. A capela-mor tem um retábulo igualmente singelo e sem talha, ladeado por dois vidros e peanhas com dossel. A pintura é em branco com barrado imitando madeira. O trono é escalonado com molduras em marmorizado azul e vermelho, sendo o forro de camarim resolvido em abôbada de berço em tabuado com o símbolo da Santíssima Trindade recortado em madeira, em relevo.

Há uma janela que se abre para a fachada posterior, em frente a qual há uma imagem do Padre Eterno. No Trono há, ainda, um crucifixo grande e nos nichos imagens de Nossa Senhora das Dores e Santo Antônio. O forro da capela-mor é alteado, sendo que o quadro central tem uma pintura representando a Santíssima Trintade, de feitura recente, havendo ainda uma cimalha em marmorizado verde. Na mesa do altar há uma imagem de madeira de Cristo Morto.

O camarim dispõe de um ambulatório com uma escada com degraus de cimento e balaustrada de alvenaria que permite a subida até a imagem do Padre Eterno e a descida pelo lado oposto. Ao lado dos altares de chanfro há duas portas iguais às do nártex, apenas com fechamento em almofada. A sacristia tem forro de saia e camisa envernizada, de feitura recente e nela há um confessionário de madeira recortada com um banco.

Nas dependências externas para os romeiros há uma interessante sala de milagres com inúmeros ex-votos, não só quadros como outras peças ali deixadas como testemunhos de graças alcançadas.

17.2.5 Igreja de São João Evangelista

a) História

Olinto Rodrigues dos Santos Filho diz que a capo

la de São João Evangelista é uma "construção de meados de 1760, arrastada até o primeiro quartel do século XIX"[139], que serviu de sede para as Irmandades de São João Evangelista, de Nossa Senhora das Dores e de São Francisco de Assis. Ainda de acordo com a mesma fonte, a igreja teria servido de refúgio para os inconfidentes de 1789, que se utilizavam de um túnel de ligação com a casa paroquial localizada ao lado e então moradia de Padre Toledo.

Devido à escassesz de documentação, não há informações sobre a época e autoria das obras de ornamentação da igreja. Baseando-se em relatório de vistoria realizado por técnicos do SPHAN, no ano de 1948, a igreja passou por uma série de restaurações em 1952, incluindo consertos no telhado, nas campas e no madeiramento das alas laterais e do assoalho, além da reconstrução da parede lateral direita da nave. Em 1975, encontrava-se novamente em processo de restauração interna.

A Capela de São João Evangelista foi tombada individualmente pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN conforme Inscrição nº 478 - Livro Belas Artes fl. 87, em data de 27 de janeiro de 1964.

b) Arquitetura

Ainda dentro do partido tradicional das capelas de Tiradentes, a fachada é resolvida com corpo central delimitado por duas pilastras de massa pintadas em cinza, dentro do qual organizam-se os elementos também tradicionais: a porta central com verga abatida, almofadada, enquadramento em madeira e sobreverga em massa, encimada por duas janelas rasgadas por inteiro, de verga abatida e enquadramento em madeira, fechamento em almofadas e sobreverga em massa cinza, tendo guar-

[139] *SANTOS FILHO, O. R. dos, op. cit. nota 135, p. 24-5.*

da-corpo com balaústres cinza incrustados em alvenaria branca.

Como coroamento, um óculo elítico envidraçado. A empena é simples e resolvida com beira-seveira e telhas em peito de pomba, sendo encimada por uma cruz simples. O telhado é de duas águas na parte central. Lateralmente há dois corpos com cobertura de meia-água, definidos por cunhais pintados de cinza.

Em todo o frontispício aparece um robusto embasamento de pedra aparente com socos marcados. Em cada um dos puxados laterais há uma janela rasgada por inteiro junto às pilastras e iguais às do corpo central sendo que, na parte inferior das janelas, aparecem duas seteiras. A janela direita tem sino e a da esquerda tem fechamento igual às do corpo central. O beiral é, também, em beira-seveira, com telha em peito de pomba.

A fachada lateral esquerda tem uma torre cega com beiral e beira-seveira e cunhais de massa pintados em cinza com socos no embasamento de pedra. O puxado tem cinco janelas com verga abatida e balaústres de madeira torneada nas duas da frente.

O conjunto de vãos é pintado em azul, sendo o fechamento interno das janelas em duas folhas almofadadas, em ocre. Há, também, duas portas com verga abatida e fechamento em duas folhas almofadadas com mesmo tratamento cromático. A cobertura é em meia-água e o beiral apresenta beira-saveira e aba.

A fachada lateral direita tem cinco janelas com verga abatida, de madeira, pintadas com azul. O fechamento é em guilhotina por fora e almofadas pintadas em ocre. Há, também, duas portas com verga abatida e acabamento igual ao da fachada lateral esquerda. Neste puxado funciona o Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes. A fachada posterior tem um

puxado com quatro janelas de verga reta com enquadramento em madeira pintada de azul e fechamento em guilhotina. O beiral é em beira-seveira com aba

A capela situa-se em posição privilegiada na parte mais alta do antigo Largo do Sol, atual Praça Dom Delfim Guedes e ao lado da casa do Padre Toledo.

c) Ornamentação

A Capela apresenta detalhes bastante interessantes em seu interior, sendo que, no nártex, tem coro com perfil curvo e balaustrada com elementos torneados e envernizados e corrimão bastante robusto e existindo, ainda, um tapavento em madeira com enquadramento pintado de azul e fechamento em duas folhas almofadadas pintadas de ocre.

Abaixo do piso do coro, o forro apresenta cimalha e aba com pequeno florão nos cantos, sendo resolvido em forma plana com tabuado de madeira pintado de cinza.

Há duas portas para o batistério e a torre, de verga abatida, com enquadramento de madeira pintada de azul e fechamento em duas folhas almofadadas na cor ocre, tendo bandeira fixa na parte superior. As duas janelas do coro que se abrem para a fachada principal têm padieira armada com tábuas. A nave tem forro alteado, pintado de cinza e cimalha em marmorizado formando faixas diagonais em vermelho, azul e ocre. As paredes são brancas, tendo um óculo elítico de cada lado com moldura em madeira azul.

Atualmente existe apenas um púlpito de lado da Epístola, sendo que o do lado do Evangelho era de pano e foi retirado pelo SPHAN, restando, apenas, a porta de acesso. O púlpito é de madeira, bastante volumosas, tendo tambor quadrangular com as faces curvas abrindo-se para a base, e os ângulos chanfrados.

Seu arremate inferior é em forma de triângulo invertido, quase quadrado, com as faces curvas e ângulos chanfrados, sem apresentar pintura. Junto à parede há uma moldura de fixação do púlpito com perfil geométrico simples. A porta de acesso tem verga abatida e enquadramento em madeira pintada de azul.

Nas paredes da nave encontram-se quatro telas representando, respectivamente, São Lucas, São João, São Marcos e São Mateus, arrematadas na parte superior e nas laterais com uma pintura à guisa de cortina em vermelho com estamparias e franjas.

O piso da nave é em campas, havendo um degrau em toda a sua volta com balaustrada recortada em curvas, formando um alargamento na parte central. Ao lado dos altares de chanfro há duas portas para as sacristias, com verga abatida e enquadramento de madeira azul, sendo seu fechamento com almofadas de desenho recortado, pintadas de ocre.

O altar de chanfro do lado do Evangelho é em branco, com telha dourada de elegante desenho, baseado em conchóides, volutas, curvas e contra-curvas. A cimalha é bem marcada, e sobre ela, se apóiam duas volutas que recebem o frontão. Este inclui um medalhão com o Coração de Jesus entre nu-

vens e um resplendor em ouro, acima do qual situa-se outra cimalha curva, também apoiada em duas volutas e arrematada por curvas e um escudo. No retábulo aparecem os símbolos da Ave Maria em madeira dourada dentro de um escudo com rocailles na parte superior tendo, lateralmente, outros dois escudos também em rocailles e os seguintes dizeres:

Veni in
altitudinem maris
et tempestas
demersit me
David.

Audi erunt quia
ingemisco ego,
et non est
qui consoletur me
Jerem.

O trono é escalonado, tendo como decoração escudos em talha dourada na parte frontal e, sobre ele, fica uma imagem de Nossa Senhora das Dores. O tabernáculo também tem talha na parte superior e um sol na porta. A mesa do altar apresenta decoração em talha dourada e quatro tocheiros de madeira.

O altar de chanfro do lado da Epístola é bastante semelhante a este, estando todo pintado de branco. Na parte superior, porém, seu arremate é mais simples, sendo resolvido por um escudo central encimado por uma composição em rocailles. As imagens deste altar são de feitura recente.

O arco-cruzeiro é todo pintado de branco, com os socos bombeados e com talha bastante elaborada nas ilhargas.

Na parte superior há capitéis coríntios de extrema elegância e uma cimalha bem marcada. O arco propriamente dito apresenta florões em talha nas laterais e no centro, tendo em volta uma cimalha ricamente entalhada e parcialmente pintada de marmorizado vermelho com elementos florais na sua volta.

A capela-mor apresenta um retábulo com colunas em rica talha onde se misturam em elegante composição, anjos, figuras, flores e outros elementos decorativos tanto na parte inferior onde se apresentam como atlantes, como na superior. O retábulo, se compõe por dois nichos laterais com dossel e o camarim central em arco-pleno, sendo que na parte superior dos dosséis há uma cimalha marcada sobre a qual estão assentados dois anjos policromados.

Acima desta cimalha há duas pilastras com volutas na parte superior ligadas por guirlandas e elementos decorativos em curvas e com outros conjuntos de anjos policromados, tanto sentados nas extremidades quanto em pé, no centro sobre uma rocaille ocupando um escudo também policromado e na qual aparece um jarro com palmas. Deve-se notar que, na parte lateral da talha do altar, aparecem figuras com turbantes de características orientais, que podem ser ligadas ao fato de São João Evangelista ter feito pregações na Ásia Menor. No retábulo ficam diversas imagens antigas, como Santa Cecília e Santa Luzia, bem como um calvário com Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista.

Na parte superior há duas barras de talha entre painéis estriados, com anjos policromados. O tabernáculo, é, também, ricamente entalhado, com anjos policromados, guirlandas de flores e rocailles, tendo no centro em talha também policromada, São João Batista com um cordeiro e acima um dossel com panejamento e havendo uma cartela com a seguinte inscrição

na mão de São João:

Jesu Cristo ... in nostri ... spori sanguine nostri

e que traz também uma faixa com os dizeres:

Eguicce Agnus Dei

O camarim tem forro em abóboda de aresta, em tabuado pintado de branco, com cimalhas nas laterais e, no fundo, sobre o Cristo, um arco com talha. O forro da capela-mor é em abóbada de berço em tabuado pintado de cinza, tendo no centro uma pintura decorativa policromada com a inscrição:

Apocalipse São João Cap. I

A pintura representa uma cena de Cristo sobre nuvens com um resplendor e uma donzela ajoelhada, também sobre nuvens, com uma vela acesa na mão, havendo na parte inferior um pelicano. Na parte superior há uma cimalha pintada com vaso de flores em cima a guirlandas nas laterais e na parte inferior, havendo predominância das cores azul, verde, vermelho, amarelo e sépia.

Nas paredes laterais há pintura sob óculos elíticos com moldura de madeira marmorizada vermelha, com pequeno friso formando as telas. As cenas representadas são do lado do Evangelho, São João Evangelista dentro do caldeirão em que foi colocado em óleo fervente, e, do lado da Epístola, São Pedro sentado em um trono, com báculo e mitra, rodeado pelos quatro Evangelistas e outros apóstolos.

O piso é em tabuado de duas cores formando losango. Na sacristia do lado da Epístola há uma escada de madeira para o púlpito, sendo o forro inclinado, de tabuado pintado de branco e o piso também de tabuado.

As paredes são de adobe e as soleiras em pedras. Na parte correspondente à capela-mor, o forro é plano, de tabuado, com aba e cimalha. As portas têm verga abatida e padieira armada em madeira, sendo o enquadramento azul e o fechamento almofadado, em ocre. Atrás do altar existe um pequeno cômodo com escada para o trono.

Na sacristia há um pequeno altar com a imagem de Nossa Senhora das Dores, de roca, sendo que o enquadramento é feito por dois quartelões em marmorizado verde, e, na parte superior, o fechamento é feito com cimalha em marmorizado verde e vermelho, incluindo volutas, curvas e contra-curvas no mesmo colorido. Há quatro tocheiros de madeira e dois confessionários também em madeira recortada, com pequeno frontão entalhado e treliça. Sobre os quartelões, de um lado e de outro, há os símbolos da Paixão. Deve ser ainda notado um arcaz de portas verticais almofadadas, pintadas de azul, sobre o qual fica um oratório com Cristo crucificado, com fundo pintado com anjos e nuvens. Tem três chanfros protegidos por vidro e as partes em madeira são em marmorizado azul com friso vermelho, havendo volutas. Ao lado deste há outro arcaz com duas portas e seis gavetas, também pintado de azul, sobre o qual repousa um crucifixo em talha branca e dourada. Podem ser ainda observados andores de madeira recortada e uma mesa em estilo D. José.

17.2.6 Igreja de São Francisco de Paula

a) História

A Igreja de São Francisco de Paula data de época anterior a 1798, pois em documento desse ano já há referência a sua existência.

"Dizem os devotos de São Francisco de Paula, que se venera na ermida ereta na Vila de São José, Comarca do Rio das Mortes; que, para melhor venerarem o mesmo Santo e promoverem o seu culto, desejam que Vossa Majestade lhes permita tirarem esmolas, pelo povo da mesma Comarca;...".[140]

Existem ainda na nave da igreja dois painéis baseados em "ex-votos", datados de 1776 e 1787, que devem aproximar-se, provavelmente, à época de sua construção. O pequeno templo possui um grande mural retratando os habitantes da cidade em uma missa, datado da década de 1940.

A Igreja de São Francisco de Paula foi tombada individualmente pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN - conforme Inscrição nº 477 - Livro Belas Artes, fl. 87, em data de 27 de janeiro de 1964.

b) Arquitetura

Ainda que extremamente simples, a fachada da capela de São Francisco de Paula enquadra-se no modelo típico da Tiradentes, organizando-se com corpo central e dois puxados laterais.

No frontispício, o corpo central é resolvido com uma porta de duas folhas almofadadas e verga abatida pintada de cinza, tendo na parte superior duas janelas rasgadas por inteiro, também fechadas por folhas em calha, com verga abatida, e guarda-corpo em balaustrada de massa entaladas em alvenaria

[140] MENEZES, J. P. de., *op. cit. nota 133, p. 303*

pintada de branco. Estas janelas colocam-se junto aos esteios que definem o corpo central e, entre elas, há um óculo circular com moldura de massa pintada, também, em cinza e envidraçado.

A empena é simples, com telha de capa e bica, encimada por uma cruz de ferro. Nos puxados abram-se duas janelas com sinos pendurados em peças de madeira pintadas de vermelho, havendo cunhais de madeira como arremate. No esteio central do lado direito há um lampião com mão francesa simples.

A fachada lateral direita, na parte referente ao puxado, apresenta cobertura de maia-água e beiral com cachorros e guarda-pó sem pintura. Há uma janela e uma porta de verga reta, com enquadramento em madeira e fechamento em calha, pintados de cinza. Na parte relativa à sineira, a parede se eleva, e, em sua parte superior, há outra janela reta com mesmo acabamento das demais.

Na fachada lateral esquerda repete-se a mesma solução da direita, tanto para os vãos quanto para a torre sineira, sendo a fachada posterior cega.

O sistema construtivo adotado é o adobe e a capela fica sobre uma coluna, tendo no seu adro, gramado, uma cruz com os símbolos dos martírios de Cristo encimado por um galo.

c) Ornamentação

O interior, muito alterado por reformas, tem um mural representando os habitantes da cidade em uma missa, datando de 1940.

No piso, há uma única campa e deve ser notada a imagem de São Francisco de Paula, que é de grande beleza. Em nichos aparecem imagens de Nossa Senhora do Carmo e de Santo Antônio.

17.2.7 Capela do Bom Jesus da Pobreza

a) História

A Capela do Bom Jesus da Pobreza, também denominada Bom Jesus Agonizante, foi construída, provavelmente, em meados do ano de 1771, pois, segundo Fábio Nelson Guimarães[141], essa data se encontrava gravada na sua fachada até época recente.

Na documentação pesquisada, nada mais consta sobre a história da capela, que foi tombada individualmente pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN - - conforme Inscrição nº 474 - Livro Belas Artes, 87, em data de 27 de janeiro de 1964.

b) Arquitetura

Dentro do padrão das fachadas da arquitetura religiosa de Tiradentes para as construções de menor porte, a capela do Bom Jesus da Pobreza tem, em seu frontispício, o corpo central definido por dois cunhais com socos marcados. Neste corpo destaca-se a porta central pintada de marrom com sobreverga de massa e fechamento almofadado encimado por duas jane-

[141] GUIMARÃES, F. N. *Informações turísticas sobre a cidade de Tiradentes*. /Tiradentes, Prefeitura Municipal/1968. p. 25.

las, rasgadas por inteiro com balaústres de madeira torneada e sobreverga de massa cinza. O fechamento das janelas é, também, em folhas almofadadas e, como a porta, apresentam verga abatida. Entre as duas janelas há um óculo fechado por massa, no centro do qual existe um símbolo composto por três folhas. Sua moldura é, também, em massa na cor cinza.

A cimalha é coberta por telhas coloniais e, acima dela, se elevam, lateralmente, dois pináculos sobre os cunhais e, na parte central, um frontão curvilíneo, com volutas estilizadas na base. No centro, o frontão tem um óculo circular envidraçado e é arrematado por uma cruz em ferro. Entre a porta e o cunhal direito há um lampião com mão francesa em ferro. A cobertura da nave é de duas águas e o telhado, na altura da cimalha, desce formando puxado onde fica uma sineira cega para a fachada principal com um cunhal pintado em cinza e outro lampião com mão-francesa em ferro.

A fachada direita apenas apresenta uma porta lateral de verga abatida, com enquadramento em madeira, fechamento em duas folhas almofadadas, pintadas de marrom, sendo que o beiral dispõe de guarda-pó e cachorros. Na fachada lateral esquerda há uma porta e uma janela com enquadramento em madeira, fechamento em calha e verga abatida, pintados em marrom. A cobertura do puxado é em meia-água, tendo beiral com cachorros. Na esquina, a parede se eleva para enquadrar uma janela de verga reta e sem fechamento, pintada de marrom, destinada ao sino.

Situada em uma esquina, a capela dispõe, ainda, de um pequeno jardim lateral, à sua direita, protegido por muro com grade e portão de ferro.

c) Ornamentação

O interior é de grande simplicidade, sendo que

no nártex o forro é em friso. Há um coro em balaustrada de madeira torneada, pintada na cor ocre e com corrimão em azul. O forro da nave é alteado, apresentando uma pintura central que representa o Pai Eterno, com moldura em marmorizado azul, e, junto à parede, uma cimalha também em marmorizado azul. As paredes são pintadas de branco com barrado azul, tendo um degrau como rodapé; há uma pia de água benta. O piso da nave é em tabuado estreito; no nártex e na capela-mor em ladrilho hidráulico. A capela-mor é marcada pelos degraus do supedâneo, cuja parte fronta tem resto de pintura marmorizada verde.

O retábulo apresenta-se de forma extremamente simples, com tabuado de alto a baixo, sobre o qual recortam-se três nichos, sendo o central maior e correspondente ao altar-mor. É pintado em branco e sem talha, com vestígios de pinturas de guirlandas de flores feitas com molde. No camarim há o mesmo tipo de pintura e, junto ao forro, há uma cimalha em marmorizado vermelho, com a parte superior representando o Espírito Santo em meio a nuvens azuis. O trono é escalonado, com pinturas marmorizadas azul e rosa. Em volta do camarim há uma moldura pintada em marrom com uma grega branca, sendo que na parte inferior há pequenos recortes curvilíneos. Os dois nichos laterais, de proporções bem menores, apresentam o mesmo tipo de acabamento em moldura pintada e arremate inferior com uma peanha simples. No camarim há uma imagem de Nossa Senhora do Rosário e uma bela imagem de Cristo crucificado, agonizante, e, nos nichos, as imagens de Nossa Senhora da Conceição e Santa Rita de Cássia.

O frontal do altar tem pintura nova, feita com molde, e na nave existem dois óculos quadrados, fechados. No lado do Evangelho há, também, uma pia de água benta de pedra e alguns quadros, entre os quais se destacam ex-votos antigos e uma gravura colorida, italiana, com a inscrição: "DIVIN REDENTORE". As janelas e portas apresentam padieira capialçada sen-

do a construção em pedra e adobe.

17.2.8 Capela de Santo Antônio da Canjica

a) História

A pequena Capela de Santo Antônio remonta aos primeiros anos do século XIX, pois, por ocasião da Visita Pastoral de Dom Frei José da Santíssima Trindade à Vila de São José del-Rei, realizada no ano de 1824, ela se encontrava em fase de construção. Descaracterizada por diversas reformas, conserva atualmente apenas uma parede da antiga ermida.

É também conhecida como Capela do Santo Antônio do Canjica, porque se situa no bairro da Canjica, assim denominado pois ali se encontravam, em outros tempos, pepitas de ouro do tamanho de milho em grão.

b) Arquitetura

Basicamente dentro do esquema de fachadas encontradiças em Tiradentes, a pequena capela de Santo Antônio do Canjica apresenta seu frontispício extremamente simples, baseado em uma composição dominada pela porta central almofadada, com verga reta, acima da qual situam-se duas janelas também de verga quadrada e envidraçadas. Os enquadramentos da porta e das janelas são em madeira pintada de cinza.

O frontispício é definido por um cunhal, do lado esquerdo, arrematado por um pináculo, e, do lado direito, por

uma pilastra, entre os quais passa uma cimalha em beira-seveira, acima da qual ergue-se um frontão simples, também arrematado em beira-seveira e com um óculo circular com moldura em massa, pintada de cinza.

Ao lado do corpo central ergue-se uma torre de base quadrangular cuja altura é menor que a da empena do frontão. Esta torre, delimitada nos quatro lados por pilastras pintadas de cinza, tem um óculo quadrilobado fechado por madeira e acima do qual se abre uma janela para o sino com verga abatida, sobreverga reta e parte inferior com recorte simples.

Os ângulos da torre são marcados por pilastras em cinza e arrematados por pináculos simples, sendo que há ainda uma cimalha em perfis retos também pintados de cinza na mesma altura da cimalha do corpo principal. A cobertura da torre é em forma de sino, em massa, sendo arrematada por pináculo. No lado direito da torre há um pequeno puxado cego e terminado por um cunhal simples, também pintado de cinza. A cobertura da nave é em duas águas e a do puxado, em meia-água, sendo as telhas francesas.

Na fachada lateral direita, a parte correspondente à nave é cega, tendo um beiral em cimalha pintada de cinza. Na torre há uma janela basculante e, no puxado três portas e uma janela de verga reta com fechamento em calha. Na fachada lateral esquerda há, apenas, um orifício quadrado, sendo o beiral de massa. A fachada posterior é cega.

Situa-se em local afastado da cidade, tendo um adro fechado por muro, com gramado.

c) Ornamentação

Extremamente desfigurada, não tem altar, apresentando apenas uma mesa e peanhas nas paredes com imagens de Santo Antônio, Sant'Ana, São João de Deus e Nossa Senhora da Conceição, havendo, ainda, um crucifixo em estilo D. José. O forro é alteado, de feitura recente, em friso envernizado e as paredes são pintadas de branco com uma barra vermelha. O piso da nave é em "parquet" e o coro apresenta balaústres torneados, também de feitura recente. Há uma pia de água benta em pedra ao lado da porta de entrada e, na sacristia, uma cruz processional. Ao lado da sacristia há um pequeno cômodo que serve de depósito onde há alguns ex-votos muito antigos, porém em péssimo estado de conservação.

17.2.9 Conjunto de Capelas de Passos da Paixão

a) Arquitetura

As seis Capelas de Passos ou Via Crucis que se distribuem em diversos locais de Tiradentes são pequenas construções, em muitos casos geminadas a residências, e que apresentam grandes semelhanças em sua composição externa.

O passo em frente à Cadeia tem sua fachada definida por dois cunhais, terminando em pináculo com pequena cimalha arrematada por um frontão com volutas, encimado por uma cruz sobre um pedestal. A porta é de verga reta, almofadada, pintada de marrom e o telhado, de duas águas. Inscreve-se em outra construção. O Passo do Largo do Pelourinho mostra as mesmas características arquitetônicas do anterior tendo à sua frente um pequeno jardim e situa-se na Rua do Jogo de Bola, ao lado do Forum. O Passo do Largo do Ó apresenta-se também como os dois anteriores em sua fachada, tendo cobertura em três á-

guas. O Passo da Rua Direita segue, igualmente, a mesma solução dos anteriores.

No Largo das Forras, o Passo enquadra-se em dois cunhais de massa cinza com socos em pedra, tendo ao alto uma cimalha de massa com dois pináculos. O frontão caprichoso, apresentando duas volutas com o símbolo da Paixão no centro, é arrematado por outra cimalha de pequena saliência, acima da qual, fica um pináculo com uma cruz.

O Passo da Rua do Sol, que fica junto ao número 267, tem empena triangular lisa, porta de verga abatida com enquadramento em madeira, folhas com almofadas e pinturas em vermelho. Os cunhais são de massa, com embasamento de pedra. As telhas da cobertura são perpendiculares à fachada e, ao alto, uma cruz arremata o conjunto.

17.2.10 Chafariz de São José

a) História

Construído pela Câmara de Vila de São José del-Rei, no ano de 1749, o Chafariz de São José serve à população da cidade desde essa época até os dias atuais.

Nada consta na documentação pesquisa sobre a autoria do projeto (que engenhosamente distribui a água em tanques separados para o uso de animais e para uso da população), e da ornamentação. O chafariz de São José foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN -conforme Inscrição nº 330 - Livro Belas Artes, fls. 69, em data de 3 de dezembro de 1949.

b) Arquitetura

O chafariz de São José agencia um amplo espaço definido por muradas de pedra e bancos. Na entrada há dois pilares com pináculos de pedra, para proteção contra o acesso de

animais. Em toda a volta há bancos, também em pedra, que se organizam na mureta de forma retangular.

O chafariz propriamente dito apresenta solução tanto erudita quanto elegante, compondo-se o seu frontão por duas volutas laterais junto a cunhais de pedra que se arrematam por uma cornija que também forma volutas. Na parte central há moldura em pedra, com três curvas, cujo fundo é pintado em azul e sobre a qual ficam três carrancas das quais sai a água. Acima da carranca central, que fica mais elevada, há a data 1749 e sobre esta parte, já na parede em alvenaria branca, eleva-se um nicho com a imagem de São José no interior. O nicho tem arco-pleno, moldura em pedra e, em suas ombreiras, há decorações também em volutas, sendo protegidas por vidro.

Fechando a composição da parte inferior, há uma robusta cimalha, também em pedra, e em cujo centro curvo se encaixa o nicho. A parte superior é resolvida por um frontão curvo arrematado lateralmente por volutas e pináculos e tendo acima um pedestal e uma cruz também em pedra, e no seu interior um brasão em pedra com as Armas de Portugal.

A bacia, igualmente em pedra, é retangular e descansa sobre um embasamento com três degraus. Na parte posterior há um depósito de água com bocas de saída com carrancas, formando tanques laterais. As bacias para animais ficam ao nível do chão e são delimitadas por muretas de pedra. Do lado direito há outro tanque, também com carranca e muro de pedra, que é usado por lavadeiras.

Todo o Chafariz forma um conjunto harmonioso e original que se destaca também por sua localização em terreno plano e amplo.

17.2.11 Casa do Inconfidente Padre Toledo, atual sede da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade - Rua Padre Toledo

a) História

Construção típica do século XVIII, não existem registros sobre a data e a autoria do projeto arquitetônico e das obras de ornamentação, como os oito tetos pintados existentes no edifício.

Sabe-se apenas que em 1777 ali habitava o Cônego Luiz Vieira da Silva. Desse ano até 1789, a casa passou a pertencer ao Padre Carlos Correia de Toledo e Melo, tornando-se então segundo a tradição, local de reuniões dos inconfidentes mineiros.

Em um só pavimento, teve o edifício um acréscimo na parte dos fundo, provavelmente em fins do século passado ou princípios desse. Em 1916, consta ter sido o prédio doado, por Polycarpo Rocha, à municipalidade, sendo adaptado para Prefeitura e depois para Seminário. A 19 de janeiro de 1973 passou a ser a sede da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, sendo então ali instalado o museu da cidade.

A casa do Padre Toledo foi tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN - conforme Inscrição nº 295 - Livro História, fl. 50, em data de 04 de agosto de 1952, e Inscrição nº 405 - Livro Belas Artes, fl.78, de 04 de agosto de 1952.

b) Arquitetura

Excepcional residência setecentista, situa-se em localização privilegiada no Largo do Sol, atual Praça Dom Delfim Guedes, em esquina com a Rua do Sol, atual Padre Toledo, e ao lado da Capela de São João Evangelista.

Com requintados trabalhos de cantaria, a casa tem sua parte maior térrea e, na esquina, eleva-se um corpo assobradado definido por cunhais de pedra e que se organiza na fachada de forma simples, com uma janela com verga abatida, enquadramento em madeira e caixilhos envidraçados. A cobertura é em quatro águas e o beiral tem cachorros.

O corpo mais longo, de um só pavimento, apresenta seis janelas com enquadramento em cantaria, verga abatida e requintadas decorações que descem pelas ombreiras. As janelas são do tipo guilhotina, com caixilhos em branco e envidraçadas. A cobertura tem, igualmente, quatro águas com beiral em cimalha. As paredes são em alvenaria branca e há um embasamento de pedra.

A fachada lateral direita do sobrado tem duas janelas, uma superior e outra inferior, iguais às da fachada principal. Na fachada lateral esquerda, correspondente à entrada, há uma porta com fechamento em duas folhas almofadadas pintadas de azul, verga abatida, tendo ombreiras retas com decoração em guirlandas e volutas. Há uma escadaria de acesso em pedra e três janelas com emolduramento em cantaria, verga reta, fechadas por guilhotina com caixilhos em cinza. As paredes são brancas e o beiral é em beira-seveira. Em frente à essa entrada situa-se um jardim arborizado com uma porta de entrada no canto, para o quintal.

A ampla residência tem cerca de dezoito peças, entre cômodos e corredores, que se interligam e que apresentam soluções variadas para forros, os quais têm pinturas decorativas do maior interesse e com temas variados. O sistema construtivo é misto, em taipa e adobe. A sala de entrada tem forro plano com pintura decorativa sobre fundo branco, da qual restam, apenas, vestígios de cartelas. Há tabela, cimalha e aba e o piso é em tabuado, solução que é comum a todos os cômodos.

Na sala seguinte, o forro é em gamela com pinturas decorativas nos requadros, representando cartelas em vermelho sépia e verde claro, havendo cimalha junto às paredes. Esta sala abre-se para um corredor central a partir do qual se organizam as demais peças, entre as quais deve ser especialmente notado o forro de gamela com pinturas decorativas nos cinco painéis, apresentando alegorias sobre os cinco sentidos e que são enquadrados por rocailles tendo predominância com cimalha marmorizada em ocre, situando-se em uma sala que se abre para

o exterior com duas janelas que, em vez de padieira, têm peças com pinturas decorativas formando rocailles em verde sobre fundo branco e tendo as vergas e ombreiras em marmorizado. As portas têm vergas retas com sanefas em ocre e fechamento em almofada com postigo em azul no lado externo e ocre no interior.

A sala seguinte tem forro reto de tabuado pintado de branco, no centro do qual há um medalhão com as Armas Papais envoltas por rocailles em tons de vermelho, verde e sépia. Há uma cimalha branca marmorizada, aba marmorizada e friso branco.

A janela para o exterior tem, na padieira, uma pintura de rocaille nos mesmos tons do teto e seu fechamento tem, também, postigo. Há sanefa com cimalha branca marmorizada, e bordas em branco com ramos de flores em vermelho. As portas internas têm o mesmo acabamento com sanefa e o enquadramento em madeira pintada de azul.

Contígua a esta, há outra peça, cujo teto é plano e também com pintura decorativa, tendo sobre um fundo beje um medalhão envolto por rocailles em tons de cinza azulado, vermelho e sépia, além de rosas de Malabar. No interior do medalhão está representada uma estranha cena com um casal assentado, sendo o homem bastante amulatado e a mulher está colocando uma guirlanda de flores em um carneiro com dois corpos. No centro a pintura é arrematada com conchóides em vermelho e rocailles em azul e sépia, além de flores. A aba é em marmorizado beje e a cimalha em marmorizado azul e a outra aba em marmorizado vermelho. A janela tem padieira em branco, enquadramento em madeira azul e fechamento em ocre.

Deve ser notada a escada de madeira que leva ao segundo pavimento, com guarda-corpo vazado, sendo que, nesta parte, a estrutura é mista, em pedra e adobe.

Há, ainda, uma sala de jantar que se abre para o

jardim, cujo forro é também em gamela, com cinco painéis os quais tem pinturas em cartelas representando, em cada uma, um tipo de fruta, com predominância das cores vermelho, sépia e cinza. A cimalha e a aba são em marmorizado branco. Em uma das portas há, também, pinturas de cartelas e flores sobre o fundo branco. Devem ser notados dois armários de chanfro com portas em treliças pintadas de ocre e com enquadramento em azul.

Como elemento de ligação, há um outro corredor no qual se situa um armário embutido, sendo o forro plano dividido em dois painéis e com pintura com rocailles, palmas e rosas nos tons de verde, vermelho e sépia. A tabela também tem cartelas no centro, sendo a cimalha marmorizada em verde e com a aba em branco.

Os demais compartimentos têm forros retos de saia e camisa ou esteira. O segundo pavimento se compõe, apenas, de uma sala e dois quartos, com forro reto. Na sala, o forro é de gamela, tendo, sobre o fundo branco de rocailles, guirlandas e cartelas em tons de ocre e vermelho. A cimalha é robusta e apresenta-se em marmorizado branco com a aba em ocre. Os pisos são, também, em tabuado largo. Há, ainda um porão que seria usado para prisão de escravos.

Entre o acervo da Casa deve ser destacada a tela de São Mateus pintada por Manuel da Costa Athaíde em tons de vermelho e azul, bem como um armário, também pintado por Athaíde, com almofadas e acabamento em cimalha.

Outra tela de importância é o quadro de D. Pedro II aos quinze anos pintado por Araujo Porto Alegre. Entre as alfaias e peças de mobiliário, cumpre destacar imagens de Sant' Ana, da Bahia e de Minas, tocheiros, um par de anjos em talha de madeira, oratórios, armários almofadados, uma cadeirinha de arruar, uma imagem de São José de Botas e um relógio de coluna bem como dois outros quadros representando, respectivamente, o Senhor Bom Jesus da Cana Verde e Leitura da Sentença de Tiradentes.

A casa, atualmente em fase de restauração, pertence à Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, que nela instalou um Museu.

17.2.12 Casa com forro pintado na Rua Padre Toledo nº 114

a) Arquitetura

Construção térrea, típica da arquitetura residencial setecentista, apresenta sua fachada organizada por uma porta central e duas janelas, todos os vãos com vergas abatidas e ombreiras retas. O fechamento da porta, que dispõe de aldraba, é almofadado em madeira pintada de azul e as janelas são do tipo guilhotina com caixilhos brancos.

Existe, ainda, uma porta de entrada lateral, protegida por telhas, com verga reta de madeira, tendo o enquadramento pintado em ocre e o fechamento em azul. A cobertura é em duas águas com telhas coloniais e o beiral da fachada é em beira-seveira.

As fachadas laterais são cegas, apresentando apenas beirais com tábuas. Situada no meio do quarteirão, é ligada a outra residência pelo lado esquerdo e dispõe de amplo quintal. A estrutura é em pedra e o sistema construtivo é em adobe.

Na sala da frente há um forro em gamela dividido em cinco painéis, que apresenta os cinco sentidos em pintura policromada, de grande originalidade. Os painéis têm divisões com molduras pintadas de branco e frisos em vermelho. As demais peças têm forro plano de tabuado ou de esteira, sendo o piso também em tabuado. As portas internas apresentam enquadra

mento em madeira pintada de ocre, tem verga reta, e seu fechamento é feito em duas folhas pintadas de azul.

O imóvel foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN - conforme Inscrição nº 482 - Livro Belas Artes - fl. 88, em data de 25 de abril de 1954.

17.2.13 Prédio da Prefeitura Municipal - Praça Berço da Liberdade

a) Arquitetura

Situado no antigo Largo das Forras, esquina com Rua Rezande Costa, este importante sobrado de dois pavimentos é coroado por um sótão de desenho extremamente gracioso. A fachada para o Largo das Forras é definido por dois cunhais de massa em verde claro, com socos de pedra que alcançam toda a sua altura até o beiral em cimalha robusta de massa e com telha de capa e bica pintada na mesma cor. No pavimento térreo aparecem duas portas com verga em arco-abatido, enquadramento em madeira pintado de marrom e fechamento em calha na cor verde. Uma pequena cimalha marca a divisão do pavimento superior, sobre o qual abrem-se três janelas rasgadas por inteiro, com fechamento em postigo e verga de arco-abatido havendo, ainda, uma sobreverga em massa pintada de verde.

Na parte inferior das janelas há elementos decorativos em massa, bem como um guarda-corpo em ferro. As janelas são interligadas por um friso em massa.

Na fachada para a Rua Rezande Costa, o pavimento térreo tem portas iguais às da fachada principal e mais uma com postigo e bandeira em madeira recortada. Aparecem ainda os cunhais em massa pintada de verde claro e pequena cimalha.

No pavimento superior abrem-se quatro janelas rasgadas por inteiro, também iguais às da fachada principal, sendo que o sótão é em forma de T, apresentando cunhais de massa também pintados de verde claro e robusta cimalha sobre a qual podem ser notadas telhas colocadas perpendicularmente à fachada, em solução idêntica à do corpo principal. O sótão apresenta janelas com verga em arco-abatido e enquadramento em madeira pintada de verde escuro, com fechamento em guilhotina com caixilhos brancos. Nas suas faces correspondentes às fachadas para o Largo das Forras e a Rua Rezende Costa, as janelas do sótão tem pequena sobreverga em massa pintada em verde claro.

No interior, as portas se apresentam com verga abatida, enquadramento em madeira pintado em sangue de boi, com fechamento em calha azul. O piso é de tabuado e os forros são em saia-e-camisa e em esteira. Há uma escadaria em três lances, com degraus de madeira e guarda-corpo também em peças de madeira recortada, algumas das quais são originais e apresentam vestígios de pintura. Os diversos cômodos são interligados, apresentando-se, atualmente, sem maiores caracterizações, uma vez que no prédio funcionam também, além da Prefeitura, o Correio, as Secretarias de Turismo e Educação, o Departamento da Fazenda e uma Biblioteca. Entretanto, este sobrado é um dos mais importantes de Tiradentes, não só por sua privilegiada localização mas, especialmente, por suas belas proporções.

17.2.14 Prédio da Cadeia Pública - Delegacia de Polícia - Rua Getúlio Vargas

a) História

Construída por volta de 1730, a casa foi incendiada em 1829, sendo restaurada pouco depois, em 1835, conservando sua estrutura, portais e grades.

b) Arquitetura

Situada na esquina da antiga Rua Direita com a Rua da Cadeia, é uma sólida construção, cuja fachada principal é térrea, sendo que, lateralmente, apresenta porão. Tendo um embasamento de pedra, a fachada principal se organiza com quatro janelas e uma porta central. Os vãos têm verga abatida e enquadramento em pedra, sendo que as janelas dispõem de grade de ferro e a porta central de duas folhas em almofadado. A cimalha e os cunhais são de massa, devendo ser notados, nos últimos, socos de pedra. Há lampiões nos cunhais, com mão francesa trabalhada e, junto ao cunhal da fachada da Rua Direita, há um portão em ferro em mau estado de conservação.

O acesso à porta principal é feito por quatro degraus de pedra.

A cobertura é em quatro águas e a fachada para a Rua da Cadeia, embora inclinada seguindo o declive do terreno, é também resolvida por quatro janelas gradeadas iguais às da fachada principal.

A Cadeia fica em frente à Capela de Nossa Senhora do Rosário e nela também funciona a Delegacia de Polícia.

É interessante notar que trata-se de prédio isolado, contrariando a solução usual dos tempos coloniais, quando eram construídas as chamadas Casas de Câmara e Cadeia.

17.2.15 Prédio do Forum - Rua Herculano Veloso, nº 53

a) História

Não foram localizados elementos documentais referentes à época da construção da edificação, que se supõe ter sido erguida para Casa de Câmara da Vila de São José del-Rei. Mais tarde, por algum tempo, serviu de Forum da cidade e, atualmente, funciona como jardim de infância, pertencente à paró-

quia de Santo Antônio.

b) Arquitetura

Esta construção térrea destaca-se pela ampla varanda que é sustentada por seis colunas de madeira e pedra, tendo balaustrada de ferro batido e acesso por meio de uma escadaria em pedra. As colunas têm capitéis simples em madeira e sustentam arcos-abatidos, sendo que, sobre o central, destaca-se um escudo bastante trabalhado com as Armas da República. O beiral na parte da frente é em cimalha, e nas laterais apresenta cachorros. Entre as arcadas aparecem pequenos elementos dedorativos que se prolongam também na cimalha do beiral. A cobertura é em telhas coloniais com quatro águas. Na varanda, o piso é de pedra e o forro de tabuado apresentando cinco divisões, bem como aba e cimalha.

Na fachada abrem-se três portas e quatro janelas com verga abatida e enquadramento em madeira e fechamento em folhas almofadadas simples. As salas da frente, tanto a principal quanto as laterais, têm forro de gamela em tabuado pintado de branco, havendo junto à parede uma cimalha com elementos decorativos em folhas de acanto e gotas.

Devem ser notados os pisos em pinho de Riga, sendo as paredes pintadas em branco e o sistema construtivo o adobe.

17.2.16 Casa da Cultura - Rua Padre Toledo nº 158

a) Arquitetura

Típica construção residencial da época colonial, esta casa térrea tem sua fachada organizada por três janelas e uma porta, sendo que todos os vãos apresentam vergas abatidas e enquadramento em madeira cinza. O fechamento das janelas é de guilhotina com caixilhos brancos, sendo aparente seu embasamento de pedra.

Internamente, a planta se dispõe de forma compacta com quatro peças que se interligam e duas das quais se situam na fachada principal. Ao fundo há uma grande varanda que se abre para um jardim que seria o antigo quintal, e onde há um cômodo construído recentemente com cozinha e instalação sanitária.

Os forros são do tipo "saia-e-camisa" e o Piso em tabuado em todas as peças exceto na varanda que tem forro de esteira e piso em tijolos. O forro da menor sala da parte da frente tem pintura decorativa representando um medalhão central de nuvens azuis e em cujo centro há uma figura com os símbolos das virtudes teológais. Em volta há uma moldura em cuja aba aparecem cartelas com flores em preto e vermelho sobre o fundo cinza. A cimalha é em marmorizado vermelho, marrom e cinza e a aba em marmorizado marrom dispondo também de um friso. A pintura é do século XIX e de autor desconhecido. As portas internas têm verga reta e padieira armada com madeira, sendo o fechamento também em madeira encerada, porém duas delas mostram vestígios de pintura vermelha e azul.

A casa da Cultura foi organizada pela Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade e em seu acervo devem ser notados um banco com espaldar recortado, um óleo de Guignard e três estudos de Portinari.

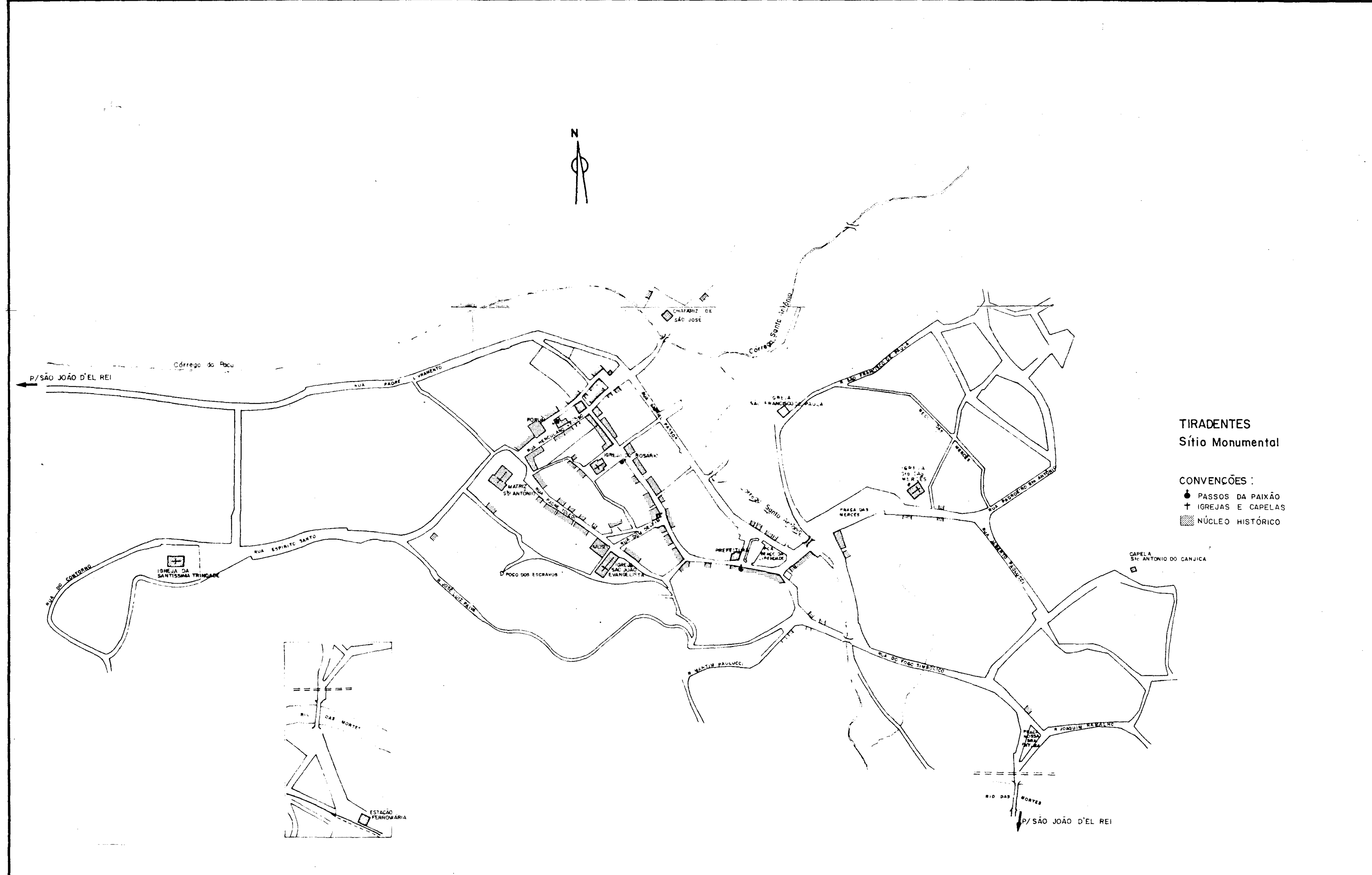
17.2.17 Prédio onde funciona o mercado

a) Arquitetura

Construção térrea, bastante interesante em sua composição, embora em péssimas condições. Sua fachada organiza-se entre dois cunhais, tendo como elemento central um amplo portão com arco pleno, aos lados do qual ficam geminadas, duas portas, com verga abatida e sobreverga em massa. O enquadramento é de madeira e o fechamento por folhas de almofadas simples. Acima de cada uma das portas fica um painel terminado por uma

pequena cimalha, também em massa. Lateralmente existem outras duas portas com os mesmos acabamentos e características. Uma cimalha reta, com telhas, arremata esta parte inferior da fachada, que é completada por um frontão reto nas laterais e com a parte central em perfil caprichoso, tendo como acabamento telhas transversais à fachada. No seu centro abre-se pequena janela envidraçada e sobre duas das quatro portas há lampiões simples.

O interior apresenta, também, péssimas condições tanto quanto à limpeza como quanto à pintura.



FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral
ATP _ ASSESSORIA TÉCNICA DA PRESIDÊNCIA

CIRCUITO DO OURO
CAMPOS DAS VERTENTES

Título TIRADENTES SÍTIO MONUMENTAL	Data MAIO/81	Fonte Fund. João Pinheiro Acs. Técnica da Presidência ATP	MAPA Nº
DMSA - Serviço de Desenho Ruth Diniz	Escala 1:4000	Base: Planta fornecida pela COPASA (1950)	6

18 BIBLIOGRAFIA

1 AIRES DE CASAL, Manuel, Padre. Chorografia brasileira. Rio de Janeiro, INL, 1945. t.1.

2 ALVARENGA, Luis de Melo. Igrejas de São João del-Rei. Petrópolis, Vozes, 1963.

3 ____. Pontes de pedra de São João del-Rei. Separata Vozes, Petropolis, 56: 592-8, ago. 1962.

4 ANDREONI, João Antônio. Cultura e opulência do Brasil (texto da edição de 1711). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.

5 ARAUJO, J. de Souza Azeredo Pizarro e. Memórias históricas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

6 ASSENTO da junta sobre a creação das Villas de São Bento de Tamandua, Queluz e Barbacena. Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horizonte, 19 (3/4):883-4, jul./dez. 1904.

7 AUTOS da creação da Villa de Barbacena na Comarca do Rio das Velhas. Revista do Archivo Publico Mineiro, Ouro Preto, 1(1):119-25, jan./mar. 1896.

8 BAHIA, Secretaria da Indústria e Comércio. Monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina. In: ____. IPAC-BA - inventário de proteção do acervo cultural da Bahia. Salvador, 1980. v.4.

9 BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte, SATERB, 1971.

10 BARREIROS, Eduardo Canabrava. As vilas Del-Rei e a cidadania de Tiradentes. s.n.t.

11 BAZIN, Germain. L'architecture religieuse baroque au Brésil. Paris, Libraire Plon, 1956. t.2.

12 BOXER, C.R. A idade do ouro do Brasil; dores de crescimento de uma sociedade colonial. 2.ed. rev. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969. (Brasiliana, 341).

13 BRAGA, Ernesto da Silva. Município do Turvo. Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horizonte, 10(1/2):26-36, jan./jun. 1905.

14 BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho; 1867. Belo Horizonte, Itatiaia, 1976.

15 A CAMARA de S. João d'El-Rey a D. João V. Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horizonte, 6:812-5, 1899.

16 CAPRI, Roberto. O estado de Minas Geraes; 1918. s.n.t.

17 CARNEIRO, Edison. O negro em Minas Gerais. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 2., Belo Horizonte. Belo Horizonte, UFMG, 1956. p.5-22.

18 CASTRO, Antonio Barros de. Sete ensaios sobre a economia brasileira. Rio de Janeiro, Forense, 1975. v.2.

19 COSTA, Joaquim Ribeiro. São João del Rei. In: ___. Toponímia de Minas Gerais; com estudo histórico da divisão territorial administrativa. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1970. p.382-3.

20 COSTA, Lucio. A arquitetura de Antonio Francisco Lisboa revelada no risco original da capela Franciscana de São João del-Rei. Revista do PHAN-MES, Rio de Janeiro (15): 11-21, 1951.

21 CREAÇÃO de villas no período colonial. Revista do Archivo Público Mineiro, Ouro Preto, 2(1):89-107, jan./mar. 1897.

22 DADOS estatísticos sobre a população da freg.ª de S.to An.to da V.ª de S. José do Rio das Mortes em 1795. Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horizonte, 8(1/2):623-4, jan./jun. 1903.

23 DEL NEGRO, Carlos. Contribuição ao estudo da pintura mineira. Rio de Janeiro, Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1958. 160 p. (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publicação, 20)

24 ___. Escultura ornamental barroca do Brasil; portadas de igrejas de Minas Gerais. /Belo Horizonte/ UFMG, Escola de Arquitetura, 1961. v.1.

25 DIVISAS primitivas de Marianna e Villa de S. José. Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horizonte, 5(1/2): 227-31, jan./jun. 1900.

26 DORNAS FILHO, João. Tropas e tropeiros. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 1., Belo Horizonte, 1956. Belo Horizonte, UFMG, 1957. p.89-127.

27 ELLIS, Myriam. Contribuição ao estudo do abastecimento das áreas mineradoras do Brasil no século XVIII. /Rio de Janeiro/ Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação /1961/. 68p.

28 ENTRE RIOS. Annuário Historico-Chorographico de Minas Geraes, Bello Horizonte, 3: 449-54, 1909.

29 FALCÃO, Edgard de Cerqueira. Relíquias da terra do ouro. São Paulo, F. Lanzara, 1946.

30 FERREIRA, J.C. Soares. Notas históricas; Igreja da Nossa Senhora da Boa Morte (A-1794-99). O Sericultor, Barbacena, 19 mar. 1922.

31 FESTAS mandadas fazer na Villa de Barbacena, da capitania de Minas Geraes do Brasil, possessão portugueza, por occasião da condemnação dos inconfidentes da conjuração mineira. Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horisonte, 6:638-41, 1901.

32 FRANCO, A.A. de Melo; MAIA, Tom; MAIA, T.R. de Camargo. São João del Rei e Tiradentes. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

33 FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, Belo Horizonte. Centro de Desenvolvimento Urbano. Estudos preliminares e diretrizes de desenvolvimento. In: ___. Microrregião dos Campos das Vertentes /Belo Horizonte, 1977/v.1.

34 GARDEN, C. Barbacena. Rio de Janeiro, Oficinas de A Noite, 1940.

35 GOULART, José Alípio. Tropas e tropeiros na formação do Brasil. Rio de Janeiro, Conquista, 1961.

36 GUIMARÃES, Fábio Nelson. Formação histórica de São João del Rei; São João del Rei, São João del Rei Artes Gráficas S/A, 1961

37 ___. Informações turísticas sobre a cidade de Tiradentes. /Tiradentes, Prefeitura Municipal/ 1968.

38 ___. O município de São João del Rey aos 250 anos de sua criação 1713/1963. São João del Rei, Typ. Progresso, 1963.

39 IBGE, Rio de Janeiro. São João del Rei. In: ___. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, 1959. v.27, p. 224-32.

40 IBGE, Rio de Janeiro. Conselho Nacional de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento. Estado de Minas Gerais; censo demográfico. Rio de Janeiro, 1954. (Série Regional, v.21, t.1).

41 IGLÉSIAS, Francisco. Política econômica do governo provincial mineiro 1835/1889. Rio de Janeiro, INL, 1958. 231 p.

42 JACOB, Rodolpho. Minas Geraes no XX9 seculo. Rio de Janeiro, Gomes, 1911, v.1.

43 LAVRAS. Annuario de Minas Gerais, Bello Horizonte, 6(2): 843-82, 1918.

44 LENHARO, Alcir. As tropas da moderação: o abastecimento da corte política do Brasil 1808-1842. São Paulo, Símbolo 1979.

45 LIMA, Heitor Ferreira. História político-econômica e industrial do Brasil. 2.ed. atualizada. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976. (Brasiliana, 347).

46 LIMA JUNIOR, Augusto de. A capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte, Itatiaia, 1978.

47 LOPES, José da Paz. Uma corporação religiosa; vida e obra da venerável Ordem Terceira de N.S. do Monte do Carmo, da Vila de São João del-Rei, durante os séculos XVIII e XIX, segundo seu arquivo (I). Revista de História, São Paulo (93):97-113, 1973.

48 ____. Uma coorporação religiosa; vida e obra da venerável Ordem Terceira de N.S. do Monte do Carmo, da Vila de São João del-Rei, durante os séculos XVIII e XIX, segundo seu arquivo (II) (conclusão). Separata Revista Histórica, São Paulo (101):127-66, 1975.

49 LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975. 435 p. (Col. Reconquista do Brasil, 21).

50 MAGALHÃES, Hildebrando de. As duas pontes de pedra de São João del Rey. S. João del Rey, Typ. Com., 1926.

51 MARTINS, A. de Assis & OLIVEIRA, J. Marques de. Almanak administrativo, civil e industrial da província de Minas Geraes para o anno de 1864. Rio de Janeiro, Typ. Actualidade, 1864.

52 MARTINS, Judith. Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro, IPHAN, 1974. 2v. (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publicação, 27)

53 MATOS, Raimundo José da Cunha. Corografia histórica da província de Minas Gerais: 1837. Belo Horizonte, Archivo Público Mineiro, 1979. v.1. (Arquivo Público Mineiro. Publicação, 3).

54 MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil. Belo Horizonte, Itatiaia, 1978.

55 MELLO, J. Soares de. Emboabas; crônicas de uma revolução nativista. São Paulo, São Paulo ed., 1929.

56 MENEZES, Ivo Porto de. Documentação referente a Minas Gerais existente nos arquivos portugueses. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, 26:121-303, maio 1975.

57 MINAS de ouro em Lagôa Dourada. Revista do Arquivo Publico Mineiro, Bello Horizonte, 20:64-5, 1924.

58 MINAS GERAIS. Leis, decretos, etc. Lei 1.902 de 7 de outubro de 1860. Collecção de Leis da Assembléa Legislativa da Provincia de Minas Geraes de 1860, Ouro Preto, 26(1):100, 1861. Carta de Lei que eleva a Cidade a villa de S. José d'El-Rei, com a mesma denominação.

59 MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Município de São João d'El-Rey. In: ___. Atlas chorographico municipal. Bello Horizonte, Imprensa Official, 1926. v.2, p. 273-6.

60 MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. As igrejas setecentistas de Minas. Belo Horizonte, Itatiaia, 1964.

61 MUN. DE LAVRAS. Annuario de Minas Geraes, Bello Horizonte, 5:508-15, 1913.

62 MUNICIPIO DE BARBACENA. Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horizonte, 13:11-38, 1908.

63 MUNICIPIO DE TIRADENTES. Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horisonte, 5(1/2):93-108, jan./jun. 1900.

64 A OFICINA musical de Prados. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 ago. 1979. p. 21.

65 PAULA, Floriano de. Prados; tradição de indústria manual. Folha de Minas, Belo Horizonte, 6 jan. 1954. p.5.

66 PIMENTA, Demerval José. Caminhos de Minas Gerais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971

67 PIMENTEL, Aureliano Pereira Corrêa. Apontamentos sobre o município de S. João d'El-Rei. Rio de Janeiro, Typ. e lith de Moreira, Maximiano e C., 1881

68 POHL, Johann Emmanuel. Viagem ao interior do Brasil. Belo Horizonte, Itatiaia, 1976.

69 PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil contemporâneo. 14 ed. São Paulo, Brasiliense, 1976. 390p.

70 PRADOS. Annuario de Minas Gerais, Bello Horizonte, 6(2): 1231-3, 1918.

71 PRADOS. Annuario Histórico Chorographico de Minas Geraes, Bello Horizonte, 3:868-9, 1909.

72 RESENDE COSTA. Annuario de Minas Geraes, Bello Horizonte, 6(2):1249-55, 1918.

73 RODRIGUES, José Antonio. Apontamentos da população, topographia e noticias chronologicas do municipio da cidade de S. João del-Rei; provincia de Minas Geraes. S. João del-Rei, Typ. de J.A. Rodrigues, 1859.

74 S. JOSÉ D'EL-REY. Revista do Archivo Publico Mineiro, Ouro Preto, 2:45-53, 1897.

75 S. JOSÉ D'EL-REY. Revista do Archivo Publico Mineiro, Ouro Preto, 2: 92, 1897.

76 SAINT-HILAIRE, Augusto de. Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo; 1822. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974. (Col. Reconquista do Brasil, 11).

77 ____. Viagem às nascentes do Rio São Francisco. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.

78 ____. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.

79 ____. Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974. 233p. (Col. Reconquista do Brasil, 5).

80 SALLES, Fritz Teixeira de. Introdução. In: ___. Associações religiosas no ciclo do ouro. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1963. p. 9-30.

81 SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Guia da cidade de Tiradentes; antiga Vila de São José do Rio das Mortes. Tiradentes, s.ed., 1977.

82 SÃO JOÃO D'EL-REY. Annuario Histórico-Chorographico de Minas Geraes, Bello Horizonte, 3:955-67, 1909.

83 SILVEIRA, Victor org. Minas Geraes em 1925, Bello Horizonte, Imprensa Official, 1926. 1492p.

84 SINGER, Paul. Desenvolvimento econômico e evolução urbana. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

85 SPIX, J.B. von & MARTINS, K.F.K. von. Viagem pelo Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. v.1.

86 TIRADENTES. Annuario Historico-Chorographico de Minas Geraes, Bello Horizonte, 3:1062-6, 1909.

87 TOULEDO, Francisco de Paula. Fundação das cidades de S. João e S. José de El-Rey; descoberta de Minas por tauba teanos. Revista do Archivo Publico Mineiro, Bello Horizonte, 20:112-3, 1924.

88 TRINDADE, Raimundo, Cônego. Instituições de igrejas no bispado de Mariana. Rio de Janeiro, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1945. (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Publicação, 13).

89 TURVO. Annuario de Minas Gerais, Bello Horizonte, 6(2): 1547-62, 1918.

90 TURVO. Annuario Histórico-Chorographico de Minas Geraes, Bello Horizonte, 3:1077-80, 1909.

91 VASCONCELOS, Diogo de. História antiga de Minas Gerais. 4. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974. v.1.

92 VASCONCELOS, Sylvio de. Mineiridade; ensaio de caracterização. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1968.

93 VIEGAS, Augusto. Notícias de São João del Rei. 2 ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1953. 232p.

DOCUMENTAÇÃO ARQUIVÍSTICA

Arquivo da Casa Paroquial, Andrelândia. Livro de tombo. 10 de janeiro 1922.

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana. Livro de visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade. 1821/1826.

Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte (APM). Relatórios do Pároco Felisberto Roiz e Milagres, em resposta à circular do presidente da província José Ildefonso de Souza Ramos. 17 de junho de 1894.

Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte (APM). Relatório do Pároco Joaquim Camillo de Brito, em resposta à circular do presidente da província José Ildefonso de Souza Ramos. 8 de maio de 1849.

Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte (APM). Relatório do Vigário Encomendado Joaquim Leite de Araujo em resposta à circular do presidente da província José Ildefonso de Souza Ramos.

Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte (APM). Relatório do Vigário José Bonifácio dos Santos, em resposta à circular do presidente da província José Ildefonso de Souza Ramos.

Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte (APM). Relatório do Vigário José Dias Custódio, em resposta à circular do presidente da província José Ildefonso de Souza Ramos. 25 de maio de 1839.